

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CAMPUS SOROCABA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E BIOLÓGICAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E EDUCAÇÃO

THOMAS VICTOR BARRETO CARDOSO

CONSTRUÇÃO DAS TRANSMASCULINIDADES:
memórias e narrativas

SOROCABA -SP
2022

THOMAS VICTOR BARRETO CARDOSO

CONSTRUÇÃO DAS TRANSMASCULINIDADES: memórias e narrativas

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos da Condição Humana, do Departamento de Ciências Humanas e Educação da Universidade Federal de São Carlos, campus Sorocaba, para obtenção do título de mestre em Estudos da Condição Humana.

Orientadora: Kelen Christina Leite

Sorocaba-SP
2022

Cardoso, Thomas Victor Barreto

Construção das transmasculinidades: memórias e narrativas / Thomas Victor Barreto Cardoso -- 2022. 101f.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de São Carlos, campus Sorocaba, Sorocaba
Orientador (a): Kelen Christina Leite
Banca Examinadora: Kelen Christina Leite, Josefina de Fatima Tranquilin Silva, Viviane Melo de Mendonça
Bibliografia

1. Interdisciplinar. 2. História Oral. 3. Transmasculinidades. I. Cardoso, Thomas Victor Barreto. II. Título.

Ficha catalográfica desenvolvida pela Secretaria Geral de Informática (SIn)

DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR

Bibliotecário responsável: Maria Aparecida de Lourdes Mariano - CRB/8 6979



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
Centro de Ciências Humanas e Biológicas
Programa de Pós-Graduação em Estudos da Condição Humana

Folha de Aprovação

Defesa de Dissertação de Mestrado do candidato Thomas Victor Barreto Cardoso,
realizada em 22/02/2022.

Comissão Julgadora:

Prof. Dra. Kelen Christina Leite (UFSCar)

Prof. Dra. Josefina de Fatima Tranquilin Silva (ARDPEAAC)

Prof. Dra. Viviane Melo de Mendonça (UFSCar)

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001. O Relatório de Defesa assinado pelos membros da Comissão Julgadora encontra-se arquivado junto ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Condição Humana.

DEDICATÓRIA

A todos que vieram antes de mim e não tiveram a oportunidade de contar sua própria história. Para aqueles que deram suas vidas na luta pelo direito de ser quem somos, pela liberdade e diversidade. A meus irmãos e irmãs que fazem da sua existência um ato de resistência ao *Cistema*.

AGRADECIMENTO

Agradeço, primeiramente, a Deus e os Orixás que, me mantiveram de pé em todos os momentos, antes e durante a pesquisa. Agradeço meu pai José Pelintra e aos Mestres, que cuidam dos meus caminhos, sempre me deram força para resistir, me respeitam e fortificam todos os dias.

Agradeço imensamente aos meus pais, pois, durante toda minha vida apoiaram-me, forneceram-me todas as ferramentas necessárias para que eu pudesse estudar, sonhar e ser eu mesmo.

Agradeço também a minha noiva Izabella, por ter me incentivado e compartilhado opiniões/ideias comigo.

E não posso deixar de agradecer a minha orientadora, doutora e professora Kelen, pela paciência, por ter acreditado em mim e no meu trabalho desde o começo. Ela sempre me ajudou em cada passo de forma muito presente e dedicada.

Agradeço também aos meninos que fazem parte desse trabalho, dispondo do seu tempo e abrindo sua vida para que esse trabalho ficasse rico e representativo.

Agradeço também a CAPES pelo financiamento dessa pesquisa, demarcando a importância de se investir nas ciências humanas, que devido o cenário atual tem sido cada vez mais precarizada. O investimento na pesquisa é uma forma de proporcionar oportunidades de inovações tecnológicas e desenvolvimento do país em diferentes áreas. Financiar pesquisas como esta, feita por/sobre pessoas transgêneras é fundamental para o combate a transfobia, em assegurar o acesso e permanência dessa população na academia, ainda é um lugar bastante cisnormativo e colonial.

*Eu não odeio meu corpo.
Eu não nasci no corpo errado.
Não me venha falar que ele é inadequado.
Se eu mudo é para melhorar o que sinto
Que eu possa ser melhorado
Se eu mudo é porque a mudança faz parte da vida
E eu não quero me sentir parado.
Cada forma.
Cada traço. São todos pedaços de quem eu sou.
Comecei só como um rabisco.
Agora estou transcendendo o padrão fabricado.
E ninguém tem nada com isso.
E não tem nada de errado.
Eu sou eterno rascunho da vida.
Nunca vou ser terminado.
Apaga.
Refaz.
Tira.
Acrescenta.
Só não deixa igual, porque aí ninguém aguenta.
Eu não odeio meu corpo.
Eu não nasci no corpo errado.
Sou eterno rascunho da vida, estou aqui
Para ser melhorado
Na eterna busca do buscar por toda eternidade.
Rabisco
Rascunho
Desenho
Obra prima
Transbordando
Transcendendo
Transgredindo
Apenas sendo mais eu
Mais meu a cada dia*

Bernardo Enoch Mota, 2017

RESUMO

A partir dos anos 1970, os estudos acerca das masculinidades ganharam força, impulsionados, principalmente, pelo movimento feminista e movimento em defesa da diversidade sexual. Mas só nas últimas duas décadas, começaram a ser incluídos nesses estudos sobre masculinidades, as identidades transmasculinas. O objetivo dessa pesquisa é analisar a construção dessas masculinidades em indivíduos que se identificam como transmasculinos, através de suas narrativas e memórias. Refletir sobre a forma com que essas identidades são incorporadas diretamente e indiretamente por eles, transformando comportamentos e fisionomias para atingir um ideal masculino hegemônico, em uma tentativa de pertencimento, ou se rejeitam, como forma de resistência. Bem como, a possibilidade da criação de novas formas de vivenciar a masculinidade fora da visão dicotômica de sexo-gênero. Como metodologia foi adotada a da história oral temática, para colocar em foco as memórias e vivências desses indivíduos, e seu processo de construção e desconstrução junto a uma revisão bibliográfica. Utilizando de autores como Michael Foucault (2018;2019), Berenice Bento (2011; 2017), Guacira L. Louro (2015; 2018), Paul B. Preciado (2018), Raewyn Connell (1995; 2013; 2015), Benedito Medrado (2008), Pedro P. de Oliveira (2004), João Nery (2013;2017) e Guilherme Almeida (2012) para aprofundamento teórico nas discussões acerca de gênero, masculinidades, corpo, identidade e violência de gênero. Nas narrativas, foi percebido que mesmo entendendo a masculinidade como uma construção social ainda há influência dela na produção de suas subjetividades e corporeidade. Além da reprodução de padrões de gênero de forma direta e indireta como forma de proteção e/ou tentativa de pertencimento.

Palavras-chave: Transmasculinidades; Corpo; Memórias; Masculinidades.

ABSTRACT

From the 1970s onwards, studies on masculinities gained strength, driven mainly by the feminist movement and the movement in defense of sexual diversity. But only in the last two decades, transmasculine identities began to be included in these studies on masculinities. The objective of this research is to analyze the construction of these masculinities in individuals who identify themselves as transmasculine, through their narratives and memories. Reflect on the way in which these identities are incorporated directly and indirectly by them, transforming behaviors and physiognomies to achieve a hegemonic masculine ideal, in an attempt to belong, or reject themselves, as a form of resistance. As well as the possibility of creating new ways of experiencing masculinity outside the sex-gender dichotomous view. As a methodology, thematic oral history was adopted, to focus on the memories and experiences of these individuals, and their process of construction and deconstruction together with a bibliographic review. Using authors such as Michael Foucault (2018; 2019), Berenice Bento (2011; 2017), Guacira L. Louro (2015; 2018), Paul B. Preciado (2018), Raewyn Connell (1995; 2013; 2015), Benedito Medrado (2008), Pedro P. de Oliveira (2004), João Nery (2013;2017) and Guilherme Almeida (2012) for theoretical deepening in discussions about gender, masculinities, body, identity and gender violence. In the narratives, it was noticed that even understanding masculinity as a social construction, there is still influence of it in the production of their subjectivities and corporeity. In addition to directly and indirectly reproducing gender patterns as a form of protection and/or an attempt to belong.

Keywords: Transmasculinities; Body; Memoirs; Masculinities;

LISTA DE SIGLAS

ABHT – Associação Brasileira de Homens Trans

ANTRA – Associação Nacional de Travestis e Transexuais

ATS – Associação Transgêneros de Sorocaba

IBRAT – Instituto Brasileiro de Transmasculinidades

IBTE- Instituto Brasileiro Trans de Educação

LGBTQIA+ – Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Queer, Intersexo, Assexual

UFSCar – Universidade Federal de São Carlos

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	12
2. O MOMENTO DE TECER HISTÓRIAS	17
2.1 DESAFIOS ENFRENTADOS PELA PANDEMIA	22
3. PAULO: “NÓS SOMOS A EVOLUÇÃO DO MUNDO”	26
4. CAUÃ: RESSIGNIFICANDO MEU PAPEL	39
5. GABRIEL: A INCLUSÃO FAZ A DIFERENÇA	51
6. GÊNERO, MASCULINIDADES E SEUS BASTIDORES	63
6.1 NÃO SE NASCE HOMEM? COMO SE CONSTRÓI UM?	65
6.2 O HOMEM IDEAL	67
6.3 MASCULINIDADES TRANSGRESSORAS NO BRASIL.....	71
6.4 DEIXAR-SE AFETAR.....	75
7. CORPO: EXOESQUELETO DA SUBJETIVIDADE	78
7.1 O CORPO IMPORTA E EXPORTA!	79
7.2 A “TAL” DA MASCULINIDADE EM CORPOS TRANSMASCULINOS	80
7.3 MASCULINIDADES LÍQUIDAS	85
7.4 OUTRAS POSSIBILIDADES DE SER.....	92
8. CONSIDERAÇÕES FINAIS	95
9. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	97
10. ANEXOS A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (MODELO)	103

1. INTRODUÇÃO

Eu não poderia deixar de trazer uma explicação dos motivos pelos quais optei por pesquisar sobre transmasculinidades, apesar de, talvez, parecer óbvio vindo de um pesquisador transmasculino. Porém, esse breve memorial além de justificar minha escolha, também oferece uma abertura da minha própria vivência, experiência para que possamos nos encontrar na encruzilhada e observar como tudo se faz um. Pois, como nos ensina Megg Rayara Oliveira “Curvas e encruzilhadas não são obstáculos: são possibilidades de encontros.” (NASCIMENTO, 2021).

Importante, elucidar o conceito de transmasculinos a ser trabalhado aqui, sendo ele um espectro que engloba múltiplas identidades como homens trans, transmasculines, boycetas, transhomens. Enfim, pessoas que foram designadas como mulheres ao nascer, mas se reconhecem como homens. Assim como, reconheço a transmasculinidade como o modo em que esses homens transgêneros vivenciam, performam e concebem a masculinidade dentro de sua realidade.

Deste modo, essa pesquisa surge de uma necessidade acadêmica, social, política, mas, também, por uma inquietude pessoal de alguém que se viu nas entrevistas e nos conceitos, que se construiu e desconstruiu junto à escrita. O que é ser homem? O que eu sou? Quando fui ou deixei de ser? Talvez, não seja um questionamento feito com frequência por pessoas cisgêneras, mas deveria. Passamos a vida inteira sendo lapidados socialmente para nos encaixarmos em todos os moldes hegemônicos e, quando ocorre um questionamento ou subversão disso, é como se ocorresse um erro de fábrica e há um descarte, como se fossemos objetos defeituosos.

Então, como a maior parte da sociedade, sempre entendi que ser homem estava exclusivamente ligado a ter pênis e, diante disso, quando criança imaginava que se um dia tivesse a oportunidade de fazer um pedido a uma força mágica ou maior, como a estrela do *Pinocchio*¹, pediria para ter um pênis, logo, ser um menino. Mas, diante da impossibilidade recorria a outras formas de me fazer “menos menina” ou simplesmente invisível. Vestia, então, roupas “masculinas” e brincava com todos os tipos de brinquedos, no entanto, tinha um maior apreço pelos carrinhos e bonecos “masculinos”, assim como brinquedos agêneros, como quebra-cabeças.

¹ Referência ao filme da Disney (1940).

Minha rejeição aos estereótipos femininos nunca fora enunciada como não querer ser menina, e sim, como um desconforto que eu tinha em usar roupas mais justas ou deixar o cabelo solto. Meus pais sempre foram muito compreensivos com minhas vontades inusitadas, respeitavam meu desconforto na medida do possível, ainda que fosse algo estranho e confuso para eles. Claro que, desde cedo iniciei a frustração deles em relação às expectativas criadas sobre o meu corpo e tudo que ele poderia fazer de mim. Em todos os estereótipos de feminilidade construídos antes mesmo do meu nascimento, todos os planos para minha vida mal iniciada. Imagino que isso tenha gerado neles um sentimento de confusão e, talvez, culpa.

Nessa tentativa de me tornar invisível, me fiz uma criança solitária e a passar tempo com os animais que sempre foram uma paixão, afinal sou um filho de Oxóssi. Minha aspiração era me tornar um cientista e quando eu pude fazer a escolha do que iria cursar, escolhi a Biologia. Ingressei em uma universidade pública, a UFSCar de Sorocaba, a mesma que curso esse mestrado, e esta foi um marco na construção do que sou hoje por tantos motivos que talvez não consiga enumerá-los.

Além da balbúrdia [risos], a universidade me proporcionou um leque de diversidade, estourando a bolha que eu vivia para debates de política, gênero, sexualidade, raça, classe social e tantas outras coisas que minha manta de privilégio não tinham me permitido sentir. E claro, tudo também dependeu de me deixar tocar, ouvir e observar. Fazer licenciatura, em um país que desvaloriza a educação e professores foi um desafio. Porém, quanto mais difícil o cenário ficava, mais entendia meu papel naquilo tudo. Fui fazer biologia porque queria trabalhar no zoológico, cercado de animais, era o meu sonho, independente da função, mas terminei minha graduação em 2018 com uma pesquisa sobre sexualidade.

Inclusive, falando sobre a graduação, em diversos momentos me senti entre a encruzilhada, os caminhos iam se abrindo de forma mais rápida do que eu poderia imaginar, as possibilidades eram muitas. No meio de tantas disciplinas pedagógicas e específicas, tive duas muito especiais com a professora Viviane Mendonça, elas proporcionaram espaços de muito conhecimento, aceitação e aproximaram a psicologia de temas necessários como gênero e sexualidade. Assim como, seu grupo de estudos, o NEGDS (Núcleo de Estudos de Gênero, Diferenças e Sexualidades), um agrupamento de pessoas de diferentes áreas que leem e debatem sobre feminismo, política, gênero e sexualidade. Foi onde tive meu primeiro contato com Butler e tantas autoras e autores

que hoje são essenciais. Dentro dos 5 anos que passei na graduação, aquelas foram as únicas disciplinas que se dedicaram a discutir sobre esses temas tão importantes. Sigo aqui com um apelo a vocês leitores, que lutem pela inclusão de discussões sobre gênero, sexualidade e outros tabus dentro da universidade, das escolas e espaços de aprendizagem não formais.

O sonho de estar no zoológico não morre, mas dá espaço às urgências da minha identidade, que foram se movimentando, desconstruindo, construindo por meio dos buracos que precisava preencher. Falar sobre a sexualidade e gênero era uma delas, uma lacuna imensa que precisava ser preenchida dentro e fora de mim, por isso, me senti no dever de guerrear: descobrir minha sexualidade; sair do armário durante esse processo, longe de casa, longe de tudo que era confortável e conhecido. No final da graduação, entendi que eu poderia sim ser algo que não fosse mulher, eu não precisava estar preso às marcas do meu corpo. Então, mais uma vez, eu saí do armário com a minha transição de gênero.

E ela causou grandes conflitos internos que abordaram diversos aspectos da minha vida, mas, principalmente, se concentravam em “ser homem”. Aquela figura carregada de estereótipos e violência. Como eu poderia ser e aceitar isso, logo eu que tinha vivido longos 22 anos com a violência de gênero sofrida pelas mulheres?! Como eu me deslocaria para um lugar que nunca me foi possível, que nunca respeitou a mim ou as diversas mulheres que encontrei?! Me entender como homem foi um processo lento e doloroso, pois exigiu uma desconstrução da ideia de masculinidade hegemônica e violenta dos estereótipos masculinos. Buscando entender as diversas formas de ser e viver enquanto um homem, ou inclusive, continuar como estava.

Evidentemente, a sociedade te impulsiona a incorporar comportamentos e elementos físicos entendidos como masculinos para te reconhecer como tal e, não consegui escapar de todos. Nunca me entendi no corpo errado, mas tive desejo de modificar meu corpo, algo que já almejava inconscientemente, mesmo sem compreender que existia a possibilidade de ser. Optei pela hormonização logo de início e, tive recursos financeiros para isso, caso contrário, talvez tivesse demorado muito mais tempo. Não tive o apoio de prontidão dos meus pais, no entanto, impedimento não houve. Sempre fomos muito de conversar e tentar resolver, sei que foi muito difícil para eles compreenderem todo o processo que eu estava passando, e de certa forma eles também estavam atravessando seus próprios processos.

A hormonização me proporcionou a mudança física e social, que eu almejava. No início, mensalmente, registrava, por fotos, as mudanças do meu corpo, se tornando mais largo, os pelos crescendo, o rosto mudando, a voz ficando mais grossa (embora por meses tenha parecido que estava na puberdade), o cheiro do suor ficando diferente, a menstruação parando; e as mudanças emocionais, a fúria quando os hormônios estavam em alta, o aumento do apetite, aumento da libido e a impaciência. Todo e qualquer detalhe era motivo de alegria. O meu corpo, aquele que me fez, mudou, e assim eu fiz dele o que eu era.

Nesse tempo de hormonização já estava formado e desempregado. Por um ano, fui revendedor de produtos alimentícios, até decidir voltar para a universidade. Eu sentia falta da pesquisa, do coletivo, dos debates e da militância. Tive contato com diversas pessoas trans, através do Coletivo Mandala, que é o coletivo LGBTQIA+ fundado na própria UFSCar no qual ingressei tardiamente. Mas sempre foi importante dentro da minha formação, tendo sua presença muito forte dentro da universidade promovendo debates, rodas de conversa, eventos em prol das causas LGBTQIA+; da Associação Transgêneros de Sorocaba (ATS), a qual fui me aproximar depois que já havia iniciado a hormonização, e cada vez mais tenho um carinho e orgulho das ações e mudanças que são promovidas em Sorocaba, desde cursinhos gratuitos a Marchas de visibilidade trans, levando a luta na cidade a outro nível; do Nós Diversos, uma parceria do Sesc Sorocaba com o Coletivo Mandala, a ATS e o Núcleo Estudos de Gênero, Diferenças e Sexualidades (NEGDS), também promovendo eventos e debates sobre feminismo, gênero, sexualidade e diferenças, onde pude conhecer muitas pessoas maravilhosas e importantes dentro da militância e da academia; e outros espaços que costumava frequentar. Esse contato impulsionava minha vontade de lutar, pesquisar, entender nosso lugar e como mudar essa realidade. Queria levar esse debate para espaços que quase não estávamos presentes. Voltei para a academia.

Em 2020, ingressei no Programa de Pós Graduação Interdisciplinar em Estudos da Condição Humana, na UFSCar, *campus* Sorocaba, com a ideia de desenvolver um projeto sobre infâncias trans. Apesar de ser um tema tão importante quanto o tema da transmasculinidade, minha orientadora perguntou se era realmente isso que me inquietava, e me recordou de uma fala minha em uma palestra, sobre a urgência de discutir masculinidades trans. Pensei o quanto ainda tinha para entender de mim mesmo, dos cuidados que tive que aprender a tomar para não cair no discurso machista

hegemônico que a todo custo tenta manter o patriarcado. Pensei nas vivências que tive com os meninos e o quanto somos atravessados pela pressão cisnormativa de adequação dos nossos corpos e comportamentos, quase como um: “se quer ser homem, aja como um”. Pensei no sofrimento de não corresponder a essas expectativas, as violências físicas e psicológicas para invalidação da nossa masculinidade. Pensei o quanto discutimos feminismo, racismo, transexualidade, mas pondo pouco em pauta a masculinidade, a branquitude, a cisgeneridade e outros temas que manifestam as opressões.

Por fim, estamos aqui em um movimento de trazer visibilidade para a questão transmasculina, refletir sobre o nosso lugar dentro da pesquisa e da academia que não seja apenas como um mero objeto de pesquisa cisgênera, mas também como pesquisadores e escritores das nossas próprias vivências. Refletindo sobre nossas práticas e possibilidades de masculinidade, que respeitem nossas diferenças e corpos.

2. O MOMENTO DE TECER HISTÓRIAS

Quando escolhi o tema desta dissertação compreendi que não seria uma tarefa fácil tratar sobre masculinidades não hegemônicas como Raewyn Connell (2013) utiliza. Um tema que tem muito a ser discutido dentro e fora da academia e do movimento social. Ainda mais por ser, também, uma ferramenta fundamental contra as opressões e violências de gênero.

No entanto, a proposta deste trabalho não é apenas discutir as masculinidades de modo amplo, mas focar a discussão na transmasculinidade, cuja discussão no Brasil, ainda é emergente (ALMEIDA, 2012; ÀVILA, 2014). Trabalhando apenas com o olhar para essas masculinidades, vivenciadas também por sujeitos transmasculinos, não é possível contemplar em sua totalidade, as múltiplas formas de ser homem. Na tentativa de levantar alguns pontos e questionamentos das transmasculinidades, a metodologia adotada para o desenvolvimento deste trabalho foi a da história oral, particularmente a história oral temática.

No Brasil, a história oral ainda possui diferentes *status*, como discutido por Ferreira e Amado (2006), sendo elas: uma técnica, uma disciplina e uma metodologia. Os pesquisadores que compreendem a história oral como uma técnica a entendem mais como uso de entrevistas e narrativas que podem complementar a sua pesquisa, muitas vezes também envolvidas com produção e preservação dos acervos orais. Há também os que entendem a história oral como uma disciplina, porque esta possui técnicas, procedimentos metodológicos e conceitos próprios criando um campo do conhecimento novo. (FERREIRA; AMADO, 2006).

No presente estudo, assim como para Sônia Freitas, Janaína Amado, Marieta de Moraes Ferreira, a história oral é entendida como uma metodologia.

Em nosso entender, a história oral, como todas as metodologias, apenas estabelece e ordena procedimentos de trabalho – tais como os diversos tipos de entrevista e as implicações de cada um deles para a pesquisa, as várias possibilidades de transcrição de depoimentos, suas vantagens e desvantagens, as diferentes maneiras de o historiador relacionar-se com seus entrevistados e as influências disso sobre seu trabalho -, funcionando como ponte entre teoria e prática (FERREIRA; AMADO 2006, p.16).

Apesar de ser recente a valorização da história oral como uma metodologia e prática documental no Brasil, alguns autores como Alessandro Portelli (2017), a entendem enquanto uma arte de escutar, uma arte da escuta, para o autor: “A história oral é, portanto, a história dos acontecimentos, história da memória, e revisão dos acontecimentos através da memória” (PORTELLI, 2017, p.188). Para Freitas (2002, p.18), a história oral “[...] é um método de pesquisa que utiliza a técnica da entrevista e outros procedimentos articulados entre si, no registro de narrativas da experiência humana”. Para Joutard (2000), é também a possibilidade de dar voz àqueles que não têm.

Aqui, a história oral vai se apresentar como uma metodologia, mas também como uma forma de demarcar a existência e resistência desses sujeitos e suas formas de ser e se entender homens.

A História Oral possibilita novas versões da História ao dar voz a múltiplos e diferentes narradores [...] permite produzir história a partir das próprias palavras daqueles que viveram e participaram de um determinado período, através de suas referências e também do seu imaginário. O método da História Oral possibilita o registro das reminiscências das memórias individuais, a reinterpretação do passado, enfim, uma história alternativa à história oficial. (FREITAS, 2002, p. 54).

A possibilidade trazida pela história oral é uma importante ruptura da história oficial, que pode ser criada através de uma memória coletiva ou de um discurso hegemônico. Deixando, assim, de lado as vivências e memórias dos excluídos, como evidenciado por Joutard (2000, p.33) ao dizer que: “A força da história oral, todos sabemos, é dar voz àqueles que normalmente não a têm: os esquecidos, os excluídos ou, retomando a bela expressão de um pioneiro da história oral, Nuno Revelli, os ‘derrotados’”.

Há, ainda, a potencialidade, exposta por Freitas (2002), de poder estar presente em outras instituições e ambientes de aprendizagem e pesquisa que estão fora do ambiente acadêmico. Dentro dessa metodologia, sua prática principal é a entrevista e seu registro. Pois como declarado por Alberti (2013) a entrevista nos permite buscar eventos, experiências, relatos que não constam em documentos de outra origem.

Podendo ser dividida em três grupos: tradição oral, história de vida e história temática. A tradição oral está mais relacionada a tradições, relatos, cantigas, que são passadas pelas gerações através da oralidade, algo muito encontrado em religiões de matriz africana, por exemplo. Já a história de vida, se relaciona a relatos autobiográficos onde não

há escrita (FREITAS, 2002). Nesta pesquisa utilizamos da história oral temática, pois existe um tema central a ser tratado, Alberti (2013) define a entrevista temática como:

[...] aquelas que versam prioritariamente sobre a participação do entrevistado no tema escolhido [...] adequada para o caso de temas que têm estatuto relativamente definido na trajetória de vida dos depoentes, como um período determinado cronologicamente, uma função desempenhada ou o envolvimento e a experiência em acontecimentos ou conjunturas específicas. (ALBERTI, 2013, s.n.).

Desde o início do ano de 2020, vivemos em alerta pandêmico devido a COVID-19, uma doença infecto contagiosa causada pelo SARS-CoV-2. Em março, início do período letivo, já nos encontrávamos em alerta de pandemia, tendo as aulas adiadas até implementação de modalidade *online*, realizada de forma emergencial. Em abril, do mesmo ano se iniciaram as medidas de isolamento social devido à crescente taxa de infectados e mortes pela doença.²

Diante de todas as limitações a pesquisa foi repensada para se encaixar nas possibilidades permitidas pelo isolamento social, sem acesso às bibliotecas físicas, assistindo as aulas em casa, tendo as orientações realizadas à distância na dependência da *internet* e aparelhos eletrônicos. E, principalmente, lidar com as emoções que foram emergindo diante do pânico das mortes na pandemia, da ansiedade de não poder sair, não pode realizar a pós-graduação em seu formato regular e transformar sua casa em local de trabalho, estudo e isolamento.

Foi necessário um replanejamento das etapas da pesquisa e, sobretudo, do modo de como seriam feitas as entrevistas que, até então, seriam presenciais como de costume. Uma vez que, a história oral privilegia o momento da entrevista enquanto um encontro físico e seu interesse não está apenas na fala ou conteúdo, mas também, no narrar e nas performances da narrativa, no volume e ritmo da fala, nas expressões faciais, movimentos físicos, que fazem parte da narrativa e contribuem para a interpretação do seu significado.

Ciente de todas essas dificuldades em relação às entrevistas, a escolha dos entrevistados teve como principal requisito a identidade de gênero como transmasculinos ou homens trans, ou seja, indivíduos que não se identificam com o gênero feminino que foi

² Organização Pan-Americana de Saúde. Histórico da pandemia de COVID-19. Disponível em: www.paho.org/pt/covid19/historico-da-pandemia-covid-19

atribuído ao nascimento e, sim, com o gênero masculino. Devido a situação atual de pandemia, selecionei pessoas com as quais já tinha mínimo contato anterior à entrevista, mas que não faziam parte do mesmo círculo social, ou seja, não conviviam entre si. Realizei contato pelas redes sociais, convidando-os a participar de uma pesquisa sobre transmasculinidades que iria compor essa dissertação, e esclareci a importância dessa pesquisa como uma oportunidade de evidenciar essas narrativas dentro dos estudos de masculinidades.

Recebendo o aceite para as entrevistas, lhes foi enviado o termo de consentimento esclarecido para o devido endereço eletrônico com antecedência para que pudessem fazer a leitura com calma e esclarecer qualquer dúvida. Também foi explicado o procedimento das entrevistas, desde a assinatura do termo à devolução da transcrição dela, para que pudessem verificar e autorizar. Os termos foram devolvidos por e-mail, assinados digitalmente pelos participantes antes da realização das entrevistas. Essa devolução da transcrição é uma parte fundamental diante da relação entrevistador-entrevistado, como afirmado por Portelli:

[...] não podemos trair a confiança que a pessoa nos deu, o que não significa que precisamos reproduzir palavra por palavra aquilo que ela disse. Mas, precisamos fazer de maneira que o novo, que na publicação qualquer que ela seja, a autorrepresentação da pessoa seja respeitada (BESSA, 2011, p.4).

Um roteiro de entrevistas foi elaborado, considerando os temas-chaves previamente escolhidos para serem trabalhados, ainda que sem o intuito de intervir na narrativa. O roteiro foi utilizado apenas para a condução inicial e apoio no momento da entrevista, caso o entrevistado fosse muito sucinto ou tivesse dificuldade de se expressar oralmente, sobretudo, por meio de uma plataforma digital em um ambiente um pouco artificial. Assim, foram entrevistados três homens transgêneros/transmasculinos, de diferentes etnias, círculos sociais, regiões e formações, levando em consideração as recomendações de Freitas (2006) em se ter maior preocupação com a qualidade das entrevistas ao invés da quantidade.

Seguindo as determinações do isolamento social as entrevistas foram realizadas através de videoconferências, pelas plataformas do *Google Meet* e *Zoom*, com duração que

variou entre 60 e 90 minutos cada. Durante a entrevista, mesmo utilizando o roteiro, sinalizei aos entrevistados que seria uma conversa sobre suas experiências e, que se sentissem à vontade para contar o que lhes fosse importante. Como afirmado por Portelli, a entrevista "[...] não é centrada tanto no assunto seu, naquilo que você quer saber, e mais no que o entrevistado quer contar." (BESSA, 2011, p.24)

Iniciei, assim, as entrevistas com o pedido de que contassem um pouco sobre si e como entendiam suas masculinidades, sendo esse o tema principal da pesquisa. Acredito que, o conhecimento deles sobre mim, mesmo que mínimo, possa ter influenciado de certa forma a maneira como narraram inicialmente suas impressões e vivências, buscando uma narrativa que tivesse uma linguagem um pouco mais “acadêmica”, algo que logo se dissipou ao longo do processo.

Tive, também, a percepção de estarem esperando por um retorno da minha parte, como se de algum modo eu fosse demonstrar um consentimento ou desaprovação do que estava sendo dito, e compartilhar minha própria experiência com eles. Confesso que, foi muito difícil me manter no lugar de observador/entrevistador e não compartilhar minhas experiências, porém, optei por me manter apenas na escuta atenta e sensível para não causar muitos vieses às narrativas. Como podemos observar ao longo das histórias, há algumas contradições em suas falas, que nos revelam muito a respeito de suas percepções das influências sociais sofridas, contradições essas que marcam nossas vidas. Essas contradições ficaram mais presentes, para mim, durante o processo de transcrição e análise das entrevistas gravadas.

O momento da transcrição, embora penoso, é o um momento privilegiado de análise, onde se tem um olhar mais atento as palavras e expressões do que no momento de entrevista, em que há uma tensão por parte do entrevistador em conseguir se manter atendo e sem grandes interferências e, ainda, a preocupação em manter um ambiente convidativo, seguro e confortável para o entrevistado, ainda que em um espaço *online*.

Ainda que tenham sido feitas as entrevistas sem grandes problemas, em questão de recursos técnicos, a realização da pesquisa como um todo feita de forma remota teve diversos desafios, como será discutido a seguir. Entretanto, importante salientar que dentro das limitações existentes esta pesquisa é muito importante como algo inicial, demonstrando possibilidades e caminhos a serem percorridos ou modificados.

2.1 DESAFIOS ENFRENTADOS PELA PANDEMIA

As entrevistas foram as etapas mais afetadas da pesquisa pelo isolamento social, tanto positivamente quanto negativamente. Uma entrevista remota quebra algumas barreiras geográficas, sendo possível conversar com pessoas de outras cidades e estados, algo que, presencialmente, seria mais difícil por questões financeiras. Por outro lado, delimita a seleção dos entrevistados pelo acesso à internet e aparelhos necessários, deixando de fora muitas pessoas que poderiam trazer ricas contribuições de suas vivências.

Ainda está sendo discutido entre os pesquisadores de história oral a confecção de entrevistas pelas plataformas digitais, como o *Google Meets*, *Skype*, *Zoom* e outras. Alguns defendem a ideia presencial como melhor forma pelo contato físico e íntimo que se cria com o entrevistado. Além de criar um ambiente seguro e confortável, proporciona melhores condições para um olhar e escuta atentos aos gestos e trejeitos, a força física, o olhar, a expressão facial do narrador, que também fazem parte da narrativa.

Pesquisadores como Bertrand e Bourdeau (2010), argumentam que esse modo pode levar os entrevistados a prestarem mais atenção na sua própria imagem, na tela, do que no entrevistador, controlando também suas expressões faciais. Outro problema muito apontado pelos pesquisadores, encontrado nessa pesquisa, é a interrupção devido problemas técnicos ou de rede (SANTHIAGO; MAGALHÃES, 2020).

O controle das expressões faciais e a preocupação com a sua imagem são muito comuns e diferem muito da entrevista presencial em que não há controle dessas situações, em que suas expressões representam uma linguagem corporal, que pode não ser tão genuína quando se pode controlar pela imagem da *webcam*. Mas, no meu ponto de vista, o maior problema encontrado nessa modalidade é a interrupção por problemas técnicos ou de rede, que não só atrapalham a atenção do narrador, como fazem com que sejam perdidas partes dos relatos, muitas vezes fundamentais.

Outros defendem que, as entrevistas *online* também trazem suas contribuições para o avanço das pesquisas, uma vez que os avanços tecnológicos também fazem parte de uma mudança na linguagem. Deakin e Wakefield (2014) acreditam que o uso do modo *online* para entrevistas à distância aumentou as possibilidades de pesquisa, em tempo e recursos financeiro.

De fato, o modo remoto ampliou as possibilidades, não só de pesquisas, como de parcerias, contatos, busca de referências bibliográficas, além de otimizar tempo e recurso para as pesquisas em andamento, visto que vivemos em um momento complicado em questão de financiamento de pesquisas. Objetivamente, a internet acaba por ser uma ferramenta de otimização e facilitadora para se fazer pesquisa em qualquer lugar do mundo, de forma econômica, embora não deixem de ter razão os autores que apontam para os limites da pesquisa *online*, sobretudo em se tratando de história oral.

É necessário, ainda, deixar claro que minha experiência com a história oral se inicia nesta pesquisa, portanto, não tenho possibilidade de comparar experiências. Nos capítulos seguintes encontramos a transcrição dessas entrevistas, porque aqui esses conceitos e teorias não tem sentido sem as experiências reais. A transcrição, termo cunhado por Haroldo de Campos, se constitui de um processo de tradução criativa (GESSNER, 2016).

O principal objetivo da *transcrição* é a recriação do texto original na língua de chegada, ou seja, explorar os recursos articulados na língua de partida e reproduzi-los analogamente na língua de chegada. A partir da *transcrição* vários autores, até então ausentes no âmbito da língua portuguesa, foram traduzidos, apresentados e inseridos no âmbito da discussão cultural. Também é importante lembrar que a *transcrição* não foi aplicada somente aos autores supracitados, mas Augusto de Campos, Haroldo de Campos e Décio Pignatari também traduziram textos clássicos, como, por exemplo, a *Ilíada*, de Homero, e excertos da *Divina Comédia*, de Dante (GESSNER, 2016, p.144).

Tanto a etapa da transcrição como da transcrição foram fundamentais para compreender como esses relatos se ligam, ou não, aos conceitos e pesquisas já realizadas, uma vez que, no momento da entrevista, a atenção exigida pelo entrevistado nos priva de captar pequenos detalhes que são, muitas vezes, fundamentais para a compreensão e construção de uma discussão. Logo, foram construídos a partir de cada entrevista um capítulo de cada história desses homens, compartilhando sua trajetória, medos e sonhos, que devem ser registrados.

Como em algumas falas são evidenciadas a importância da representatividade no processo de autoconhecimento e aceitação. Histórias de pessoas que tiveram suas vidas e direitos apagados socialmente e, ainda hoje, lutam pelo reconhecimento de si e de outros

que já não se encontram entre nós, mas lutaram e resistiram ao apagamento e exclusão social imposta pela cisnorma³.

As transcrições foram feitas de modo mais próximo da oralidade possível, conservando ao máximo a narrativa dos participantes, de modo que o texto pode aparentar incoerências gramaticais. Mas na oralidade é uma construção comum que não necessariamente respeita as normas gramaticais, como o uso de sujeito-verbo-objeto, ou mesmo marcadores de linguagem (exemplo: “então”), e vícios de linguagem (exemplo: “né”, “tipo” e “e aí”).

Portanto, as narrativas foram feitas pensando em pontos como fidelidade a oralidade, como se cada um tivesse escrito sua própria narrativa, em formatos e caminhos diferentes. Isso porque oralmente cada um tem um modo próprio de falar e gesticular, assim como são distintas também a fluidez das narrativas, algumas mais precisas e outras com maior fluidez em sua fala. Para assegurar a intimidade e segurança dos participantes, os nomes presentes nas narrativas transcritas são fictícios.

Os colaboradores da pesquisa possuem um perfil jovem, são moradores do estado de São Paulo, com ensino superior completo e acesso a hormonização ou cirurgias masculinizadoras. É importante demarcar esse perfil dos entrevistados, uma vez que, em diferentes marcadores sociais podem produzir narrativas diferentes, mas o tempo de pesquisa do mestrado, associado às dificuldades do período pandêmico acabou por restringir nossas possibilidades em relação aos entrevistados.

O primeiro colaborador, nomeado como Paulo, é um homem trans, branco, que reside no interior de São Paulo. Possui 23 anos, fez sua graduação na área de T.I e atualmente trabalha na área. Sempre que possível, participa dos movimentos sociais e eventos da cidade, como a Marcha Trans, promovida pela ATS anualmente, e eventos da Parada LGBT de Sorocaba. Também é criador de conteúdo no *Instagram*, aproximando uma discussão de gênero às suas experiências de vida.

Na segunda narrativa, temos Cauã, um homem trans de 25 anos, branco, que reside no interior de São Paulo. Possui superior completo em Turismo, mas trabalha atualmente na área de Recursos Humanos. Cauã também compartilha bastante suas experiências nas

³ Cisnorma é um conceito utilizado para se referir a norma social que legitima a cisgeneridade como natural e saudável.

redes sociais, mesmo não criando conteúdo específico, tem uma grande aproximação e engajamento do público transmasculino e aliades.

A terceira narrativa é de Gabriel, um homem trans de 26 anos, negro, que nasceu e reside em São Paulo capital. Possui graduação em Serviço Social, mas hoje trabalha na área de serviço do cliente em um banco. Gabriel ainda não realizou sua mastectomia, embora esteja agendada para o início de 2022. Assim, como os outros colaboradores é um criador de conteúdo, mas seu foco é mais exercícios físicos e saúde, mostrando sua rotina de exercícios e cuidados com sua hormonização e saúde em geral.

3. PAULO: “NÓS SOMOS A EVOLUÇÃO DO MUNDO”

A masculinidade para mim é uma criação do mundo em cima de estereótipos. Acredito que a masculinidade é estereotipada, onde você encontra o masculino ou feminino como duas vertentes de gênero. Mesmo sabendo dessa construção binária ainda é uma identidade com a qual eu me enxergo, onde eu me identifico.

Desde criança nossos pais transmitem a construção do que um menino e uma menina devem fazer, logo o que você pode ou não fazer dentro do seu gênero designado. E apesar disso, sempre me identifiquei com coisas de menino e, foi quando tive mais dificuldade de me enxergar como uma menina, já que eu gostava de coisas ditas de menino. Fui desenvolvendo essa questão na minha cabeça, tentando ser mais feminino para agradar os meus pais. Penso que, se eles não tivessem estereotipado tanto o gênero seria mais fácil para mim, me assumir como lésbica e depois como um homem trans me ajudou muito a ver isso, o quanto essa separação do gênero pesou nas minhas decisões.

Hoje, eu entendo esses estereótipos como algo ruim, porque atrapalham o desenvolvimento pessoal de todas as pessoas que cresceram com essa ideia de que você tem que ser menina ou menino, e de ter que usar rosa ou azul. É tudo uma construção social, de anos, e estamos no século XXI, acredito que as pessoas do futuro vão ser muito mais avançadas.

Devido a passabilidade⁴, infelizmente, nós acabamos incorporando muito desses estereótipos. Eu mesmo englobo muito disso, tenho barba, sou branco, tenho uma condição econômica, são situações de privilégio. Apesar de não gostar do termo passabilidade, e não gostar de ser passável, se eu pudesse faria uma tatuagem escrito “trans” na minha testa só pra não me passar como um cis. Eu consigo fazer a minha vida virar em cima do meu trabalho, da graduação que eu fiz. Eu tenho privilégio, mas eu não gostaria de ser tão passável assim, parecendo que a vida é tão fácil, porque eu sei que existem muitas coisas e pessoas que passam por outras vivências mesmo tendo passabilidade.

A partir do momento que você fala que é um homem trans existem pessoas que entendem sobre o assunto, as que não entendem, e cada uma delas tem um tipo de pergunta

⁴ Termo utilizado para se referir a capacidade de não ser percebido socialmente enquanto transgênero, sendo lido como cisgênero devido estereótipos físicos.

ou comentário sobre isso. Como: “*you cannot speak like this*”, “*you cannot seem like a faggot*”, soando pejorativo, “*you cannot be a faggot*”, “*you cannot speak with a fine voice*”.

Eu posso continuar sendo do jeito que eu era antes e me sentir feliz por ser assim. Então, eu sinto uma grande pressão em determinadas situações, por exemplo, quando eu bebo muito, eu sinto que minha voz dá uma afinada, não sei o motivo. Se fico mais relaxado, e pessoas falam que a minha voz está muito fina. Assim, como se passasse uma maquiagem, hoje iriam me cobrar “*hey, you passed everything that you passed for using makeup*”, mas, se me sinto bem assim, então, não tem por que a pessoa me cobrar.

O processo de construção e reconstrução de si acaba passando despercebido, porque você quer tanto aquilo que vira uma chave automática, parece que não se preparou suficiente para ser chamado pelo novo nome, pronomes masculinos, as pessoas te apontarem “*that's the boy, the boy that's*”. Tudo acontece muito rápido, mas sempre tem a fase de adaptação que, para mim, foi realmente a do nome e do pronome. Quando estava começando a ser lido como homem e ter passabilidade nos lugares, foi um processo de tentar me adaptar até me sentir totalmente confortável a me chamar por “*he*”.

Falar meu nome soava estranho para mim, e sempre soou como se estivesse deixando a outra pessoa para trás. Mas, eu sempre tentei trabalhar essa questão também, de não matar quem eu fui, não matar a antiga eu que viveu, existiu, que teve uma vivência e lutou contra tanta coisa, inclusive ser chamada de “*Joãozinho*”, de “*Maria sapatão*”. Tudo isso acrescenta muito na história de quem eu sou hoje, então, eu não posso me desfazer dela totalmente.

Entender o início de transição é muito complicado, porque não sei se é assim para todos, mas desde a infância as pessoas já enxergam em você alguma coisa diferente. As pessoas me contam que eu sempre tive comportamentos de uma criança do gênero feminino que não se identificava, e hoje entendem ser de uma pessoa transgênero. A minha transição começou a partir do momento que eu conheci a palavra transexualidade/transgênero, porque eu pude identificar a minha vida naquilo e entender que é isso que eu sou, um homem que só não estava transicionado. Encontrar aquela solução, para mim, foi o ponto inicial, porque pude então buscar quais os passos eu iria dar dali para frente, até me sentir confortável comigo mesmo.

Antes de eu começar a transição e a hormonização, tive que passar por consultas médicas. Então, pedi ao meu patrão para colocar um convênio médico na empresa, assim, eu não teria que arcar com esses custos, mas ele falou que não era interessante para eles naquele momento e se eu quisesse teria que pagar. Logo, eu tive que pegar o valor do salário que eu ganhava para custear toda a transição, e por mais difícil que fosse, eu tinha ainda essa facilidade, de ter esse emprego para custear isso. Iniciei a transição hormonal em 2018, por conta do desconforto que sentia de não ter traços dos quais eu gostaria. Não foi pelo gênero ou por querer ser um cara cis, porque a gente sabe que um homem trans nunca vai ser um cara cis, mas sim pela parte de ter pelos, um corpo com músculos, isso me fez sentir a necessidade de fazer a hormonização.

Comecei passar com o psicólogo também, fiz 6 meses de psicólogo particular, atendimento com endócrino particular, todos os exames de antes da testosterona no particular, medicamentos. Então, eu fiz tudo isso trabalhando, pegando meu salário e depositando na minha transição, porque são consultas e procedimentos de alto custo. Não sei se posso dizer que foi uma dificuldade ter feito tudo isso no particular, porque eu tive condições de fazer através do meu trabalho. Mas, eu tenho amigos que estão tentando atendimento pelo SUS desde a época que eu estava no segundo ano da faculdade, e não começaram a tomar testosterona até hoje, o suporte pelo SUS é péssimo.

Eu amava todas as mudanças vindas da hormonização como os pelos, a voz, e tem coisas que você mais espera acontecer, como parar de menstruar mesmo, porque você não quer mais aquilo para sua vida, e se hoje acontecer, você vai sofrer horrores. Você começa a sentir essas mudanças no seu entorno também, mudou em como as pessoas me viam e muitas ficam impressionadas e falam coisas como: *“meu deus você teve coragem de fazer isso”*, ou *“nossa, não acredito que você fez mesmo”*, realmente julgando como se eu tivesse feito alguma coisa errada.

Nessa fase, eu pude me sentir bem e mal em vários momentos, mas tenho para mim que respeito é o mínimo, e quando a pessoa nega minha identidade de alguma forma, me chama no feminino ou faz de conta que eu não estou ali, eu não me sinto atacado ou diminuído. Aconteceu comigo de conhecer uma menina, e ela me conheceu como homem, e a gente foi ganhando mais proximidade até que ela ficou sabendo que eu era um cara trans. A partir daí, ela começou a me tratar no feminino, e eu fiquei sem saber o que aconteceu, então, cheguei para ela com toda educação do mundo e perguntei por que que estava me chamando no feminino. Ela respondeu que era porque eu nasci menina, e eu já

cortei respondendo que não importa o que eu era, se você me conheceu como ele. Caso ela não quisesse me chamar pelo meu nome e se dar esse trabalho de se comprometer a isso, a gente pararia de conversar.

Eu a cortei em público. E fico pensando, que a questão foi ela ter me conhecido como eu sou agora e passou a me chamar no feminino. Mas as pessoas que já me conheciam antes, eu já sou totalmente tolerável, deixo isso acontecer. Mas, uma pessoa que acabou de me conhecer, que não faz a menor ideia da história que a gente passa, do sofrimento para chegar até aqui, quer vir falando qualquer coisa. Tento não me sentir ofendido e não criar esse pensamento de que ser entendido como mulher é uma ofensa, mas não deixo acontecer, eu só corto a pessoa.

Não acredito que a hormonização seja essencial para me entender enquanto homem, se hoje alguém falasse que eu tenho que parar de tomar testosterona por xis situação na minha vida e, eu não poderia tomar mais, a única coisa que eu iria buscar é parar de menstruar. Procuraria um método para não menstruar mais para o resto da minha vida, que é uma das coisas que mais me incomoda hoje, mas devido a toda essa fase de transição, o pensamento e o comportamento mudaram muito. Por exemplo, tive que desconstruir o pensamento que eu gostava de mulheres, porque se você gosta de mulheres, então, você ficaria com mulher trans também, senão você as excluirá. Assim como, se uma mulher falar que só fica com caras, então, ela tem que ficar comigo também, senão é me excluir da sigla masculina.

Mas tentando priorizar sempre o meu bem-estar mental, fazendo tratamento com o psicólogo antes e depois você enxergar que é aquilo que queria. Tive que fazer esse tratamento para entender que o que faltava era a testosterona para eu me sentir feliz. Depois que iniciei a hormonização comecei a me enxergar como pessoa, me enxergar mesmo, porque antes era sempre um desconforto com a confusão de ela/ele, e as pessoas nunca saberem como te tratar. Não gostava de ficar no meio dessa ponte de ela/ele, preferia ser chamado pelo pronome ele, mas sempre busquei me sentir confortável apesar das dificuldades, e, por isso, que comecei a hormonização.

Hoje, eu sou operado e depois da mastectomia passei a me sentir muito mais confortável com meu corpo. Já estava em paz com a hormonização, mas ainda faltava a mastectomia. E hoje me sinto completo, não sinto que falta nada ou que preciso fazer um próximo procedimento para me sentir melhor ainda. Porque não busco a cisgeneridade, não

preciso ter um pênis para me sentir homem, para eu me sentir masculino, então, onde eu estou hoje é o suficiente, eu diria.

Esperava que fosse mudar algumas coisas com a família, por exemplo, que fosse demorar muito mais para eles me aceitarem, me respeitarem como ele. Sempre tentei ter essa paciência de não impor que agora eu sou ele, agora sou o eu de verdade, para não criar atritos e acabar me afastando deles. Pois precisava de pessoas do meu lado, principalmente da minha família, então, tive que ter essa paciência, essa mentalidade de me segurar aqui, por mais que me chamassem de ela. Muitas vezes tive que desconsiderar e respeitar a opinião deles, porque eu acreditava que com o tempo isso ia ser natural, e assim acabou sendo. A partir do momento que você começa a ter uma certa passabilidade, ou seja, você deixa de ter algumas características ditas femininas, então, eles se sentiriam muito desconfortável ao me apresentar como ela para uma pessoa que estaria me enxergando com barba.

Pensando nessa passabilidade, ela trouxe coisas positivas na minha vida e impediu que eu fosse insultado várias vezes. Podemos comparar com a minha transição no começo quando estava começando a ter mudanças, mas as pessoas ainda erram o pronome. Ainda existia o risco de que alguém venha te agredir, espancar ou a te falar coisas ruins. Nessa questão, a passabilidade me ajudou, para que eu não tivesse nenhum problema com isso, graças a Deus. Mas, em contrapartida, você chega no meio LGBT e acaba sendo algo como: *“o cara é passável, então a vida dele foi muito mais fácil”*, e não é isso, cada um tem uma dificuldade. Assim como me ajuda, eu sinto que posso fazer algo para ajudar alguém, e contribuir para as pessoas não criarem essa ideia de passável privilegiado que a gente já tem devido a cor e condição.

Para construir o ideal de onde eu queria chegar eu conheci muitas pessoas, histórias, e isso ajuda muito a entender o que você quer ser ou não ser. Você conhece histórias de vários pontos de vista, e percebe que precisa ser inspiração, porque não quero ser uma coisa que a pessoa olha e fala com inveja ou com desdém. A gente tem que ser inspiração para as outras e tentar ajudar ao máximo.

Então, o ideal que fui construindo olhando as outras pessoas, onde elas pisaram, o que elas fizeram e tentando me moldar em cima disso. Toda essa questão de construção de como eu me sinto hoje isso me ajudou muito, porque eu tenho amigos trans que precisam, por exemplo, da cirurgia de redesignação para se sentir confortável, e foi onde eu tive que pensar se eu ia concordar com eles. Não que eles estejam errados, mas eu vou querer isso

para mim? E criar um conceito para poder decidir a minha vida e colocar o ponto final de até onde eu iria, tendo ciência dos riscos também.

Já a questão do meu corpo é bem difícil para mim, porque eu sempre quero mais no quesito físico, mas eu tento não deixar isso me tomar. Se eu pudesse escolher entre o corpo bombado ou o que tenho hoje, com certeza ficaria um corpo mais definido, é onde sinto a dificuldade de identificar o que eu prefiro. Mas olhar para o meu corpo com uma cicatriz, olhar ele transformado, foi o suficiente para eu entender que já estava bom e não precisava de mais do que isso. Desde pequeno, eu jogava futebol, mesmo criança imaginava como seria se eu tivesse um corpo atlético como do o Zac Efron em *High School Musical*. O cara jogando basquete, você já quer o corpo que ele tem, era um desejo, uma ambição que fui construindo enquanto eu estava na adolescência. Se eu tivesse um corpo bombado num corpo feminino, antes da transição, eu não estaria satisfeito, porque eu quero um corpo bombado masculino, feminino não.

A disforia com os seios, eu entendo como uma coisa mais psicológica. Antes da mastectomia, eu cheguei a usar colete um bom tempo, desde o momento que eu me entendi como um homem trans, desde o momento de não sentir tesão no meu próprio peito, de não querer tocar nele, ali já estava bem claro que eu não estava confortável com aquilo. Então, eu comecei a usar o colete, tentando fazer aquele ciclo de 8 horas usando e depois ficar sem. Mas cria um vício, o dia inteiro a gente fica fora de casa e acaba usando mais do que o devido.

Agora, o *packer*⁵ teve uma fase que senti uma necessidade muito grande de ter, achei que ia me sentir muito mais confortável, criei na minha cabeça que aquilo ia mudar minha vida. Comprei e comecei a usar na calça, então, pensei no que iria mudar aquele negócio quente dentro da calça, esquentando a minha perna, que poderia causar uma infecção. A maioria das pessoas que usam não lavam na hora, só deixa dentro da calça e aquilo pode gerar uma grande bactéria, uma grande infecção. Cheguei a usar na calça por uma semana, na outra semana já tinha parado de usar para sair, e fiquei usando apenas para relações e foi suficiente para mim. Hoje, se eu pego o *packer* é raro até mesmo para ter relação, eu não deixei aquilo me tomar, ditar o que eu tinha que fazer, qual o caminho que eu tinha que tomar.

⁵ Prótese peniana de látex, mais utilizada para urinar em pé e ter relações sexuais.

Depois da mastectomia eu consegui chegar a um ponto final e falar: "*Aqui está bom Paulo, se você não está feliz assim por que não vai mais para a frente? Aonde você vai? O que você busca que você não tem hoje?*". E eu consegui concluir que qualquer passo que eu desse para a frente agora, referente a transição, vai ser indiferente e se é indiferente não preciso disso, foi aí que eu encontrei o ponto final.

Outro aspecto de mudança, foi na parte sentimental, eu também mudei durante a transição e não tenho dados para provar, mas eu tenho as experiências que passei. Por exemplo, antes eu era uma pessoa mais sensível, conseguia me abrir muito mais fácil e se alguém me perguntasse alguma coisa, eu conseguia falar tranquilo sobre a minha vida. Porém, hoje eu não tenho amigos para contar minha vida, não sei, criei alguma coisa dentro de mim que mudou isso, não consigo mais me abrir. Aquela questão de que homem não chora, homem não fala sentimentos, não sei o quanto isso tem a ver, mas não sou o tipo de cara que deixa de falar pela ideia de que homem não chora.

Só senti que mudou muito, passei a ser uma pessoa mais fria, chorar é muito mais difícil, me abrir é muito mais difícil. Eu só faço isso com a minha namorada, com a minha mãe e com família mesmo. Mas, com pessoas de fora quase, nunca. Mas isso me poupou muito estresse de pessoas discordando de mim, porque eu sempre trouxe para perto as pessoas que realmente me enxergavam, exemplo, a minha melhor amiga. Logo que, comecei o hormônio, que pensei em fazer a cirurgia, ela disse que não tinha dúvida nenhuma e estava do meu lado para o que eu precisasse.

As relações amorosas também mudaram, eu estava com uma garota na época, uma mulher cis que era lida na época como uma lésbica, e ela estava comigo lido talvez como lésbica, que foi como eu me assumi, porque eu só gostava de meninas. Quando eu me identifiquei como um homem trans ela deu um pulo para trás e falou que gostava de meninas. E o que aconteceu foi que, muitas das vezes, ela me coagiu a usar uma *lingerie* para ela se sentir confortável, e eu fiz somente para agradá-la.

Mas ninguém vê depois você no quarto chorando, só vê o que gosta, só vê o que quer, e mesmo assim depois de começar a transição, me chamava de "ela" para outras pessoas, mesmo sabendo que eu já tinha dado início a tudo referente a transição. Então, era um desrespeito muito grande, sofri muito com essa fase durante o relacionamento, e quando a gente terminou, ela começou a se relacionar com cara cis, para você ter uma ideia de como isso pesava psicologicamente para mim.

E sobre a minha família, acho que não esperavam mais nada, eles falaram que eu era uma caixinha de surpresa, e tinham que abrir a mente, porque tudo poderia acontecer. Então, tive que ter cabeça para me assumir como um homem trans e enfrentar tudo o que eu ia passar sozinho, fazendo o tratamento, pagando por ele. Tudo sem contar com ninguém, apenas comigo mesmo. Da família eu não pude esperar muita coisa, assim como da namorada na época, se eu esperasse provavelmente sofreria muito.

A minha mãe quando eu fui fazer a mastectomia cheguei nela e falei: *"mãe, seguinte, vou fazer a mastectomia, foi aprovada pelo convênio, não está marcado data, só quero saber se você vai querer ficar comigo na recuperação, vai?"*, e ela disse que não iria, então, eu falei que tudo bem, ia achar alguém que quisesse. Não fiquei forçando para ninguém, nem para minha família, nem para amigo essa questão de ter que me aceitar, ter que me respeitar. Isso vem com o tempo, daí uma semana antes da minha cirurgia minha mãe foi lá conversar com a minha namorada, as duas choraram juntas, se abriram, a minha melhor amiga entrou no meio, começaram a chorar as três e fizeram o maior chororô lá em minha homenagem.

E no final, a minha mãe acabou indo na cirurgia, ficou o dia inteiro me esperando sair, cuidou de mim, fez um monte de coisas que eu realmente não esperava. Eu tive que ter essa firmeza também, mas ser maleável com a minha família com a imposição, porque tem a fase de transição deles também, não é só a minha.

A partir do momento que você está transicionando, vai criando aquela mentalidade de como é ser um cara, e depois que passa a pensar dessa maneira, tem situações que você não pode estar. Antes da transição, um exemplo que aconteceu comigo e só caiu a ficha porque outra pessoa falou para mim e eu concordei que ela foi de estar na minha casa com minhas irmãs, e minha irmã saiu do banho e começou a se trocar na minha frente. A partir do momento que você é lido socialmente como um homem, você não vê sua irmã se trocando, isso em nenhum lugar do mundo.

Isso não pode ser uma exceção porque eu sou um cara trans, eu acredito que a postura tem que existir, porque realmente a gente não se preocupa com o que as pessoas pensam. Mas se tem uma amiga da minha irmã se trocando, eu não vou ver ela pelada, porque eu sou um cara trans, então isso é para todos. Tive que mudar as minhas relações com as pessoas, principalmente com as minhas irmãs, tenho três irmãs e a minha mãe. Não tenho nenhuma pessoa do sexo masculino, mas quando eu estou em frente de homens, seja trans ou cis, eu não tenho esse problema de me trocar na frente deles.

Eu tive que criar esse senso das coisas que eu não poderia fazer, como não dormir na casa de uma amiga, para não ficar ferrado com a namorada. Então, tem pontos que eu tive que trabalhar, que outras pessoas me ajudaram. Acontece essa mudança da expectativa das pessoas em relação a você, de esperarem uma postura mais rígida de mim, como se elas se programassem para fazer isso, esperar sua posição em relação a algo. Um exemplo, por mais besta que seja: surgiu uma barata aqui na sala, eles esperam que as meninas subam no sofá, fiquem de pé na cadeira e você vá matar a barata. Desde o exemplo mais bobo aos mais sérios, como dentro de uma empresa onde você tem que assumir a bronca de apresentar um projeto, e tem outras meninas na mesma sala que podem fazer, mas eles esperando que você faça. Assim como, eles esperam que você tenha uma voz grossa e não aja como “viado”, por exemplo.

Enquanto ainda era lido socialmente como mulher, as expectativas eram diferentes até de mim mesmo, sobre o que eu esperava que eu fosse fazer se eu tivesse o gênero masculino e o porquê que eu não enfrentava certas situações. Desde uma situação de você peitar alguém na rua porque está sendo racista ou preconceituoso com alguém do seu lado. Até porque se eu for uma menina e peitar vou apanhar. Mas se você está sendo lido como um homem, você não vai apanhar, vai bater. Então, eu acredito muito que tenha existido essa questão de mudança para mim.

Presenciar as atitudes machistas e sexistas, principalmente em ambientes ditos masculinos, é muito desconfortável, eu não gosto, mas fico mais tranquilo de ser comigo por ser um cara muito paciente e vou corrigir para a pessoa, se for da minha roda. Não vou me intrometer numa roda aleatória onde as pessoas estão sendo racistas, homofóbicas ou transfóbicas, e dar minha cara a tapa. Mas se é da minha roda de amigos, de colegas e eles tão falando alguma coisa que eu acredito que seja ou soe pejorativo, racista, homofóbico ou transfóbico, qualquer coisa que seja, eu vou com certeza entrar e me posicionar. Não gosto de presenciar, mas eu prefiro estar lá a ser outra pessoa a paciente, do que ser intolerante que já chega na pancada e acaba criando uma grande discussão.

Passei a reparar mais essas coisas depois da transição, onde você tem o conhecimento sobre várias siglas do meio LGBT, de todas as identidades e gêneros, sobre você mesmo, e acaba ficando mais alerta, para caso alguém fale um "a" fora da curva. Comentários bestas assim já te fazem entrar no meio de uma conversa, parar a conversa e ressignificar todo aquele contexto que a pessoa falou errado.

Com a família você não precisa mostrar que é um homem agora, pode continuar sendo a pessoa que você é, então durante a minha transição com a família foi mostrar para eles que sou esse homem. Tudo se deu a partir do que minha mãe me ensinou, então não tinha como eu ser outra coisa. Tem vícios que você acaba tomando para talvez se sentir mais confortável dentro do gênero, do estereótipo do gênero, e eu tive que quebrar isso durante a minha maturidade na minha transição.

Comecei minha transição quando estava na faculdade e foi tranquilo porque sempre fui muito paciente. Pois, quando comecei a faculdade eu já tinha cabelo curto e usava roupas masculinas. Andava sempre em grupo de meninos na faculdade e eles se abriram comigo e falaram: *"Deixa a gente te fazer uma pergunta, como você se sente mais confortável, a gente te chama de "ele", a gente te chama de "ela", o que a gente pode fazer?"*. E eu falei que por enquanto não sentia necessidade de me tratar no masculino, mas quando sentisse avisaria.

Isso foi logo no início da faculdade, no primeiro ano, e a partir do momento que eu dei início aos tratamentos. Digo que a transição é muito antes da hormonização. Mas, a partir do momento que, eu comecei o hormônio, também comecei a mudar o meu pronome comigo e tive que trabalhar isso com eles também. E como tinha combinado cheguei no pessoal e pedi para que me tratassem por ele, mas não iria ser grosso ou ríspido era só tentar não vacilar. Eles falaram que não tinha problema, eu mudei o nome na chamada e algumas pessoas olhavam a hora que chamava o novo nome, porque antes era outro, se perguntando quem era a pessoa.

Então, foi uma transição tranquila naquele espaço, graças a Deus, eu não tive preconceito nenhum. Usava o banheiro antes do intervalo para eu não encontrar tantos homens no banheiro, porque a passabilidade não era tão grande, ainda era lido como sapatão e sempre evitava esse contato com os homens.

A partir do momento que eu tomei para mim sobre a transição, hormônios, mudou a chave. Teve vezes de eu sair com a minha mãe irmãs para o shopping e elas usarem o banheiro feminino e eu ir para o banheiro masculino. Tive que virar essa chave e deixar bem claro do motivo de eu começar a frequentar o banheiro masculino, porque se eu tiver no banheiro com elas, e for lido como um homem capaz de eu sair espancado. Assim, preferia me arriscar no banheiro masculino, que por si só, já é um risco para nós também.

Mesmo sendo difícil eu usar o banheiro fora de casa, tento não criar essas neuras de que vai acontecer algo, então entro com uma firmeza e com uma propriedade maior de

gênero, de quem você é e do que você está indo fazer lá. Você não está indo lá para ficar olhando para os caras, e sim para usar o banheiro e sair. Então, com essa firmeza de entrar olhando para a cabine e sair olhando para a porta, é o que me deixou mais confortável.

Porém, acabei criando alguns comportamentos para usar o banheiro, com aquela história de que homem não abaixa a tampa, quantas vezes eu não fiz isso, misericórdia! Você se senta no vaso, faz o que tem que fazer, vai lá, abaixa a tampa ergue e sai. Eu tenho vício de hoje onde eu vou usar o banheiro, eu abaixo as tampas, todas, porque eu só dou descarga quando tiverem todas baixadas, depois levanto todas e saio. Mas penso por quanto tempo eu tentei alimentar uma coisa que ninguém está reparando e que não muda em nada. Erguer a tampa não vai te fazer mais do que nada, então, foram os estalos que fui me dando de que não precisava fazer certas coisas.

Enfim, são muitas coisas...em relação a religião, por exemplo, eu sou, atualmente, cristão, sempre fui da igreja evangélicas. Ainda me sinto muito confortável com a palavra, com a condução dos cultos, sempre me senti muito bem. Mas não sou praticante, não vou à igreja hoje, às vezes eu escuto uma música, um louvor ou escuto uma palavra, um pastor pregando, e isso me é o suficiente, assim como as minhas orações.

Quando eu me assumi lésbica eu tocava na igreja, era baterista e contrabaixista, e sempre fui muito ativista mesmo no tempo da religião. Eu tocava, dançava, sempre estava em grupo de adolescentes e jovens, então, quando eu me assumi como lésbica minha mãe foi lá no pastor falou que eu estava namorando com uma mulher e ficou esperando uma solução do pastor pensando que talvez ele fosse me dar a “cura gay”. O pastor sentou comigo e falou tudo que eles pensavam dentro da bíblia, que isso é pecado, é errado, não agrada a Deus e se eu continuasse nesse caminho sabendo da verdade estaria pecando.

Por fim, me perguntaram o que eu queria fazer, se voltaria para a igreja ou continuar meu relacionamento. Falei que continuaria com meu relacionamento, porque estava feliz e não acredito que Deus vá mudar quem eu sou, até porque ninguém é perfeito e não é porque eu namoro mulher ou você namora mulher também que você é melhor que eu. Então, a partir desse momento, dessa experiência que eu parei de tocar na igreja, foi o que me afastou. E ir à igreja assistir a palavra, esquentar o banco e ir embora para mim não é legal, não é suficiente, então, eu prefiro não ir.

É importante falar sobre a questão do trabalho também, e de quanto isso me influenciou, porque além de estar na faculdade durante a minha transição, também trabalhava como balconista de loja de uma doceria, que é uma franquia. Por ser uma

franquia ela segue um padrão, e todos os balconistas de todas as lojas que existem eram mulheres, e eu estava entre elas, mas quando eu comecei a minha transição eu que já não usava roupa feminina, quis menos ainda.

Tive que conversar com a minha chefe e falar que eu me identificava como homem e não iria mais usar nenhuma roupa feminina, o uniforme era uma camiseta normal e uma calça. E foi só eu ter aquela conversa que ela veio para mim com uma camiseta polo *babylook*, uma calça *legging* dizendo que eu teria que usar sapatilha e usar maquiagem. Aquele foi um estresse muito grande, eu chorei e me sentei com meu chefe para falar que não ia usar, não estava me negando, mas eu achava que como é coisa de gênero eles não poderiam me obrigar a usar uma coisa que eu não me sinto confortável, independente do meu gênero. Se uma menina entra lá e ela não gosta de usar maquiagem, não podem obrigar ela a usar maquiagem.

Foi uma situação muito desconfortável, porque eu tive que afrontar eles e correr risco de ser mandado embora, sendo que era esse o salário que estava pagando minha transição, pagando meu hormônio, meu psicólogo, estava pagando tudo. Por fim, pediram para eu ir ao centro e comprar uma calça da mesma cor, não muito larga e nem muito apertada para não me deixar desconfortável, e um tênis preto baixo. O avental é a mesma coisa e a *babylook* eu teria que usar porque é padrão. Eu que já estava explodindo ali com aquela situação de ter que usar algumas coisas, mas eu falei que estava bom, para não perder meu emprego por causa disso.

Tive que aceitar aquela situação de viver ali até eu receber uma outra proposta de emprego, onde eles me chamaram exatamente pelo fato de eu ser uma pessoa trans. Inclusive, fui o primeiro homem trans nessa empresa e para mim foi uma experiência incrível, não sofri nenhum preconceito, nem transfobia enquanto estive lá como eu sofri no meu emprego anterior, que eu já estava a mais de três anos.

As pessoas te desafiam muito em cima de gênero, e sinto que isso é uma transfobia. Porque a pessoa já tem um pensamento sobre isso, e aí ela quer que você faça o que ela acha que é pertencente a cada gênero. Então, eu sinto que isso é uma afronta a minha transexualidade e eu não tenho que fazer o que ela pensa que é do gênero correto, para mim, isso é a transfobia.

Acredito também que, nós somos a evolução do mundo quanto um ser masculino, porque temos o discernimento de que o que nos torna masculino não é um gênero, não é uma roupa, e sim o que a gente é. Devido a toda essa questão de transição conseguimos

identificar que aquilo nos torna únicos, se você tem mais barba ou não, se você tem mais pelos, não te faz mais ou menos que ninguém. Além de ser a evolução sobre o pensamento das vivências de uma mulher, por ter vivido como uma, e hoje como um homem a gente consegue ter essa consideração pelos dois gêneros, eu acho a gente lindo e maravilhoso.

4. CAUÃ: RESSIGNIFICANDO MEU PAPEL

Acredito que, a masculinidade é uma eterna desconstrução, principalmente para nós homens trans e transmasculinos. Acabamos nos apoiando muito numa masculinidade pautada na construção heteronormativa cisgênera, então a masculinidade para mim é entender que temos também partes que não são pautadas nessas construções e tudo bem. Por exemplo, temos também uma parte "feminina", e entender que isso não nos faz menos homens. Por isso, acho que a masculinidade é entender de fato que somos seres individuais, e cada um tem uma masculinidade diferente, a minha masculinidade é diferente da sua, que é diferente de outros rapazes, e que todos somos homens mesmo assim.

É você se colocar numa posição de aprendizado e não numa posição superficial como a maioria da sociedade. Entender que a gente pode e deve errar, mas que temos que aprender com tudo isso também, e a masculinidade não significa algo que você consegue de forma permanente, e sim algo que se adquire no decorrer de toda a vida. Então, você está em constante mudança, dependendo do estágio de vida de cada um, pautado no respeito, no aprendizado.

Os estereótipos acabam entrando na minha vida como um homem trans, acabam reforçando para a sociedade aquilo que eu sou, tento não cair nisso ou pelo menos perceber quando eu caio, principalmente em ambientes que a gente não tem outros homens trans é muito fácil se deixar corromper. Na academia, mesa do bar com outras pessoas que a gente acabou de conhecer, e que tem um ambiente cisgênero, é muito fácil fazer piadas machistas, piadas que contemplam aquilo que também nos afeta.

O machismo também afeta a gente, e nesses pontos acabamos caindo nos estereótipos para reforçar algo que queremos que as pessoas também identifiquem. Já me peguei diversas vezes falando e fazendo coisas que não apoio de fato, e outras pessoas ou minha namorada perceberam e me falaram que tinha sido errado. E realmente, eu tento fazer o mínimo possível de reprodução dessas coisas, mas acaba sendo muito fora do controle, temos que ficar nos policiando o tempo todo. De fato, é muito fácil a gente se pegar reproduzindo coisas que a gente não está de acordo só para ser inserido no meio ou para evitar violência, então eu vou agir igual e eles para que não haja nenhuma brecha, não tenha espaço para algum tipo de violência, seja física ou verbal.

Esses estereótipos vão muito para o lado comportamental, mas também na idealização, por exemplo, eu estou a quase um ano em terapia hormonal fazendo o acompanhamento e, obviamente eu tento não fazer, mas minhas referências de corpo e fisionomia vão de acordo com homem cis. Assim, eu tento sempre lembrar que não sou um homem cis, graças a Deus, mas acredito que se eu fosse não teria as perspectivas que tenho hoje, pois minhas vivências me possibilitam ser quem sou hoje.

Acontece que a gente acaba se pegando nisso, em querer ter a barba, o corpo daquele cara, falar como aquele cara, ter os trejeitos daquele cara, e eu dificilmente tenho referências trans em relação a isso, e quando tem essas referências trans sempre estão muito ligadas a um padrão cis, como o Tarso Brant, por exemplo. Ele é um cara que eu tinha muita referência, em corpo que é um padrão muito cis, muito almejado pelos homens trans, mas que realmente não precisamos disso. Acho que estou conseguindo desconstruir em mim essa parte mais comportamental, mas essa questão do estereótipo físico ainda é algo que eu tento me libertar porque parece um processo um pouco mais difícil.

Fazem uns 3 anos que eu me reconheci como um homem trans, e a menos de um ano que eu iniciei a terapia hormonal, então as pessoas não conseguiam relacionar o meu corpo, a minha presença, a uma presença masculina. De alguma forma, eu precisava evidenciar para as pessoas que eu tinha mudado, eu sentia essa necessidade, porque as pessoas me chamavam pelo feminino, me chamavam por um nome que não era meu.

Me senti pressionado em fazer algo em relação a isso, seja iniciar a terapia hormonal ou correr com a questão da mastectomia, seja mudar a documentação, porque tudo facilitaria a mudança no entorno que eu estava inserido. Hoje, eu moro com a minha namorada e com outros três homens gays cis, e para dois deles foi muito difícil conseguir relacionar minha presença como uma presença masculina, principalmente, pela questão do homem gay cis ser muito falocêntrico e tudo mais.

Então, eles já tinham essa dificuldade enorme, e eu que estou morando com eles há pouco mais de um ano, faz cerca de 5 meses que eles de fato me reconhecem e conseguem me ver como um igual. Mas eu senti como se fosse uma obrigação minha ajudar as pessoas a entenderem quem eu sou, por frases como: *"você quer que eu te trate no masculino, mas sua voz é de mulher"*, *"você quer que eu te trate no masculino, mas você não tem barba"*, *"quer que eu te trate no masculino, mas você tá igual quem era na semana passada quando eu te tratava no feminino"*.

Eu comecei a terapia e debati bastante com a minha psicóloga sobre o porquê eu estava querendo isso, me questionei se eu estava querendo me hormonizar por conta das pessoas, para que fique mais fácil, e eu fique menos constrangido em locais públicos ou dentro de casa. Em parte, acredito que comecei pelo reconhecimento também, e por mim. Tenho certeza de que ela me ajudou muito, mas não é tudo.

Então, ela hoje é muito mais uma realização pessoal, de olhar no espelho e ver os meus jeitos, a minha fisionomia, e como está se alterando e chegando próximo a como me vejo de fato interiormente. Mas ainda estou em processo de desconstrução, porque não queria iniciar a terapia hormonal para depois parar no meio do caminho, sendo algo que a gente continua pelo resto da vida, queria ter plena certeza que ia iniciar algo por mim. Pois as pessoas vão entrando e saindo da nossa vida. Mas isso é algo que eu teria que manter comigo pelo resto da minha vida, tive esse cuidado também de saber o momento certo e não fazer por impulso, até porque, existem riscos para a saúde.

Quando eu iniciei a hormonização não esperava tanta instabilidade emocional, e obviamente, eu estava louco para parar de menstruar, algo que sempre detestei. Porque infelizmente, acabo ainda reprimindo muitas coisas que me levam ao feminino. Hoje, se eu afino a voz ou alguma coisa do tipo eu vou muito mais para o lado de um homem gay do que uma mulher, e tá tudo bem se eu também representar traços femininos. Só que a menstruação era algo que me incomodava demais, e me lembrava o tempo todo que eu era uma mulher, “*como eu posso ser um homem sendo que eu menstruo?!*” Essa parte de cessar a menstruação foi algo que me animou muito.

Todas as questões físicas da hormonização, eu estou gostando bastante, aparecem resultados muito rápidos, principalmente em relação a voz. Inclusive, fiz bastante uma monitoração por áudio, por ser algo que me incentivava cada vez mais, perceber que minha voz mudou de semana passada para cá, do mês passado para cá, e eu achei isso incrível. Em relação a barba, por exemplo, cada pelinho novo eu fico: “*caraca um pelinho novo*”. Acho incríveis as mudanças que eu percebo dia após dia. São coisas bobas que me fazem ficar bem e me sentir de fato quem realmente eu sou. Quando faço a barba, sinto que eu sou quem eu realmente sou.

Enfim, a hormonização não confirmou quem eu era, porque já era homem antes dela, mas possibilitou que eu esteja caminhando para ser uma nova pessoa fisicamente e possa construir a partir de hoje, a cada novo dia um homem diferente. Se as pessoas me reconhecem na rua como um homem, eu consigo fazer a diferença quebrando os

estereótipos, corrigindo as falhas e falas que, muitas vezes acabamos cometendo e as pessoas não percebem, principalmente, em situações cotidianas.

Em questão emocional, eu tive um pouquinho de dificuldade, porque antes da hormonização eu tinha muita facilidade de chorar e hoje eu não tenho mais. E para mim é necessário o meu corpo também fazer a liberação de sentimentos. Desabafar não consigo mais, muito difícil eu chorar, é questão de instabilidade emocional também, às vezes eu estou muito puto da vida, com muita raiva, de repente eu fico de boa. São picos, principalmente quando eu faço aplicação da testosterona. Agora, eu troquei a testosterona e ficou um pouco mais tranquilo, mas no início era bem complicado, e as pessoas que estavam do meu lado acabavam sentindo mais, porque eu acabava descontando em quem estava mais próximo.

Estou fazendo academia justamente por não ter ficado completamente satisfeito com a minha mastectomia, porque ainda sobrou tecido mamário e isso me incomoda um pouco. Mas, em relação a procedimentos cirúrgicos, eu acho que não tenho necessidade de realizar outra modificação física, tento minimizar na academia com os exercícios. Às vezes, eu entro em algumas piras pensando se seria melhor eu fazer uma cirurgia de criação de falo, mas me pego de novo, falando que não preciso disso para ser um homem e acontece aquele debate interno, eu tentando lutar comigo mesmo.

Tenho o *packer* e é algo que me possibilita um prazer momentâneo, mas que eu só utilizo nas relações sexuais, não utilizo no dia a dia porque me sinto desconfortável. Não utilizo para fazer xixi, mas é algo que eu gostaria muito, pois acaba sendo segurança também, para locais públicos, mas demanda treinamento e, por enquanto, eu não tenho treinado.

Minha relação com meu corpo hoje não é das melhores, a academia está me possibilitando ter um pouco mais de amor pelo meu corpo. Muitas vezes, por exemplo, estou sem camisa e, justamente, por não ter ficado completamente satisfeito com a mastectomia, eu não me sinto confortável. É algo que eu ainda estou tentando entender, porque como ficou ainda tecido mamário me decepcionou bastante, então, vou tentando resolver isso com exercício físico. Tem as curvas que ainda não são como eu queria, não tenho uma relação ideal com as curvas que me remetem muito ao meu corpo antes da terapia hormonal. Essa questão que eu estava falando de no início a gente comparar muito com o corpo de outros homens, principalmente cis, então eu ainda quero conseguir massa

muscular, é algo que almejo, hoje olho no espelho e não estou completamente infeliz, mas também não estou no meu padrão ideal.

Ainda assim, me considero hoje uma pessoa passável e acredito que isso me coloca em situações de conforto em locais públicos. Isso me resguarda a integridade física e, muitas outras questões que antes não eram possíveis como, por exemplo, o constrangimento ao utilizar o nome social em algum lugar. Me resguarda algumas vivências que eu não quero ter nunca mais, de ser humilhado, ser o centro das atenções e as pessoas olharem como alguma bizarrice.

Mas, ao mesmo tempo, me coloca em situações complicadas, por exemplo, às vezes num Uber eu sinto que preciso me posicionar contrariamente a um assédio, por exemplo, teriam dois pontos dependendo da situação: o primeiro de tentar fazer com que a pessoa que eu estou de carona tenha outra perspectiva sobre isso, tentar falar o quão errado é, tentar fazer com que a pessoa repense os atos; ou segundo, eu posso me resguardar e não falar nada, ficar quieto, mas também ser um cúmplice daquela atitude.

Hoje não tenho mais esse problema de as pessoas ficarem pensando se sou homem ou mulher, já não tinha tanto antes, mas a voz acabava “denunciando”, tanto que eu tentava engrossar a voz para me resguardar. Quando nos colocamos como homens, as pessoas começam a tratar a gente diferente, então, acham que podem fazer piadas que não são engraçadas e ficamos numa situação de estar ali ouvindo algo que não concordamos.

Antes eu estava muito focado em pensar que as pessoas não precisam saber que eu sou trans, mas hoje eu tenho outro posicionamento e já digo que eu sou trans, quero que as pessoas mudem o mundo também, sejam melhores umas com as outras e não sejam e façam perguntas bobas. Eu me torno também um canal dessas possibilidades, um canal aberto para que as pessoas também possam tirar dúvidas. Hoje, eu assumo a identidade tranquilamente, coloquei no *Instagram* e fui respondendo às perguntas do pessoal. Acho que eu consegui ressignificar meu próprio papel e trazer coisas que são pautadas na minha experiência, na minha vivência, deixando isso bem claro para as pessoas.

A hormonização e a passabilidade andam muito juntas, principalmente em relação ao homem trans que, adquirem uma passabilidade maior do que as mulheres trans e travestis, por lidarem com toda a questão da marginalização. A testosterona por ser um hormônio muito forte, já possibilita essa mudança na gente muito rápido, e eu vejo essa passabilidade como uma oportunidade de usar isso para o bem na sociedade.

Por sermos introduzidos e socializados como uma mulher, nos possibilita ter experiências que outras pessoas não têm, esse viver na pele. Isso proporciona que a gente tenha essa noção de empatia, no sentido mais puro da palavra de você realmente se colocar no lugar de outra pessoa, de alguém que sofreu um assédio ou que talvez tenha sido estuprada.

Isso me possibilita uma visão muito privilegiada, porque hoje eu penso mil vezes nas minhas atitudes antes de fazer algo que talvez outras pessoas não façam com tanta facilidade ainda. Principalmente, por termos sofrido tanto durante esse processo que buscamos também informação, buscamos trocar ideia com outras pessoas que também estavam ali no mesmo meio. Essa troca com outras pessoas é muito importante também, porque se a gente tenta lutar sozinho fica muito mais difícil de entender onde estamos inseridos, nosso papel e o podemos mudar.

Mesmo que não tivesse sido socializado como mulher, eu ainda conseguiria ter a visão que tenho hoje por outros meios. Eu tenho um melhor amigo que é cis e hétero, e ele também é super interessado em saber e pesquisar, por isso eu acredito ser possível. Se eu tivesse nascido cis talvez eu tivesse entrado na faculdade também, porque são algumas variáveis além da transexualidade, e em algum momento eu teria esse pensamento que eu tenho hoje. Só talvez não aos 25 anos, talvez aos 30 ou 40. Para mim, tudo é questão de interesse em saber como minhas atitudes impactam outras pessoas, é isso que ser trans me possibilita hoje, saber como as outras pessoas se percebem em relação a mim e como a gente pode estar no convívio mútuo de respeito, independente se somos trans ou somos cis.

O que mais afetou minhas relações diante das mudanças emocionais foi a questão dos picos de raiva, quando eu estava muito ansioso para que as pessoas me reconhecessem como homem, e não tinha paciência para erro. Mas o erro faz parte do processo também, algumas pessoas, por exemplo, minha família e meus amigos acabaram errando pronome e nome. Como eu estava num pico emocional muito instável, respondia logo um xingamento, dava uma “patada” e depois quando abaixava os ânimos um pouco eram os momentos que eu conseguia chorar de pensar no que eu estava fazendo, que se esse não era, e porque eu estava agindo daquela maneira.

Acredito que está muito atrelado a questão da ansiedade de almejar resultados rápidos e querer esse reconhecimento de prontidão sem entender passamos por um processo e as outras pessoas também passam por esse mesmo processo. Claro que tem

peças e pessoas, algumas que fazem por maldade e realmente não querem acertar. Mas, obviamente, minha família, meus amigos, minha namorada estão comigo na luta. Então, eu tinha que entender também esse processo de me acostumar e adaptar a linguagem.

Nestes picos de raiva eu acabava sendo bem estúpido com as pessoas e essa instabilidade emocional fazia eu me afastar cada vez mais, ser mais introspectivo e evitar falar dos meus sentimentos. Porque cada vez que eu falava era uma “patada” diferente e uma perda de paciência que eu nunca tive. Por isso, essa questão emocional pegou muito no início, nos 4 primeiros meses, além de o corpo também estar se adaptando a um novo formato, um novo ciclo de hormônios.

Tudo isso fazia com que eu ficasse calado a maior parte das vezes, o que também foi ruim porque eu precisava falar cada vez mais com a minha terapeuta sobre isso. Porém não conseguia falar com as outras pessoas nem me desculpar e tentar me justificar. Não conseguia chegar para trocar essa ideia, e não vou falar que ficou mais fácil fazer isso, porque ainda sou muito fechado. A questão emocional é algo que tenho uma dificuldade extrema, que eu ainda estou tentando me policiar, mas que descobri que ficando quieto eu dou menos patada nas pessoas, então, é uma técnica que eu aderi. Mas é claro que isso gera outros problemas.

Penso que as pessoas não entendem que é uma bomba de hormônio dentro da gente, e eles enxergam talvez como uma TPM (Tensão Pré Menstrual) constante, pelo menos o pessoal aqui de casa relata isso quando conversamos sobre. Eu ainda tento não entrar muito no mérito porque TPM remete muito a menstruação, que remete ao corpo feminino, e eles vendo como uma TPM constante eu tento não ficar irritado por essa associação. Mas coloco para mim que está tudo bem, pois, ter ou não TPM não vai me fazer menos homem. E se ficar mais fácil para eles entenderem dessa forma, tudo bem, isso também vai do processo de aprendizagem deles.

Algo que eu ainda estou tentando descobrir é se esse processo de me tornar menos afetuoso se dá pelo hormônio ou também pelo estereótipo de homem ser assim, porque, de fato, nas minhas relações não sou mais tão carinhoso, não tenho mais um cuidado em demonstrar. Por exemplo, eu amo minha namorada e sinto muito amor por ela, mas eu não demonstro e não sei se isso é por conta da hormonização ou do estereótipo, porque antes de iniciar a hormonização eu demonstrava.

Normalmente, eu acho que essa questão do hormônio é algo que influencia nessa mudança emocional, deixa a gente mais frio do tipo não preciso falar o tempo todo que eu

a amo, só que para ela é importante que eu diga, tenho consciência disso, afinal a gente namora há 5 anos. Se eu tenho o sentimento e ela se sente na necessidade de ouvir isso de mim, por que eu não faço?! Às vezes, me sinto emocionalmente distante dela, da minha família e dos meus amigos.

Minha família foi a última a realmente ficar sabendo que eu me identificava como um homem trans, já tinha contado para minha namorada, para os meus amigos mais próximos, outros amigos que não eram tão próximos assim, contei até para o pessoal do trabalho, e só depois disso fiz toda a alteração em rede social. Eu sabia que em algum ponto ia precisar contar para os meus pais, porque eles iriam acabar vendo em algum lugar.

Para eles foi bem tranquilo essa questão da transexualidade, porque eu acho que o luto pela "filha" eles tiveram na primeira saída do armário, que foi bem mais complicada, então eles já estão em outro ponto da vida. Meu pai estava tratando de um câncer na época que eu contei e ele veio até mim. Acho que estava com medo de ter complicações na cirurgia e acabar vindo a óbito, não queria morrer brigando comigo por conta das brigas de anos anteriores.

Eram brigas muito intrínsecas na nossa relação que não permitiam que a gente tivesse uma relação pai e filho ou mãe e filho, então, sempre vi meus pais como os provedores da minha vida e não como família ou amigos. Só quando meu pai veio até mim, me mandou um áudio de oito minutos, que eu fiquei até preocupado. Mas ele falou que me aceitava e queria que eu fosse feliz com quem eu estivesse. Então, falei que não é sobre quem eu estou ou não estou, porque na época eu já estava há 3 anos com a minha namorada, é sobre quem eu sou. E ele falou que entendia isso e sempre soube por que eu nunca tinha sido a filha dele e não era igual as outras meninas. Eu sempre fui igual ao meu primo.

Nós não citamos a palavra transexualidade naquela conversa, mas ficou intrínseco. E concomitante a isso ele foi conversar com a minha mãe, porque ela é mais resistente em entender questões LGBTs. Para ela foi extremamente difícil quando eles descobriram que eu me relacionava com mulheres, foi o fim do mundo mesmo, até me colocaram numa psicóloga que falava para mim o que conversava com eles e falava com eles o que conversava comigo. Além de falar que, ia conseguir reverter a minha sexualidade. Foi realmente muito traumático, não lembro nem o nome dela de tão traumático que foi, mas se eu lembrasse hoje denunciaria.

Sempre tivemos uma relação muito distante, quando contei a eles foi como jogar a merda no ventilador. Só que meus amigos já sabiam, minha namorada já sabia, no meu

trabalho já sabiam e eu não dependia dos meus pais para viver, então se eles quisessem estar comigo beleza, mas se eles não tudo bem também. Eles são extremamente religiosos, ambos cresceram em igreja católica, e eu também, fiz catequese e tudo mais. Nós temos uma família muito restritiva, onde tudo, todas as relações são pautadas na religião.

Então, a pessoa consegue um emprego, foi porque Deus colocou no caminho. Agora se perdeu o emprego, é porque Deus está preparando alguma coisa melhor ou porque ele achou que seria melhor retirar. Ser lésbica, por exemplo, é castigo de Deus, pois fez alguma coisa errada ou já está na tentação do demônio. Ou seja, tudo é extremamente pautado em relação a religião.

É um processo difícil, porque eu tive que me desvincular há muitos anos da família, da minha avó, meus tios, meus primos, de todo mundo por uma questão de segurança. Tive que bloquear todo mundo, e faz uns 15 anos que eu não vejo ninguém. Até porque eu sabia que seria um sofrimento tanto para mim, quanto para os meus pais. No início, quando eu saí pela primeira vez do armário eles ficavam o tempo todo ouvindo a rádio evangélica, era 24h isso e rezando para que não fosse verdade que eu me relacionava com mulheres, porque isso era abominável e tinha que ter alguma solução para reverter.

Isso aconteceu muito também na segunda saída, mas como meu pai hoje em dia faz parte de uma associação de pais LGBTs acho que ele está muito mais bem preparado e mais voltado a ciência do que para a religião. Mesmo ainda tendo a religião muito presente ainda da vida dele, assim como a minha mãe, ele coloca a religião como uma proteção para mim e não para tentar reverter algo. Eles já entenderam que não tem o que ser revertido. Então, acho que hoje eles conseguiram resignificar as orações e os pedidos.

Então, a gente nunca teve um apego emocional, estamos tentando reconstruir agora depois de vinte e tantos anos. Mas sempre deixei claro que se quiserem fazer parte da minha vida são muito bem-vindos, se não quiserem tudo bem, eu vou continuar minha vida da forma. De qualquer forma, foi muito importante o apoio deles. Eu já tinha fechado a mastectomia pelo particular muito antes de contar para muitos amigos. Demorei um ano e meio, mais ou menos, até fazer a cirurgia de fato, porque eu não queria que fosse traumático para as pessoas que tivessem ao meu redor. Pensei, também, na questão da hormonização, porque nela as mudanças acontecem muito rápido e são muito perceptíveis, então eu não queria que fosse algo que meus pais ficassem traumatizados a ponto de não quererem estar na luta comigo.

A mastectomia fiz escondido deles e tudo bem eu não tinha contato. Eu já tinha pouco peito e não era algo que eles fossem perceber, mas era algo que faria total diferença para mim no dia a dia, então eu fiz e contei depois. Mas as aplicações de testosterona, eu queria que fizessem parte porque tem vários riscos envolvidos e precisa ter um acompanhamento que é contínuo para o resto da vida. Queria que eles de fato pudessem estar comigo ali naquela luta, e soubessem por mim e não por outros. Pensei que se eles realmente estão dispostos a estar do meu lado, eu queria que as coisas fossem mais transparentes. Como eles aceitaram de boa a mastectomia entendi que eles estavam prontos para isso também.

Em relação ao meu namoro, ela fala que percebeu que eu era trans antes de mim, desde quando a gente iniciou o namoro. Agora, em questão sexual, eu nunca fui muito liberal com o meu corpo e sempre tive as restrições: “*não toca aqui*”, “*não faz isso*”, “*deixa que eu comando*”, “*deixa que eu faço*”, e ela foi percebendo aos poucos que alguma disforia tinha.

Assim, ela conseguiu entender antes de mim que tive um processo bem mais lento, porque eu só tinha coragem de falar alguma coisa quando estava bêbado. Então, o álcool entrava e eu pedia para ela tentar me chamar no masculino naquele dia. Mas quando, no dia seguinte, ela tentava puxar o assunto, eu não queria falar, dizia que tinha sido coisa de momento e ela respeitava isso tranquilamente.

Minha namorada sempre foi muito tranquila, e para ela não foi surpresa quando eu falei que queria fazer um teste de viajar e me apresentar no masculino para as pessoas. E quando eu voltei entendi que era isso que eu queria. Ela entendeu e respeitou porque é um processo difícil, ainda mais por estar dentro do meio LGBT a gente sabe da questão da expectativa de vida e tenta negar o máximo possível que isso acontece com a gente, que a gente é trans e tudo mais.

Sabendo da realidade, principalmente aqui no Brasil, é um processo doloroso e ela foi muito tranquila. Inclusive, é um porto seguro que sempre tive na verdade, quando eu me vi em alguma situação de risco. No ano passado, eu passei por uma situação bem chata quando fui fazer a locação de um carro e meus documentos ainda não eram retificados, porém eu tinha o nome social no cartão do *Nubank*, e as atendentes não entendiam o porquê daquilo. Eu liguei nervoso para a minha namorada, ela só pediu para eu aguardar que já estava chegando, pegou um Uber e em 15 minutos chegou. Tentou explicar para as

atendentes e acabou ficando nervosa também, dizendo para a gente fazer uma denúncia e tomou a frente naquele momento que eu não consegui.

Então, ela é muito mais que uma parceira, uma companheira, é muito aliada a causa. E não somente a minha, se ela presenciar alguém sendo transfóbico em qualquer lugar toma partido. Também entendeu tranquilamente sobre o novo nome, para ela foi facilímo e eu até estranhei, porque para mim era diferente ouvir as pessoas me chamando de Cauã e para ela já era algo extremamente comum. Até corrigia as outras pessoas quando ela percebia que eu ficava constrangido. Realmente, para ela já era tão normal me ver, antes mesmo de eu me entender trans, me enxergar como homem.

Com relação as modificações corporais que eu fui tendo com a hormonização ela se diverte mais que eu na verdade, acha graça nos pelos aparecendo, no aumento da libido, que também é algo que acontece. Às veze,s eu estou dormindo e a sinto passando a mão no rosto, arrumando a barba e falar que está crescendo pelinho ali que não tinha antes. Então, ela sabe que é uma vitória minha, e trata como se fosse também uma vitória dela.

Fora essa situação com a locação do carro não lembro de ter passado por outra situação violenta tão diretamente, mas eu considero como um tipo de violência as pessoas quererem se intrometer em algo que não diz respeito a elas, serem muito incisivas em relação a questão sexual ou em questões até mesmo do passado. Teve uma situação de uma pessoa do meu antigo trabalho que queria a todo custo saber o meu nome de registro e eu falei que não ia mudar em nada na vida dela saber, só que na minha muda muito me chamar de Cauã. Ainda assim essa pessoa me procurou nas redes sociais, viu algum comentário ou alguma marcação, tirou um print e falou que tinha descoberto. Então, são questões que eu trato como uma violência, porque infelizmente, a gente não consentiu aquilo. Mas a situação que foi mais pesada mesmo foi da locação de carro, porque eu tive que falar com gerente, fazer barraco e tinha outras pessoas ao redor que começaram a olhar como se estivessem tentando entender o que eu era. Foi todo um constrangimento.

Quando eu iniciei o processo de transição ainda não tinha terminado a faculdade, e por isso demorei para terminar. Disse para o meu orientador que queria me formar, mas já como Cauã, e foi muito louco porque eu não sabia como os professores iam reagir, como meu orientador ia reagir, não sabia nem se era possível utilizar o nome social na faculdade. Só imaginava que não era tão difícil porque já tinha visto alguns calouros utilizando o nome social na lista de chamada, mas não sabia como funcionava para um documento final. Era só o TCC (Trabalho de Conclusão de Curso) que faltava para eu me formar, estava nesse

processo desde 2017, e eu ficava sem saber o que fazer. A viagem que eu fui fazer a aplicação da pesquisa do TCC foi em janeiro de 2018, onde eu falei para minha namorada que ia me apresentar para todo mundo como Cauã.

Então, em 2017, quando estava no último ano da faculdade decidi que não queria me formar com meu nome de registro. Até porque estava fazendo um trabalho que eu queria levar para a vida e por isso não queria que fosse impresso um nome feminino que não me contemplasse. Fiquei assim muito tempo questionando se era uma boa adiar a graduação até fazer a troca dos documentos ou fazer todo o processo de alterar tudo e depois falar com a faculdade para pedir a retificação.

Enfim, eram questionamentos que ninguém sabia responder muito bem ali no curso, e eu também não me sentia preparado para conversar com as pessoas sobre essa questão, mas quando eu falei que era isso mesmo, e ia apresentar como Cauã, e se não pudesse eu denunciaria para alguma ouvidoria. Apesar de acreditar que não chegaria a tal ponto, porque eu lembro de outros meninos que já tinham passado pelo processo, então, eu só fui.

Quanto menor a burocracia estava melhor, e quanto menos exposição também. Sendo que eu cogitei até não entregar o TCC por essas questões burocráticas, mas no final foi tudo tranquilo e eu consegui imprimir meu trabalho mesmo sem ter retificado a documentação na época. Na colação de grau, fiquei com medo de chamarem pelo nome de registro, mas minha namorada foi lá olhar a lista dos formandos antes de começar e estava tudo certinho, também falou com o cerimonialista e com os professores.

Hoje, eu estou no mercado de trabalho na área da educação, mas eu queria muito fazer um mestrado voltado a área da ecologia, que é uma área que eu sou apaixonado e que conseguiria me direcionar algum dia para o trabalho com tubarões. Mas sei que no momento, eu não consigo abdicar do meu trabalho para fazer um mestrado integral, porque todos os de ecologia que eu achei por enquanto são integrais. Hoje não conseguiria isso, mas eu quero muito seguir na parte acadêmica em alguma parte da vida.

5. GABRIEL: A INCLUSÃO FAZ A DIFERENÇA

Me chamo Gabriel e me identifico como um homem trans negro, residente de São Paulo, atualmente com 26 anos. Falar sobre o que é a masculinidade é difícil mesmo que já tenha pensado muito nisso. Hoje, enxergo a masculinidade como um conjunto de códigos, até porque, é cientificamente estudado que o gênero é determinado pelo social, mas se tem uma série de códigos diários de vestimenta, fala, comportamento em geral, que precisam ser seguidos para que a masculinidade seja considerada. Independentemente, de ser cis, trans, hétero, gay, o que for, da forma que você for.

Tenho certeza de que mudou muito minha concepção de masculinidade ao longo desse tempo dos dois pontos de vista, enquanto pessoa que foi socializada como mulher, que enxergava o homem como carrasco; e enquanto homem, que entende o porquê desse papel de carrasco na sociedade. Sou muito grato de ter nascido e ter sido socializado como mulher, justamente, porque senão não seria uma pessoa aberta hoje, enquanto homem, para entender esses dois pontos de vista e a lidar com essas realidades.

Existem pessoas trans, que eu até já conversei ao longo da vida, que se pudessem ter escolhido teriam nascido um homem cis. No meu caso, não me parece algo plausível, jamais desistiria de ter nascido e sido socializado mulher, mesmo que muitas vezes tenha sido difícil de lidar, mas foi enriquecedor para a minha trajetória e para a construção da minha personalidade.

Depois do início da transição hormonal, eu passei por fases diversas, começando por aquela síndrome de impostor, em que tem que ouvir diariamente que você não é homem sendo que passou uma vida para se reconhecer. Quando, finalmente, você se reconhece, todo mundo diz que você não pode ser, porque te falta algo, então a gente vai internalizando que precisa se provar. Comecei a querer reproduzir esses códigos também, como falar do jeito que um homem deve falar, e até costumo brincar que no meio da transição hormonal a minha voz já foi mais grave do que é hoje, porque eu forçava para ser reconhecido como homem.

Tive momentos de eu tentar muito reproduzir esses estereótipos, e de algumas horas ser passável por conta disso, mas isso depois do início da transição hormonal. Nesses momentos revisitei momentos antes de eu entender que eu era um homem trans onde eu

também reproduzia, inconscientemente talvez, esses mesmos códigos só que do ponto de vista como mulher lésbica.

Hoje, entendo que não precisava me afirmar nesse sentido, mas aconteceu na base de muita terapia, autoconhecimento, de aprender também a como lidar com as pessoas negando quem eu sou e minimizar a síndrome de impostor. Nesse sentido, a informação sempre foi muito importante durante os processos, porque eu fui me entender enquanto homem trans na faculdade, quando eu comecei a estudar sobre transgeneridade.

Me ver nas pessoas e entender que era como eu me via e me sentia, porque antes disso sabia que não era mulher, mas não sabia o que eu era. Então, quando comecei a ver outras pessoas e a me reconhecer como homem trans/transmasculino. A partir desse me colocar como algo, comecei a reproduzir os códigos, a tomar hormônio, comecei minha transição e foi tudo meio no automático. Mas o processo da transição não se reduz ao hormônio, então a informação também foi crescendo, os acessos, pessoas com que fui convivendo e conversando, todo esse conhecimento foi agregando e fazendo com que eu mudasse ali de fase, de pensamento, até sobre coisas como a transgeneridade em si.

Me entender enquanto homem também não foi uma coisa fácil, exigiu muito desse processo de aprendizagem e mudança de pensamento. Porque como disse eu sabia que não era mulher. Mas quando você cresce sendo socializado como uma, a figura do homem não é a coisa mais atrativa do mundo e eu tive pouquíssimos exemplos de homens íntegros na vida, até num contexto familiar.

Por isso, foi muito difícil transitar do “não sou mulher” para “sou homem”, porque não queria estar nesse papel de homem. E uma pessoa me deu um conselho uma vez, disse que era melhor pensar no que eu queria ser fisicamente, intelectualmente e em como queria ser visto, para depois pensar em qual o rótulo que eu daria para isso. Então, foi a janela de entrada para essa possibilidade da transição e de me colocar enquanto homem trans, que na época pensava ser minha única possibilidade.

Ainda era uma visão muito binária de ou você é mulher ou é homem, e esse conselho abriu portas, como quem diz para abaixar um pouco os rótulos e começar a pensar um pouco na pessoa que você quer ser. Então, eu comecei a hormonização porque queria mudança física, não estava contente com várias partes do meu corpo, mas não entendo isso com uma disforia, e sim um desconforto como pessoas cis também sentem. Não gosto de usar o termo disforia porque acredito ser um conceito médico muito difundido na

população trans. Entendo que eu tinha um desconforto como qualquer pessoa, mas brilhava meus olhos me imaginar em um corpo dito e lido como masculino.

Quando iniciei a transição hormonal comecei a me exercitar, mudei totalmente minha rotina, alimentação e por medo de ter algum problema de saúde, e com isso meu corpo foi mudando bastante por conta da testosterona, mas também por conta dos meus hábitos. Tentei iniciar o processo de hormonização pelo SUS e fiquei esperando por uns 7 meses, tinha todos os exames, tudo certo, mas não conseguia marcar consulta ou quando marcava tinha que adiar. Então, a saída que eu achei foi tomar hormônio por conta própria e, por conta disso, eu também comecei a ser muito cuidadoso com a minha saúde, fazia meus exames por conta própria, a cada 3 meses. Como não tinha receita comprava os hormônios de forma *underground*, conseqüentemente, não passava com o endocrinologista nem com psicólogo.

Depois de um ano, eu comecei a trabalhar em uma empresa onde passei a ter convênio, a partir daí procurei fazer um acompanhamento, também faço terapia e passo com endocrinologista. Felizmente, deu certo esse meu cuidado, então estava tudo funcionando, mas agora eu sou medicamente assistido. Não cheguei a ter muitos problemas relacionados ao convênio ou atendimento médico em geral, eu tinha mais medo de chegar no profissional e ele não saber como me atender.

Mas tiveram momentos em que tive que explicar para o médico como ele tinha que proceder, isso acaba dando muita autonomia para nós porque se a gente não souber o que deve ser feito, quem é que vai?! Mas de certa forma também não é responsabilidade do paciente. Foram poucos os médicos que tive algum problema, mas se acontecia eu mudava de profissional. Ou acontecia com o caso da minha endocrinologista, que até então não tinha atendido nenhum paciente trans, e depois que passou a me atender começou a estudar sobre o assunto para poder me atender bem. Continuo, porém, com esse medo interno de lidar com algum profissional novo, fico com esse frio na barriga por não saber como vai ser.

Já as "disforias" foram surgindo por conta da sociedade, por exemplo, eu estava tranquilo com a minha voz até abrir a boca e alguém me chamar no feminino. Naquele momento virou um problema. Então, comecei a ter desconforto com várias partes de mim, não só do corpo, por ficar muito incomodado com as pessoas não me reconhecerem como homem, mesmo que elas não soubessem ou não me conhecessem.

Isso tudo acabava sendo muito desgastante, e nesses momentos eu comecei a lidar muito mal com o corpo, mas era algo que não vinha de mim. Hoje eu sou muito, muito tranquilo com meu corpo, me planejo para fazer uma mastectomia, mas não é algo que me tira o sono. Eu lido muito bem com os meus seios, com meu corpo de forma geral e todos os procedimentos que eu penso em fazer são só mais um passo da minha transição, mais um passo de uma transformação estética, que não necessariamente estão ligados a transição hormonal.

Até um ano de transição eu usava o *binder*⁶, e depois comecei a ver que não valia a pena, porque era muito desconforto e não estava escondendo mais nada. Eu tinha um volume do meu peito com ou sem *binder*, e até por conta do exercício físico, não estava mais fazendo diferença. Dado um certo momento, eu falei que não vale o sofrimento pra não ter nenhum resultado. O *packer* eu tinha muita vontade de comprar por causa daquela pressão de que todo mundo tem, então comprei e nunca usei nem saí com o *packer* na calça para fazer volume. Não sinto necessidade nenhuma de usar esses artigos, mas eu entendo que ajuda muita gente, não só com os desconfortos, mas também com a mobilidade de ir ao banheiro público.

Durante a transição, parece existir um combo de coisas que vão mudar como a voz e o nascimento da barba. Só que é muito interessante perceber ao longo do processo as coisas que ninguém diz, os pequenos pelinhos na parte do corpo que não imaginava que tinha pelos. Eu queria muito ter barba e, hoje eu só tenho por que eu faço um processo com Minoxidil, tônico e cuidados para ter a barba. Mas até pouco tempo atrás não tinha quase nada, então, é uma coisa muito importante para mim que aconteceu durante esse processo.

Outra coisa que foi importante nesse processo foi parar de menstruar, que hoje está muito distante, porque faz muito tempo que eu parei de ter menstruação. Então, acabo não tendo uma recordação muito viva de como era a sensação da menstruação em si, mas eu me lembro que eu não via a hora de acabar. Felizmente, os pelos eram uma coisa que eu queria muito, mesmo enquanto mulher tinha uma taxa de testosterona no corpo muito baixa, mesmo para mulheres, então eu não tinha quase nada de pelos. Era algo que eu almejava então isso me agradou, mas em contrapartida eu não queria ser calvo e isso me

⁶ *Binder* é uma faixa de tecido ou elástico usada para comprimir os seios, de forma que fiquem menos proeminentes.

deixou triste, porque eu tinha um *black power*, quando eu comecei a hormonização logo foi caindo e as entradas estavam ficando maiores, eu fiquei bem triste.

Então, essas pequenas coisas para mim foram muito representativas, porque não estava esperando. Eu já sabia que ia ter barba, que minha voz ia ficar mais grave, que meu corpo ia redistribuir a gordura, mas as pequenas coisinhas que não esperava foram muito interessantes para perceber essas nuances da transição hormonal. Porém também existiram muitas mudanças emocionais e parece que cada dia eu tenho uma. Mas foi muito bom para eu conseguir evoluir, principalmente na carreira profissional, porque comecei a ficar tão frio sendo que antes era muito chorão. Fui crescendo sendo ora muito acolhido e ora muito ignorado, então fui internalizando tudo, aquela pessoa que se passa por difícil, mas também se tranca no quarto e chora, principalmente na adolescência.

Quando comecei a testosterona e comecei a ficar muito frio, passei seis meses sem derrubar uma lágrima, não conseguia chorar por nada. Quando eu ficava incomodado com alguma situação não ficava mais triste, ficava muito raivoso, e no princípio foi muito assustador, porque pensei que estava virando uma pedra, que não tinha sentimentos mais. Comecei a entender certas dinâmicas que homens cis enfrentam no dia a dia. Mas, por outro ponto de vista, foi muito positivo para começar a racionalizar as coisas e a lidar de uma forma mais saudável com uma série de questões. Sentia que tinha uma nuvem dentro de mim, onde só enxergava emoção, e quando você consegue racionalizar melhor também é mais fácil de resolver as coisas, porque não está tão condicionado pelo emocional.

Ao longo do tempo da transição, eu fui achando um meio termo ali e hoje não sou tão emocional quanto era antes, mas também não sou uma pedra como eu era ali nos oito meses de testosterona. Hoje, acredito que uma parte dessa frieza e da racionalização das coisas, às vezes, é uma parte da minha personalidade, independente do gênero e da transição. Mas já consegui dosar bastante através da terapia, principalmente, porque também preciso entender que as pessoas não são iguais. Então, essa é a minha personalidade, mas as outras pessoas ainda são diferentes, com personalidades diferentes e não posso cair no erro de desumanizar as pessoas também.

Entretanto, foi um grande exercício de paciência, até entender que a transição não acontece só para mim, mas também com as pessoas que eu convivia, para minha família. Pelas pessoas não terem convivência com pessoas trans, mesmo que conhecem de alguma forma, não prestam tanta atenção, mas quando ela tem que conviver com você, que é uma pessoa que ela ama e não pode ignorar alguns pontos começam a ser exercitados. E eu

também ali no início da transição não tinha muita paciência. Quando passamos muito tempo no armário e quando sai dele espera que o mundo se vire para te aceitar.

Acaba sendo 8 ou 80, se a pessoa errava meu pronome três vezes eu já queria bloquear e nunca mais falar com ela. Então, houve um momento da transição em que eu estava sempre armado para tudo, e as pessoas vão se afastando de você por medo de errarem e de serem malvistas. E dado um certo momento, fui percebendo que eu teria que relevar muita coisa e ser muito paciente, para conseguir saber o que era importante para mim ou não.

Me considero muito antissocial e, às vezes, eu até brinco que eu não vejo a hora de poder sair só para negar sair e desmarcar todos os roles que eu marquei. Apesar de ter ficado mais frio com a transição eu sou bem reservado e tenho pouquíssimos amigos próximos, nenhum trans, embora conheça muita gente na internet, de amizade forte mesmo não tem nenhum. Até mesmo amigos cis são poucos também, porque eu tenho certa dificuldade de socializar com pessoas novas.

Quando eu comecei minha transição eu tinha acabado de me separar da minha ex. A gente morava junto, mas também éramos muito amigos, e o fato de eu ser uma pessoa trans não foi novidade para ela, parece que já sabia, só eu que não queria me ouvir e me aceitar. Acabou sendo mais difícil para mim me relacionar com pessoas novas, porque eu não estava com muita paciência para explicar e lidar com qualquer pessoa que não tivesse minimamente inteirada do assunto. Portanto, se eu começava a conversar com alguém e essa pessoa errava meu pronome muitas vezes consecutiva, já não conversava mais. Foi difícil conseguir criar um laço mais forte com pessoas novas, até que eu comecei a namorar de novo e minha namorada lida bem com isso assim.

Muitas pessoas acabaram se afastando de mim, por entender que por algum motivo não valeria a pena ela largar algumas convicções para estar comigo, na minha presença. E fui percebendo que não era justo comigo também baixar tanto a guarda, permitir tantas coisas, para manter algumas pessoas na minha vida. Porém, o contrário também aconteceu e muitas pessoas, principalmente familiares, perceberam que precisavam evoluir em certos pontos para que eu continuasse me sentindo amado e bem-vindo na família, e que eu também precisava relevar muitas coisas para continuar convivendo com minha família.

Isso acaba, de certa forma, quebrando um estereótipo da população trans, algo que deveria ser um direito, à convivência familiar e o amor das pessoas, mas não é, então nesse

cenário passa a ser um privilégio e comecei a enxergar isso como um, para sentir um pouco mais de gratidão pelas pessoas estarem tentando pelo menos.

Uma coisa comum pra pessoas trans em geral é a falta de afeto, se acontece uma situação de violência e você sabe que você tem para onde voltar, sabe pra quem ligar, sabe quem vai te apoiar é mais tranquilizante. A maior situação de violência, no meu ponto de vista, é não ter o afeto. Principalmente, a segurança de que se acontecer algo você vai ter alguém contigo, e que eu por muitos momentos passei também, não sei se hoje tenho a total segurança de saber quem procurar numa situação difícil.

Na maioria das vezes que, eu passei por situações assim eu não tive reação, era uma coisa que nós fantasiávamos de uma forma e acaba acontecendo de forma totalmente diferente, sempre dou o exemplo de quando eu passei pelo meu primeiro assalto da vida. Antes eu vivia dizendo que se eu não visse a arma dele, não levaria meu celular, e a mesma coisa aconteceu com a transição. Pensava que, se alguém falasse alguma coisa eu iria retrucar, mas quando acontece dá um nó na garganta que você só não sabe o que dizer.

Na maioria dos momentos que me aconteceu eu não sabia o que fazer, então não fiz nada. O mais rápido que pude sair do lugar, quanto menos que eu pude discutir ou fomentar a discussão eu fiz e joguei aquilo debaixo do tapete e disse para mim mesmo que nunca tinha acontecido. Quando eu estava sozinho no meu quarto, comecei a me perguntar qual era a minha parte da culpa da situação, o que eu poderia ter feito de errado, o que eu fiz para descobrirem que eu era trans, enfim uma culpabilização pela situação.

Isso me colocou em um lugar muito triste e solitário de tentar entender o porquê de sofrer aquela violência. Sofri um episódio aqui na minha rua mesmo, onde eu estava passando para ir ao mercado e, de repente, caiu alguma coisa na minha cabeça. Quando eu olhei era lixo, logo olhei para cima, procurei alguém, alguma janela, mas não tinha nada. E aquilo ficou tão forte para mim porque eu fiquei pensando que poderia ter sido qualquer coisa, uma pessoa aleatória que jogou algo da janela e dei o total azar de estar passando na calçada no momento ou pode ter sido uma pessoa que fez isso propositalmente.

Então, você começa a imaginar mil possibilidades na sua cabeça, quando você nem sabe na verdade se foi uma violência ou se foi uma má sorte do acaso. O pior de qualquer situação nesse sentido são as perguntas que ninguém nunca vai poder te responder e você vai ficar remoendo aquilo até conseguir deixar para trás. Passei muito tempo sem nem conseguir passar na mesma calçada com medo de acontecer algo, nesse sentido foi necessária muita terapia para conseguir deixar isso ir.

Algo que contribuiu muito com uma mudança de pensamento e uma maior paciência para lidar com essas situações foi a passabilidade. Se eu conversasse hoje com o meu eu de um ano atrás talvez a gente discordasse bastante, porque a passabilidade traz um ponto de vista diferente, em que você conta que é trans se você quiser. Antes de você ter a passabilidade, se quiser que alguém te chame pelo nome você vai precisar explicar que é uma pessoa trans e tudo mais. A passabilidade então foi importante exatamente porque resolve alguns conflitos, evita algumas dores de cabeça e desconforto, mas não é um lugar confortável, porque não dá para ser confortável quando você é uma pessoa trans.

Enquanto homem trans negro, mesmo com a passabilidade, eu sinto o medo do ataque de forma estatal, seja por meio da polícia ou dos órgãos públicos, e é muito complicado lidar com isso. O medo existia em mim antes de eu me entender trans, enquanto mulher, e existe agora, mas de formas diferentes. Por exemplo, antes eu tinha medo de ser considerado frágil, qualquer pessoa na rua poderia me atacar por ser mulher, como 100% das mulheres no Brasil sentem. Passei de ser visto como antes, com fragilidade, e depois passei a ser visto como a pessoa a ser violenta.

Meus comportamentos passaram a mudar muito. Vou dar outro exemplo, quando pegava um Uber, antes da transição, o motorista me pedia para me sentar na frente, porque muito provavelmente ele ia ficar me dando ideia o caminho inteiro, e eu passava o caminho inteiro com medo de sofrer algum assédio. Depois da passabilidade, quando eu vou pegar um Uber ele me pede pra sentar na frente, porque ele tem medo de um assalto, principalmente por eu estar localizado num bairro periférico, com índice alto de violência.

Nunca tive nenhuma situação de violência policial depois do tratamento hormonal, depois da passabilidade, mas eu tenho medo disso o tempo todo. É uma visão muito diferente, um tema muito complexo que tem várias camadas, mas o medo ele só muda de ponto de vista, só muda de figura. Essa transição de lugar foi complicada para mim, sair do lugar do feminino para o masculino, porque eu não tinha a confiança que as pessoas tinham a mesma percepção sobre mim, que eu tinha.

Então, mesmo quando comecei a ter passabilidade foi muito difícil me enxergar como uma pessoa passável. E com isso foi muito difícil para começar a usar o banheiro público masculino, corrigir mais as pessoas com os pronomes e nome, preencher uma ficha e colocar lá gênero masculino. Nas rodas, conversas e discussões foi complicado saber qual era o meu lugar, quando eu vou ter discussões sobre feminismo se ainda podia me colocar,

quando vou falar com uma mulher lésbica se ainda posso usar o termo "sapatão", que eu usava antes com total tranquilidade, ou se ela vai se ofender se eu usar isso agora.

Essas chavinhas foram muito complicadas de virar, até porque tenho que tá muito aberto às críticas. Lembrar que os movimentos não são homogêneos, então pode ter alguém no feminismo que ache que você só precisa ouvir, independentemente de você ser um homem trans que foi socializado como mulher, e não é meu lugar também ter uma discussão nesse sentido. Nesse espaço, eu preciso ouvir, até por talvez ser menos desgastante para mim e pra pessoas inclusive, menos desconforto para os dois. Existe essa chave para entender onde é meu lugar agora, e generalizar um pouco menos os movimentos, os espaços e as pessoas.

Dado um certo momento da transição, eu não sabia se iam me ler como um homem, não sabia se ia entrar em um banheiro feminino e todo mundo ia achar que eu era um homem, ou vice-versa. E em espaços como os banheiros, que são muito comentados pelas pessoas trans, eu acabava me privando de usar, como o da academia que passei um ano sem ir. Pois, eu não sabia qual banheiro eu deveria usar, na recepção eles tinham meus dados de antes da transição, então eu não sabia se eles sabiam que eu era trans ou não.

Eu fiquei muito tempo sem usar o banheiro, e quando passei a usar tinha medo de que alguém fizesse algo, então realmente tinha toda uma pressão e estratégia de ter que fazer xixi ali, mas fazer de um jeito que pareça que eu estou de pé, para o som ser igual. Acabou que eu tenho essa neura até hoje, se eu for num lugar novo mesmo com total passabilidade e eu me sentindo mais forte para reagir verbalmente em alguma situação, ainda me sinto muito inseguro.

Tive que viajar na última semana e precisei usar o banheiro de um restaurante na beira da estrada, e é a coisa mais baixa possível de homem usando o banheiro e não lavando a mão, "coisas de homem". E eu me senti extremamente invadido, porque o banheiro tinha uma porta mais alta, então se alguém olhasse por baixo ia ver que eu estava sentado. Foi muito desconfortável e aquela sensação de medo constante em não saber o que poderia acontecer.

Não sei se isso passa um dia, sinceramente. Não sei se em lugares novos essas situações passam, porque nos lugares conhecidos tudo bem me sinto forte para reagir, as pessoas sabem quem eu sou, eu vou usar na academia, vou no vestiário, mas existem algumas barreiras, alguns procedimentos que acredito que a gente vá criando para evitar ao máximo que aconteça alguma coisa. Por exemplo, vou usar o banheiro rapidinho, entrar no

vestiário, guardar minhas coisas e já vou sair, não vou olhar muito nos olhos de ninguém. Ainda sigo esses procedimentos que eu fui criando ao longo do tempo para me proteger.

Na faculdade, eu tive sorte também de fazer um curso muito inclusivo com relação a pautas sociais. Estava no final do curso quando iniciei a hormonização, e nos primeiros meses a gente pensa que está mudando muito e, na verdade, não está mudando nada. Como eu me graduei em Serviço Social, ao mesmo tempo que eu tinha muita dificuldade de alterar e colocar o nome social por conta da instituição, meus professores já me chamavam pelo nome social na chamada porque eles já sabiam que eu era trans, já conheciam a causa e eles sabiam como lidar nessas situações. A maioria dos meus professores exerciam o trabalho de assistente social durante o dia e davam aula a noite. Os meus colegas de estudo estavam muito inteirados de várias questões sociais, muitos desprendidos de dogmas religiosos cristãos, então, não tinha problema de preconceito com a minha turma.

Os meus únicos problemas foram com a instituição e a papelada burocrática. Por esse e outros problemas ainda não peguei meu certificado de conclusão, me formei em 2019, mas tive um problema na época com a minha colação de grau e meu certificado acabou ficando preso com a faculdade. Somente, depois que eu retifiquei minha documentação. Por isso, para tirar um novo diploma com meu nome retificado preciso ir lá e pagar uma taxa porque ele já havia sido emitido. Também acabei esperando passar a pandemia já que não exerço, não sou assistente social, então não tenho necessidade de resolver isso rápido. Então, deixei para resolver quando retificasse todos os meus documentos para depois ir buscar o diploma, mas com a pandemia ainda não consegui.

Atualmente, eu trabalho com atendimento ao cliente voltado para a área financeira, em um banco. Tive muita sorte de ter participado da “Feira Diversas” e de várias outras iniciativas voltadas às pessoas trans como: a Transempregos⁷. E de ter encontrado uma bolha, um universo de empresas que estavam preparadas, ou dispostas, a lidar com a diversidade. Considero um divisor de águas na minha carreira ter começado a exigir trabalhar em lugares que estivessem preparados para isso, mas não parei de levar em conta outros elementos, porque não tem como, mas elenquei minhas prioridades. Sinto que, quando preciso olhar para uma oportunidade de emprego, em qualquer lugar, a minha prioridade é que seja ou queira ser, um lugar inclusivo e esteja disposto a transformar sua cultura para a inclusão.

⁷ Para saber mais acesse esse link: <https://www.transempregos.com.br>

Onde estou trabalhando agora não há pessoas trans próximas a mim, na minha equipe por exemplo, mas no banco como um todo há. Nós temos um grupo de afinidades LGBTQIA+ e existem metas a serem atingidas ligadas a essa inclusão, então, todas as vagas da empresa, por exemplo, são voltadas majoritariamente para mulheres, porque é um dos objetivos é aumentar o quadro de mulheres cis e trans na empresa. Eu mesmo entrei na empresa através de uma vaga não exclusivamente, mas, preferencialmente, para pessoas trans ou maiores de 60 anos. A empresa está comprometida em aumentar esse número. Sabemos que nunca vai ser um cenário igualitário, talvez demore décadas para que tenha uma quantidade razoável de pessoas trans, hoje não somos de longe 10% da empresa, existe um longo caminho para percorrermos. Lógico que, é um banco e as pessoas do mercado de investimento não estão totalmente preparadas para isso. Mas o fato de ser uma empresa jovem, com pessoas jovens, ajuda bastante. Porque a maioria tem acesso à internet, acesso a essas questões. Mesmo que não seja algo importante na vida da pessoa, ela já teve contato com isso, sabe da importância da inclusão da diversidade.

Na minha perspectiva, o banco que trabalho realmente se compromete com a diversidade, começando por dentro, pois está acontecendo agora um movimento das empresas estarem muito mais preocupadas em demonstrar esse comprometimento, do que realmente colocar isso em prática. No banco, eu tenho essa sensação de que a empresa está comprometida em primeiro mudar sua cultura e só depois divulgar isso, e entendo que é muito importante a ordem dos fatores.

Pois, hoje nós temos muitas empresas que fazem propaganda para o público LGBT, mas não colocam o nome social no cartão. Tive uma experiência assim enquanto cliente, onde o banco fez uma grande propaganda, contrata pessoas trans, coloca na televisão, no comercial. Porém, quando você faz uma simples reclamação de não conseguir colocar meu nome social na conta ou no cartão, sabendo que isso é possível porque os bancos digitais já fazem isso, a resposta é negativa.

Em relação à religião, eu sou budista e não tive problemas para lidar com a transição dentro da organização, mesmo que ainda tenham alguns segmentos binários e sexistas. Era inclusive, uma crítica que eu fazia na época, de termos uma divisão feminina e uma masculina de jovens, tudo separado, as meninas usam rosa e os meninos usam azul. Durante minha transição, eu tinha muito desconforto com isso, por pensar que até conseguir a passabilidade eu frequentava a divisão feminina, mesmo com as pessoas sabendo que eu

estava em transição, então me tratavam pelo pronome e nome correto, mas continuava na divisão errada.

Só que eu também não me sentia confortável e bem acolhido ainda na divisão masculina. Até que várias mudanças aconteceram na organização, fui voluntário deles nessa mudança em que me perguntaram onde eu me sentia mais confortável. As atividades a partir desse momento começaram a ser mais mistas, então, derrubou-se essas duas divisões e começou a ser apenas uma divisão de jovens, onde todos praticavam juntos. A meu ver, foi importante para a organização ouvir a voz de pessoas como eu, que estavam ali passando por uma transição ou até que fossem pessoas cis héteros, mas que tivessem uma convivência com pessoas trans e pudesse contribuir.

Também foi muito significativo para mim, porque independente de todos os dogmas e todas as divisões, ali eu estava sendo muito respeitado. Parece que foi na contramão da sociedade, ser o lugar mais tranquilo, onde eu mais me senti bem-vindo e realmente amado e respeitado, ser na organização.

6. GÊNERO, MASCULINIDADES E SEUS BASTIDORES

Ao proceder as análises das entrevistas diversas temáticas foram surgindo ao longo das narrativas como: a hormonização, questões de identidade, relações de afeto, situações de violência e dentre outras. Essas categorias foram agrupadas para que pudessem ser melhor discutidas e analisadas tendo por referência estudos já produzidos. Mesmo agrupadas em determinados temas é relevante ressaltar que há, sempre, uma imbricação com outras questões, nada aparece isoladamente. Por exemplo, quando se faz o recorte da masculinidade, ela envolve, invariavelmente, a subjetividade, afetos e tantos outros temas.

Para a pesquisa em questão, a principal pergunta é: “O que é a masculinidade e como ela é vivenciada por você? ”. Parece simples, mas dessa pergunta se ramificam diversas indagações sobre a vida daquela pessoa, como veremos logo a seguir. Apesar de colocarem de formas diferentes, todos os meninos que participaram da pesquisa entendem a masculinidade como uma construção social arquitetada através de estereótipos com códigos pré-determinados, e que são cobrados daqueles que se entendem como homens.

Hoje enxergo a masculinidade como um conjunto de códigos, até porque, é cientificamente estudado que o gênero é determinado pelo social, mas se tem uma série de códigos diários de vestimenta, fala, comportamento em geral, que precisam ser seguidos para que a masculinidade seja considerada (Gabriel, 26 anos).

A concepção do que é ser homem está atrelada a vários sistemas de poder e ideologias, que alimentam a disputa por uma soberania. Diversos conceitos e práticas trabalham em conjunto para compor as relações de poder que constituem as relações sociais, um desses conceitos e práticas são as noções de gênero. Noções, estas que, abrem caminho para discutir outras dinâmicas sociais e opressões como: o sexismo e a misoginia.

Os estudos de gênero se iniciaram com foco nas mulheres. Contudo, somente depois surgiram novos estudos que passaram a utilizar do gênero como uma categoria de análise. Segundo Letícia Nascimento (2021, p.24), foi o feminismo que impulsionou as pesquisas de gênero:

Nas análises feministas, a categoria gênero ocupa centralidade, constituindo-se como ferramenta política e conceitual na constituição de experiências coletivas contra as opressões sexistas [...] Além do mais, entendo gênero como um conceito em disputa que pode garantir a entrada de mulheres transexuais e travestis no feminismo.

Dentre as perspectivas e conceitos, em seu ensaio “Tráfico de mulheres” (1975), a antropóloga e ativista estadunidense Gayle Rubin, elabora o conceito de sistema sexo/gênero para problematizar o debate sobre o determinismo biológico nas discussões de gênero e sexualidade. A autora afirma que, esse sistema “[...] consiste em uma série de arranjos por meio dos quais uma sociedade transforma a sexualidade biológica em produtos da atividade humana, nos quais essas necessidades sexuais transformadas são satisfeitas” (RUBIN, 2017, p. 48).

Um dos conceitos mais utilizados a respeito de gênero como categoria analítica é da autora teórica feminista Joan Scott, que define gênero como: “[...] um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos; e o gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder.” (SCOTT, 2019, p.67). Ou seja, o gênero é uma construção social que atribui hierarquias e padrões sociais baseados em algum tipo de critério e, neste caso, o mais comum acaba sendo o determinismo biológico.

A diferença biológica entre os sexos, isto é, entre o corpo masculino e o corpo feminino, e, especificamente, a diferença anatômica entre os órgãos sexuais, pode assim ser vista como justificativa natural da diferença socialmente construída entre os gêneros e, principalmente, da divisão social do trabalho. (BOURDIEU, 2019, p.26)

Essa diferença anatômica entre os sexos vai ser também um critério e justificativa natural para a desigualdade social de gênero, como apontado por Pierre Bourdieu (2019). Portanto, o sistema sexo-gênero alimenta o sexismo e o patriarcado contribuindo para a manutenção das hierarquias de poder e controle dos corpos. Outra categoria fundamental para a análise da masculinidade é o patriarcado que incide nas mais diversas relações estabelecidas na sociedade, expressando suas características no trabalho, nos relacionamentos, na política, na educação, religião, esferas públicas e privadas.

[...] de acordo com Piscitelli (2002), ocorre um deslocamento do conceito mais abstrato e universal de patriarcado, pensado pelas feministas radicais, que postulava a dominação masculina baseada nas diferenças sexuais. Esse novo olhar, a partir do conceito de gênero, indicava que as opressões vivenciadas por mulheres são diversas e variam de sociedade para sociedade (NASCIMENTO, 2021).

Ao longo dos anos surgem diversos nomes importantes para os estudos feministas e de gênero, e junto deles diferentes perspectivas são descobertas, como a Nancy Fraser, Audre Lorde, Adrienne Rich, Patricia Hill Collins, Monique Witting, Sandra Harding, Angela Davis, Teresa de Laurentis, Linda Nicholson, e outras. Esses diversos olhares buscaram evidenciar a interseccionalidade que o feminismo possui, o impacto nas opressões vivenciadas pelas mulheres e seus marcadores (sociais, políticos e de raça).

No entanto, é importante estabelecer que esses sistemas de poder não agem de forma isolada sobre os sujeitos, eles se complementam e se articulam de forma a manterem as estruturas de poder. O sexismo e o patriarcado trabalham para reproduzir a ideia de dominação masculina sobre tudo aquilo que é socialmente identificado com o feminino, utilizando do sistema sexo/gênero como justificativa para tal dominação. Todavia, essa manutenção não tem como alvo apenas as mulheres, mas também os homens, como explica bell hooks (2019):

Homens, como um grupo, são quem mais se beneficiaram e se beneficiam do patriarcado, do pressuposto de que são superiores às mulheres e deveriam nos controlar [...] em troca de todas as delícias que os homens recebem do patriarcado, é exigido que dominem as mulheres, que nos exploram e oprimem, fazendo uso de violência, se precisarem, para manter o patriarcado intacto. (HOOKS, 2019, p. 14).

No interior desses sistemas, o que se espera dos homens é bastante rígido e, quando não atingido (raramente o é), sua posição de dominação é colocada em pauta. Por exemplo, a ideia criada no sistema patriarcal do “homem de verdade” surge não só como um modelo, mas também, como uma forma de dizer o que não é um homem e, portanto, o que esse homem não pode fazer. Isso gera a ideia de que os homens são dominadores quando, na verdade, são fruto de uma relação que produz esse sistema dualista que os colocam nesse papel quando, no entanto, são tão controlados pelo sistema patriarcal de poder quanto as mulheres.

6.1 NÃO SE NASCE HOMEM? COMO SE CONSTRÓI UM?

Os estudos sobre a masculinidade surgiram com o desenvolvimento do movimento feminista em meados dos anos 1960. As discussões que antes eram voltadas somente às mulheres se ampliaram, aos poucos, se transformando em debates a respeito dos gêneros, e das desigualdades produzidas entre eles. Mas como falar de gênero e desigualdades sem

questionar a dominação masculina? Deste modo, inicia-se uma discussão a respeito da atuação dos homens nas diversas esferas sociais, tais como: o trabalho, política, família, sexualidade e outras.

Raewyn Connell (1995) vai entender a masculinidade como “[...] uma configuração de prática em torno da posição dos homens na estrutura das relações de gênero” (CONNELL, 1995, p.188). Ou seja, uma construção de estereótipos físicos, comportamentais e sentimentais que definem o que é ser homem. Contudo, aquilo que foge a esse ideal tende a ser ridicularizado e/ou inferiorizado dentro da lógica do patriarcado.

Esses estereótipos ou códigos, trazidos pelos entrevistados, são sentidos em forma de cobrança por terceiros de forma desconfortável. Apesar disso, acabam sendo reproduzidos, algumas vezes, por se sentirem intimidados e terem sua identidade de gênero invalidada, como conta Gabriel, um dos entrevistados: *“Tiveram momentos de eu tentar muito reproduzir esses estereótipos, e de algumas horas ser passável por conta disso, mas isso depois do início da transição hormonal”*. Essa pressão social de encaixe ameaça a produção de suas próprias concepções de masculinidade. E isso, ocorre com todos os homens, se acentuando no transmasculino pelas outras dinâmicas, sobretudo através da transfobia. São processos que, apesar da rígida estrutura social, podem ser ressignificados, como comenta Cauã:

Acabamos nos apoiando muito numa masculinidade pautada na construção heteronormativa cisgênera. Então, a masculinidade para mim é entender que temos também partes que não são pautadas nessas construções e tudo bem, por exemplo, termos também uma parte "feminina", e entender que isso não nos faz menos homens. (Cauã, 25 anos)

A construção do gênero, na maior parte das culturas, como discutido anteriormente se baseia nas diferenças sexuais entre os corpos. Uma visão bioessencialista que exclui corpos transexuais e intersexo, assim como, a sexualidade se constrói com base na heterossexualidade. Com a masculinidade não ocorre diferente, para alguns, é necessário que exista a feminilidade como contraponto, por isso Grossi (1995, p.5) afirma que, para as pesquisadoras, definidas como estruturalistas, “[...] o gênero implica em alteridade, ou seja, para que exista o masculino é necessário seu oposto, o feminino. O processo de constituição de subjetividade se dá pelo reconhecimento de que existem pessoas idênticas e diferentes de nós mesmos”.

Contudo, a perspectiva desta pesquisa entende o gênero como algo mais fluido e mutável. Uma perspectiva em que múltiplos gêneros são possíveis a partir do estudo (BUTLER, 2014; LOURO, 2018; BENTO, 2017; CONNELL, MESSERSCHMIDT, 2013) sobre a forma como os sujeitos se veem no mundo, principalmente aqueles que não se enquadram na norma cisgênera e heteronormativa.

6.2 O HOMEM IDEAL

Apesar de a masculinidade ser uma noção bastante estruturada socialmente, está sujeita a mudanças advindas do tempo e da cultura. Isto é, o ideal masculino se modificou ao longo da história conforme a necessidade da sociedade e os discursos de poder. Segundo Pedro Paulo de Oliveira (2004) em “A construção social da masculinidade”, desde a transição da sociedade medieval para a moderna o ideal masculino vem se transformando em diversos campos do religioso ao econômico.

A burguesia teve uma importante influência em diversas mudanças nas esferas sociais. Tal qual, na formação da estrutura da família, os ideais masculinos e femininos, sexualidade, entre outros. Desta forma, características como lealdade, probidade, correção, coragem, bravura, sobriedade, perseverança e honra passaram a fazer parte do ideal masculino, reforçadas pelas instituições de poder como a Igreja. De acordo com Oliveira (2004, p. 49) a religião “[...] se incumbia, principalmente, de promover a moralidade tipicamente burguesa, enquanto o exército e os esportes cultivavam valores masculinos para a educação da virilidade” (OLIVEIRA, 2004).

Esse ideal masculino foi conceituado, posteriormente, por Connell e Messerschmidt (2013) como masculinidade hegemônica. O termo foi inicialmente utilizado na área da educação, para entender a dinâmica em sala de aula e o *bullying* entre os meninos. Entender esses conceitos ajudaram a compreender a interferência dessa prática social nos mais diversos ambientes, perpetuando uma dominação sobre as mulheres e reproduzindo comportamentos estereotipados do gênero. Logo, os autores entenderam essa concepção como:

[...] um padrão de práticas (i.e., coisas feitas, não apenas uma série de expectativas de papéis ou uma identidade) que possibilitou que a dominação dos homens sobre as mulheres continuasse. A masculinidade hegemônica se distinguiu de outras masculinidades, especialmente das masculinidades subordinadas. A masculinidade hegemônica não se assumiu normal num sentido estatístico; apenas uma minoria dos homens

talvez a adote. Mas certamente ela é normativa. Ela incorpora a forma mais honrada de ser um homem, ela exige que todos os outros homens se posicionem em relação a ela e legitima ideologicamente a subordinação global das mulheres aos homens. (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013, p. 245)

Este conceito contribuiu, ainda, para o avanço das pesquisas sobre os homens. Por meio de estudos sobre representações na mídia, práticas de saúde, campo do trabalho, educação, criminologia, entre outras áreas. Pensar em uma masculinidade hegemônica, nos faz, por seu contrário, refletir sobre a pluralidade do “ser homem”. Essa formulação mesmo contendo diversas ressalvas, como a ausência da interseccionalidade que vieram a ser discutidas pela própria autora, abriram um campo de estudos e debates sobre masculinidades hegemônicas, assim como aquelas que diferem desse padrão.

Por outro lado, os autores Camilo Braz e Érica Souza (2018) percebem que o tema das transmasculinidades abre novas discussões a respeito das masculinidades subalternas ou subordinadas. Tal como proposto por Connell (2005), ao discutir as transformações corporais e performances, assim como a: “[...] produção de discursos, práticas e repertórios culturais sobre as masculinidades socialmente desautorizadas” (BRAZ; SOUZA, 2018, p.31), por estarem inseridos em corpos não reconhecidos como masculinos.

Assim, os estudos sobre homens e masculinidades começaram a se consolidar como um campo acadêmico, sendo apoiado pela expansão de produções de artigos e livros, principalmente na área das humanidades, a partir dos anos de 1980 (CONNELL, 2013). No Brasil não foi diferente, os estudos também acompanharam o movimento feminista e de diversidade sexual, o foco dos estudos não eram apenas as mulheres, mas as relações de gênero. Essa produção teórica a respeito do gênero se iniciou tardiamente quando comparado com a Europa e Estados Unidos, assumindo também uma perspectiva em que o gênero é conceituado como categoria analítica que permitiria explorar a dinâmica de poder social entre o masculino e feminino. (ARILHA, 1998).

Segundo Arilha, Unbehaum e Medrado (1998), os estudos sobre as masculinidades e sua construção social têm se organizado e consolidado, com a ajuda de iniciativas coletivas há pelo menos quarenta anos. Medrado e Lyra apontam dois grandes eventos que impulsionaram os estudos sobre gênero e masculinidades por gerarem debates e documentos produzidos em conferências internacionais, são eles: a 4ª Conferência Internacional sobre População e Desenvolvimento, realizada no Cairo em 1994; e a 4ª

Conferência Mundial sobre a Mulher, realizada em Beijing em 1995. (MEDRADO; LYRA, 2018)

Esse novo campo de estudos teve como principais temáticas a participação dos homens na promoção dos direitos reprodutivos, da diversidade sexual, da violência de gênero e, também, da saúde masculina. Nesse interim, Grossi (1995) evidencia que na nossa cultura um traço forte da masculinidade hegemônica diz respeito à sexualidade e agressividade. Sendo algo que já se consolida na infância, quando os meninos são incitados a uma sexualidade ativa e ao comportamento agressivo.

Desde cedo os homens exercem a violência como forma de inserção no universo masculino e de socialização, podendo ser percebido, por exemplo, nas brincadeiras e brinquedos. Ainda na infância os meninos têm uma permissividade em relação a comportamentos violentos, diante da justificativa de naturalização de agressividade e brutalidade dos homens, ou seja, o famoso “menino é assim mesmo” (GROSSI, 1995).

Essas características do ideal de masculinidade também se aplicam à sociedade brasileira havendo uma cobrança, talvez, até antes do nascimento, de sua sexualidade e virilidade. Quando olhamos para corpos negros, por exemplo, existe além da exigência social, uma hipersexualização desses corpos, como colocado por Caetano e Silva Junior (2018):

[...] a masculinidade negra se encontra em meio-termo: um misto entre a identidade marginalizada e aquela exaltada. Enquanto a identidade social negra é construída a partir de práticas subalternas objetivadas na exclusão econômica e política, a identidade sexual negra é exaltada com a ideia de reprodução, virilidade, potência e tamanha do órgão sexual. (SILVA JUNIOR; CAETANO, 2018, p. 194)

Nas narrativas de nossos entrevistados há elementos que nos apontam para a questão racial da sociedade brasileira. Em sua narrativa, Gabriel comenta sobre a mudança do comportamento das pessoas e instituições diante da sua transição, antes lidando com o estigma da mulher negra hipersexualizada e frágil, para agora ter que lidar com o estigma do homem negro perigoso.

[...] *quando pegava um Uber, antes da transição, o motorista me pedia para me sentar na frente porque, muito provavelmente, ele ia ficar me dando ideia o caminho inteiro, e eu passava o caminho inteiro com medo de sofrer algum assédio. Depois da passabilidade, quando eu vou pegar um Uber ele pede pra eu sentar na frente, mas porque ele tem medo de um assalto, principalmente por eu estar localizado num bairro periférico, com índice alto de violência.* (Gabriel, 26 anos)

Portanto, a masculinidade como prática vai atingir cada indivíduo de forma diferenciada dependendo dos seus marcadores das diferenças, relacionados, ainda, ao ideal da masculinidade hegemônica presente naquele local e cultura. Questões como a violência, virilidade, aspectos físicos e emocionais são trazidos como uma característica comum a todas as nossas narrativas, ainda que variando em modo e intensidade.

No imaginário social está presente a ideia do que é ser homem “de verdade” (assim como está presente o que ser mulher de verdade). Como por exemplo, de que homem não chora, ou possui mais libido que as mulheres, são mais fortes fisicamente, mais racionais e muitas outras questões. Isso aparece nas entrevistas, principalmente, quando contam suas mudanças emocionais antes e depois do processo de transição. Em que além de uma cobrança das pessoas ao redor, também há uma cobrança pessoal e, até mesmo inconsciente, de estar de acordo com as expectativas da masculinidade.

Isso tudo afeta a construção das masculinidades, e dentro do debate desta dissertação, das transmasculinidades. Particularmente, as experiências vivenciadas pela cisgeneridade⁸ são construídas tardiamente na transmasculinidade, pois tais indivíduos são ensinados e socializados como femininos boa parte de suas vidas. O que pode ser notado quando os entrevistados relatam sobre os efeitos de sua socialização feminina.

A socialização enquanto mulher, à primeira vista, parece ter influenciado positivamente a construção da masculinidade e subjetividade de cada um dos entrevistados, isso devido as múltiplas e constantes vivências e violências pelas quais as mulheres passam. Deste modo, a concepção do ser homem se modifica para atender as necessidades diferente do ideal, modificando a imagem do homem violento que se cria. Para, então, viver ser masculino mais adequado com suas concepções. Isso se faz presente na fala de Gabriel, ao dizer que:

[...] enquanto pessoa que foi socializada como mulher e enxergava o homem como carrasco, e enquanto homem, que entende o porquê desse papel de carrasco na sociedade. Sou muito grato de ter nascido e sido socializado como mulher, justamente porque senão não seria uma pessoa aberta hoje, enquanto homem, para entender esses dois pontos de vista e a lidar com essas realidades. (Gabriel, 26 anos)

Em vista disso, nota-se como eles lidam com o silenciamento e a subalternidade à qual as mulheres estão submetidas desde cedo, para somente durante ou depois da

⁸ A cisgeneridade é a condição na qual o indivíduo se reconhece dentro do gênero designado no nascimento.

autoaceitação passarem a se construir/desconstruir dentro dos papéis de gênero existentes e possíveis em sua realidade, como comenta Cauã:

Por sermos introduzidos e socializados como uma mulher, isso nos possibilitou ter experiências que outras pessoas não têm, esse viver na pele. Isso possibilita que a gente tenha essa noção de empatia, no sentido mais puro da palavra, de você realmente se colocar no lugar de outra pessoa, de alguém que sofreu um assédio, ou que talvez tenha sido estuprada. (Cauã, 25 anos)

A partir dessas narrativas podemos refletir bem sobre a construção da masculinidade, bem como o imaginário social do masculino. Ao nos debruçarmos sobre as experiências transmasculinas discutiremos o desafio de reconhecimento de suas identidades de gênero perante uma sociedade heterocisnormativa.

6.3 MASCULINIDADES TRANSGRESSORAS NO BRASIL

Os estudos sobre transmasculinidade no Brasil ainda são muito poucos em relação aos estudos sobre travestilidades e transfeminilidades. De acordo com Nery e Gaspodini (2014), somente após a fundação da Associação Brasileira de Homens Trans (ABHT), em 2012 e do Instituto Brasileiro de Transmasculinidade (IBRAT), em 2013, que o movimento de transmasculinos ganha força e visibilidade, com o conseqüente incremento de pesquisas e monitoramento desses grupos.

Dessa maneira, o trabalho de Guilherme Almeida (2012) foi um marco para introdução sobre como pode ser diversa a masculinidade entre as pessoas transgênero. Em seu trabalho mais referenciado, “Homens trans: novos matizes na aquarela das masculinidades” o autor partiu de uma análise interseccional destacando a importância das vivências individuais, mesmo dentro de uma categoria social essencializada como a transmasculinidade. E apresentou diferentes grupos que entendem e corporificam essa identidade de gênero de formas diferentes, com o objetivo de: “[...] organizar a escrita e apresentar alguns matizes da complexa ‘aquarela das masculinidades’” (ALMEIDA, 2012, p. 515).

Almeida (2012), ao analisar os diferentes grupos de homens trans selecionados por ele, entende que a busca pelas modificações corporais tem um efeito sobre a produção da identidade social que vai além da denominação homem trans. Os marcadores sociais também se fazem presentes na produção e corporificação dessa identidade, produzindo

vivências únicas. Mas que no geral se agrupam como uma forma de organização política de reconhecimento e pertencimento social. O autor afirma que:

(...) essas experiências e marcos culminam na decisão de, em algum momento da vida, reclamar a identidade masculina. Tal decisão é associada não só à possibilidade de obtenção de conforto psíquico, mas de respeito e reconhecimento social. (ALMEIDA, 2012, p.517).

Devido às diversas tentativas de anulação de subjetividade, esses homens trans acabam criando resistências em vivenciar de fato sua masculinidade ou anunciar para outros a sua identidade de gênero. Tal qual nos relata Gabriel: *“Quando finalmente você se reconhece, todo mundo diz que não pode ser porque te falta algo, então a gente vai internalizando que precisa se provar”*. Uma reclusão da sua subjetividade é feita como uma tentativa de proteção das violências físicas e psicológicas a que estão submetidos, desrespeitos à sua privacidade de se enunciar para outras pessoas.

Esse reconhecimento social discutido por Almeida (2012) está presente nas narrativas dos nossos entrevistados em diversos momentos. Durante as entrevistas surgiram questões como a obrigação de reagir para corrigir essa negação, como se de alguma forma fossem culpados pelo outro não reconhecer sua identidade masculina, seja pelo seu físico ou comportamental. Isso não só os limita em termos de produção e vivência da sua subjetividade, como reforça um estereótipo, um modelo de masculino ideal hegemônico. Assim, comenta Cauã:

Mas eu senti como se fosse uma obrigação minha também ajudar as pessoas a entenderem quem eu sou, por frases como: “você quer que eu te trate no masculino, mas sua voz é de mulher”, “você quer que eu te trate no masculino, mas você não tem barba”, “quer que eu te trate no masculino, mas você tá igual quem você era na semana passada quando eu te tratava no feminino. (Cauã, 25 anos)

Nossos narradores citam inúmeras situações em que sua identidade é questionada fazendo com que se sintam pressionados a provar que são homens para que não sejam ridicularizados. Além do mais, a reivindicação das masculinidades pelos transhomens pode ser entendida como acesso aos privilégios machistas. Algo que dificilmente ocorre, já que o campo do reconhecimento de suas masculinidades está longe de ser plausível, quando a realidade mais próxima está no sofrimento direto do machismo, além da transfobia, do e

cissexismo⁹ e seus corpos continuam como alvos de estupros corretivos (NERY; MARANHÃO, 2017). O não reconhecimento é um ato violento por si só, e se utiliza de estratégias como o tratamento no feminino ou evocação do nome de registro civil, ainda que tenham consciência de seus nomes e pronomes corretos.

Essas questões, apontam ainda certa influência no surgimento de disforias, de acordo com Gabriel e Cauã, ao se sentirem desconfortáveis com seus corpos, por não corresponderem ao padrão do “ser homem”, causando uma dificuldade dos outros corresponderem estes corpos e subjetividades ao campo masculino. Segundo apontado por Lanz (2016), o olhar do outro é quem serve de juiz, dando o alvará de passabilidade (mesmo não sendo de pertencimento) do gênero masculino, ela diz “O olhar do outro não pode identificar nenhum vestígio de transgeneridade na ‘farsa de gênero’” (LANZ, 2016, p.212).

[...] as pessoas não conseguiam relacionar o meu corpo, a minha presença a uma presença masculina. De alguma forma, eu precisava evidenciar para as pessoas que eu tinha mudado de alguma forma, eu sentia essa necessidade, porque as pessoas me chamavam pelo feminino, me chamavam por um nome que não era meu. (Cauã, 25 anos)

[...] comecei a ter desconforto com várias partes de mim, não só do corpo. Por ficar muito incomodado com as pessoas não me reconhecerem como homem, mesmo que elas não soubessem ou não me conhecessem. (Gabriel, 26 anos)

Essa “farsa de gênero” é uma estratégia violenta usada sobre esse corpo passável, ou seja, lido como um corpo masculino cisgênero. E, portanto, quando a sua transgeneridade é de alguma forma anunciada ou evidenciada, há uma surpresa e indignação por não ter sido capaz de reconhecer que aquele corpo não é “natural”, como manda a cisnorma. Diante disso me pergunto, se esse corpo não é reconhecido sem corresponder aos padrões, e julgado como falso dentro dos padrões de gênero, em qual momento existe uma verdadeira inclusão e reconhecimento da sua identidade de gênero?

Nas experiências de vida é comum encontrar relatos sobre a dificuldade de autorreconhecimento e autoaceitação desses homens. Almeida (2012) identifica como umas das dificuldades devido ao apagamento social desse grupo, a falta de

⁹ Julia Serano (2012) define o cissexismo como: “[...] formas de sexismo que interpretam as identidades e expressões de gênero das pessoas trans como menos legítimas do que as das pessoas cis”.

representatividade nos espaços públicos e midiáticos. Atualmente, os homens trans e transmasculinos têm conquistado mais espaço nas mídias, na academia, espaços políticos e entre outros que contribuem muito para reconhecimento e legitimação, assim como um autorreconhecimento inexistente há 20 anos atrás.

Esse processo de autorreconhecimento dos homens trans e transmasculinos ocorre, geralmente, pela internet por meio do *Facebook*, *Twitter*, *Instagram*, ou dentro de ambientes hospitalares e espaços de militância (Coletivos, Associações, Institutos). Mas esse processo costuma ser bastante “silencioso”, Almeida (2012) explica que:

A maior parte da sociedade não considera a possibilidade de transição do gênero feminino ao masculino e, portanto, ignora a própria condição FTM [*Female to Male*]. Isso ocorre em grande medida em razão do olhar falocêntrico que impregna as representações sobre a experiência masculina. Nesse sentido, é como se os comportamentos e os significados considerados masculinos emanassem necessariamente da presença material original do pênis. Tais representações tornam-se evidentes quando muitas pessoas, na presença de homens trans – especialmente dos que dispõem de corpos peludos e musculosos e não fizeram faloplastia –, manifestam extrema perplexidade, como se esses contrariassem toda a lógica e é comum que em seguida utilizem expressões, tais como “como pode ser tão perfeitoinho?” (ALMEIDA, 2012, p. 519)

Nossos narradores demonstram uma dificuldade na nomeação da sua identidade devido construção de gênero imposta desde a infância. Na qual subentende-se que poderiam ser apenas aquilo que lhes foi designado ao nascer e, essa inconformidade, percebida por eles a partir desse padrão de gênero, lhes causa muito desconforto, por se sentirem diferentes. A falta de representatividade, já citada, também é um fator para essa dificuldade de nomeação, ou mesmo entender que aquela vivência é válida e pode existir, como conta Gabriel:

Me ver nas pessoas e entender que era como eu me via e me sentia, porque antes disso eu sabia que não era mulher, mas não sabia o que eu era. Então quando comecei a ver outras pessoas passei a me reconhecer como homem trans/transmasculino. (Gabriel, 26 anos)

Além de tudo, o processo de reconhecimento e aceitação da sua identidade de gênero é entendida muitas vezes como uma fase complicada e trabalhosa, por exigir uma desconstrução e reconstrução da sua subjetividade quase como um todo. Além de buscar entender o que deve ser mantido, ressignificado ou excluído. Esse deslocamento da posição

social requer paciência e um cuidado mental, pelas violências que tendem a acontecer, tal qual o resguardo pessoal da sua saúde física e mental.

Paulo comenta, em determinado ponto, o esforço de não anular suas vivências anteriores, por serem importantes para quem ele é agora. Dessarte, Gabriel e Cauã contam suas dificuldades em se colocar nesse lugar de homem na sociedade, pela carga emocional do deslocamento social. Inclusive, Gabriel diz ter sido muito difícil esse transitar de gênero, por não enxergar o homem como algo bom, além de não saber seu lugar dentro de espaços onde antes era cabível e hoje pela posição social parece existir um certo impedimento, ele diz:

Nas rodas, conversas e discussões foi complicado saber qual era o meu lugar, quando eu vou ter discussões sobre feminismo se ainda podia me colocar, quando vou falar com uma mulher lésbica se ainda posso usar o termo "sapatao", que eu usava antes com total tranquilidade, ou se ela vai se ofender se eu usar isso agora. (Gabriel, 26 anos)

Portanto, compreendemos que requer tempo e reflexão se situar nesse novo lugar social agora ocupado. Analisar as possibilidades de manter determinadas experiências ou suas ressignificações servem para não cair na dicotomia homem/dominador - mulher/submissa, o que é por si só um desafio para todos eles. A respeito disso, Almeida em um artigo escrito para a Revista Cult (n.242, 2019) intitulado “Revisitando a aquarela das masculinidades” afirma que, sua principal inquietação em 2012 era compreender se esses homens trans haviam se tornado reprodutores passivos da masculinidade hegemônica. Mas observou que na última década, com a entrada numérica de novos indivíduos, houve uma complexificação dessa aquarela (ALMEIDA, 2019).

Sendo assim, o corpo é considerado elemento preponderante na constituição das transmasculinidades, o corpo e suas performances. Assim como, as alterações e dinâmicas que se que operam neste corpo para que ele possa produzir e reproduzir ideais da masculinidade hegemônica ou construir uma masculinidade contra hegemônica são os assuntos abordados no próximo capítulo.

6.4 DEIXAR-SE AFETAR

Em meio às temáticas principais que foram surgindo ao longo das entrevistas, o afeto, ou ausência dele, foi um ponto muito importante e comum entre as narrativas. Os

participantes ressaltam a necessidade de se ter paciência para lidar com a aceitação dos familiares em reconhecer sua identidade de gênero, principalmente em situações de constrangimento quando erram seu nome e pronome. Justamente para evitar mais atritos e conseguir enfrentar de forma saudável as mudanças pessoais e sociais — sob efeito dos picos de instabilidade emocional gerados pela testosterona.

Paulo conta que sempre tentou ser paciente e não impor quem ele, e por isso, optou pelo diálogo e outras formas menos combativas de encarar o processo. Assim como ele, Gabriel também tentou evitar conflitos, e afirma: “[...] *foi um grande exercício de paciência, até entender que a transição não acontece só pra mim, mas também com as pessoas que eu convivia, para minha família.*”. Isto posto, parece haver uma espécie de transição coletiva sentida pelos familiares e amigos. É um processo intenso que requer paciência, respeito e informações, para que não seja traumático ou crie resistência nas pessoas, em especial, das mais próximas.

Sendo assim, a experiência dos outros perante a transição, por mais que seja diferente da vivenciada pelos indivíduos transgêneros, é uma parte importante e que gera tensões. Nesse transicionar existe o abalo do outro, de tudo aquilo que lhe foi dado como verdadeiro e natural, e que diferente da realidade das pessoas LGBTQIA +, não há uma urgência ou incentivo para se questionar sobre essas imposições. Esse abalo incomoda, desestabiliza as verdades e gera reações que vão do luto, a raiva, ao amor e, algumas vezes, a violência.

Gabriel e Cauã disseram que em seus relacionamentos amorosos na época em que assumiram sua identidade de gênero, não foi uma novidade se revelarem como homens, suas companheiras já esperavam por isso de alguma forma. Já com os familiares, essa revelação provocou respostas diversas e, em sua maioria negativas. Cauã conta que, seus pais foram saber somente depois de alguns processos, por já terem um histórico de desentendimentos devido sua sexualidade, além de serem muito religiosos. No geral, algumas pessoas preferem se afastar quando ficam cientes da sua identidade de gênero e outras se esforçam para informar e manter a relação, mesmo que isso exija muita flexibilidade, o relato de Gabriel corrobora:

Muitas pessoas, principalmente familiares, perceberam que precisavam evoluir em certos pontos para que eu continuasse me sentindo amado e bem-vindo na família, e que eu também, precisava relevar muitas coisas para continuar convivendo com minha família. (Gabriel, 26 anos)

Por isso a importância de se ter paciência e não criar conflito, na visão desses meninos, evita que esse abalo seja somado a uma reação de resistência, e aumente ainda mais um distanciamento. Outro relato interessante, diz respeito a uma distância emocional de pessoas próximas como a família e amigos, parece um sentimento comum entre todos eles, que notaram uma frieza em relação às emoções. Algo para pensarmos, mas que talvez não exista apenas uma resposta: esse distanciamento é fruto de uma química ou do social? O que afasta é a testosterona no corpo ou a ideia de que o homem é mais frio e distante? Um questionamento também pautado por Cauã:

Às vezes, eu me sinto emocionalmente distante dela [namorada], e não somente dela, mas da minha família e dos meus amigos. Me sinto bem mais frio em diferentes aspectos, e não sei se é por conta da hormonização, ou por ficar calejado de levar tanto tapa na cara durante a vida. (Cauã, 25 anos)

Apesar de trazerem de modos diferentes, é muito presente a questão do afeto e solidão. Gabriel diz que a maior violência é a falta de afeto, em que tem de passar por situações diversas sozinho, sem ter para onde voltar ou alguém para correr. Assim como Paulo ao dizer que foi necessário “ter cabeça” para se assumir por saber que poderia ter que enfrentar isso sozinho e não ter apoio da família ou namorada na época.

Portanto, o período de transição não pode ser restringido apenas às mudanças físicas e comportamentais advindas de uma hormonização ou caracterização “masculina”, ela também está presente em momentos de autoafirmação, reconhecimento social e nas mudanças emocionais que ocorrem individualmente e coletivamente. Muitos ainda passam por situações de transfobia familiar, sendo expulsos de casa, ou segregados sem ter um apoio psicológico ou financeiro. Desta forma, o reconhecimento e respeito a suas identidades enquanto homens é necessário para resguardar sua integridade física e emocional, dos ataques sofridos pelas pessoas e instituições que o tempo todo estão reproduzindo a transfobia.

No próximo capítulo, discutiremos questões relacionadas ao corpo, peça fundamental nesse processo. O corpo, modificado ou não, é a estrutura que externaliza e materializa os padrões e estereótipos, assim como o que desafia a norma cisgênera, causando o impacto para a ruptura das naturalizações criadas como forma de controle.

7. CORPO: EXOESQUELETO DA SUBJETIVIDADE

Neste capítulo proponho refletir a respeito da materialização das masculinidades através do corpo. Como aponta Guacira Louro (2018, p.70) “Características dos corpos significadas como marcas pela cultura distinguem sujeitos e se constituem em marcas de poder”. Essas marcas, para além de outras, exercem um poder sobre o sujeito para demarcar sua importância, seu valor social e econômico, enfatizando também suas diferenças.

As marcas da diferença — como classe, raça, gênero, sexualidades, idade, e outros — demarcam o limite de acesso, possibilidades e privilégios. Corpos que carregam marcas normativas gozam de uma posição social, econômica e política, de permissividade da opressão sobre outros corpos dissidentes. Então, para que a identidade transmasculina seja reconhecida socialmente, uma série de instituições regulatórias utilizam de dispositivos e pedagogias para normatizar esse indivíduo. Com isso, o corpo se torna o principal alvo para materializar essa identidade e responder às externalidades do mundo.

Refletir sobre a corporificação de práticas sociais como as masculinidades é importante para entendermos a influência de como os discursos atuam sobre esses corpos através das mídias, da medicina, da cultura, do direito os moldando e violentando para executar uma determinada função na sociedade. Corpos dissidentes causam desconforto diante desse *cistema*¹⁰ por resistirem aos discursos de poder.

Uma matriz heterossexual delimita os padrões a serem seguidos e, ao mesmo tempo, paradoxalmente, fornece a pauta para as transgressões. É em referência a ela que se fazem não apenas os corpos que se conformam às regras de gênero e sexuais, mas também os corpos que se subvertem. (LOURO, 2018, p.17)

Isso se torna claro ao pensar nas cirurgias e procedimentos estéticos realizados para uma “adequação” do corpo. Bem como, a hormonização, na tentativa de eliminar e inserir características que socialmente correspondem a um determinado gênero. Essa “correção” dos corpos ocorre, muitas vezes, por uma pressão social, que permite que esses indivíduos

¹⁰ Sistema de estrutura social que favorece pessoas cisgêneras em detrimento de pessoas transgêneras.

sejam minimamente incluídos nos espaços quando seus corpos carregam o que é entendido como natural.

Por conseguinte, veremos adiante como essas questões vinculadas ao corpo são vivenciadas pelos participantes da pesquisa e sua importância dentro da produção de suas subjetividades e masculinidades. Além dos processos de corporificação das produções e violências sofridas em decorrência disso.

7.1 O CORPO IMPORTA E EXPORTA!

A sociedade temporalmente categoriza os sujeitos através de seus corpos, o que Foucault (2018) chama de biopoder, e então nossos corpos tornam-se uma representação definitiva, ou fixa, das nossas subjetividades. Através das classificações são estabelecidos rótulos na tentativa de consolidar identidades e, conseqüentemente, segregar grupos. Preciado (2018) ao discutir o pensamento de Foucault afirma que:

(...) Foucault descreve as transformações da sociedade europeia do final do século XVIII a partir do que ele chama de uma "sociedade soberana" para uma "sociedade disciplinadora", o que vê como o deslocamento de uma forma de poder que decide e ritualiza a morte para uma nova forma de poder que planeja tecnicamente a vida em termos de população, saúde e interesse nacional. Biopouvoir (biopoder) é o termo que se refere a essa nova forma de poder produtivo, difuso e em expansão (...) o poder tornase uma força de "somatopoder" que penetra e constitui o corpo do indivíduo moderno (PRECIADO, 2018, p.75)

O corpo ainda é socialmente inserido no sistema sexo-gênero, assim, o masculino ligado é ao pênis e o feminino à vagina, entrelaçados como uma forma de cristalização dos papéis sociais, fundamentais para a manutenção do *cissexismo* e do patriarcado. Deste modo, funciona como um dispositivo de limitação da subjetividade e acesso, por estar em contato com o mundo externo.

Assim, a partir desse corpo e das marcas nele inseridas serão atribuídos nossos limites de acesso à educação, saúde, moradia, emprego, e de relacionamentos e afetos. Na ideologia dicotômica homem-pênis/mulher-vagina, quanto maiores as características que

meu corpo tiver do gênero não condizente, menos ele vai importar socialmente, e mais vulnerável estará diante das violências, silenciamentos e exclusões.

A corporificação é definida pelo dicionário como: “Ação ou resultado de materializar, de tornar concreta uma ideia abstrata, de ser a encarnação física de algo que é intangível; materialização, concretização, encarnação” (Dicio - Dicionário Online de Português) ¹¹. Portanto, entende-se que o corpo não possui apenas uma finalidade biológica, mas também social, materializando construções sociais e discursos de poder.

A classificação do corpo impulsiona uma hierarquização nos marcadores de diferenças, sendo propagados pelos meios de comunicação, pela medicina, economia, entre outras vias de reprodução do discurso de poder. Isso faz com que, diante dos interesses do Estado e do capital, muitos desses corpos sintam a necessidade de se adequarem a esse padrão imposto, buscando aceitação ou proteção diante das suas vulnerabilidades.

Se queremos ampliar as reivindicações sociais e políticas sobre os direitos à proteção e o exercício do direito à sobrevivência e à prosperidade, temos antes que nos apoiar em uma nova ontologia corporal que implique repensar a precariedade, a vulnerabilidade, a dor, a interdependência, a exposição, a subsistência corporal, o desejo, o trabalho, e as reivindicações sobre a linguagem e o pertencimento social [...] ser um corpo é estar exposto a uma modelagem e a uma forma social [...] o corpo está exposto a forças articuladas sociais e politicamente, bem como a exigências de sociabilidade - incluindo a linguagem, o trabalho e o desejo - que tornam a subsistência e a prosperidade do corpo possíveis. (BUTLER, 2018, p.15-16)

Pensar esses corpos é entender suas relações sociais, suas fragilidades e opressões, seus direitos e até mesmo outros regimes de poder em que se encontram, sejam na posição de opressores ou oprimidos. A modelagem social em que um corpo transmasculino se encontra vai implicar em como as masculinidades são vivenciadas e, ainda, na incerteza de poder vivencia-lá.

7.2 A “TAL” DA MASCULINIDADE EM CORPOS TRANSMASCULINOS

Como já mencionado anteriormente, em meados dos 1970 surgiram novos estudos sobre as masculinidades, impulsionados pelo movimento feminista ao questionar os papéis

¹¹ Disponível em: <https://www.dicio.com.br/corporificacao/>

de gênero dentro da estrutura social. O movimento de libertação gay também contribuiu ao levantar questionamentos a respeito dos estereótipos e performances de gênero.

Assim como o gênero, a masculinidade, enquanto prática social, se modifica ao longo do tempo, pelas culturas e corpos, segundo Connell (1995, p.189), “as masculinidades são corporificadas, sem deixar de ser sociais. Nós vivenciamos as masculinidades (em parte) como certas tensões musculares, posturas, habilidades físicas, formas de nos movimentar, e assim por diante”.

Os padrões impostos sobre todos os corpos vêm se modificando de acordo com os avanços tecnológicos e os movimentos sociais, como por exemplo: o movimento feminista e LGBTI+. A produção dos discursos se modifica, assim como, seus meios de circulação, atuando de modo diferenciado sobre os diversos corpos e subjetividades, recriando novos tipos padrões, mas também, reforçando a influência sobre o controle social.

Corpos dissidentes como os transmasculinos desobedecem a norma que implica o sexo de nascimento como determinante do gênero, se tornando alvo de pedagogias corretivas do biopoder para invalidar e/ou corrigir aqueles corpos. E assim, para que sua masculinidade e identidade de gênero possam ser validadas socialmente, e serem corpos que importam, acabam por se submeter a tecnologias de gênero, processos externalizadores para se “adequarem” ao gênero (BUTLER, 2018). Esses sujeitos que se identificam totalmente ou majoritariamente como masculinos, são sufocados por discursos estéticos e científicos para que submetam seus corpos a procedimentos de “adequação”, como a hormonização, a mastectomia e outros procedimentos estéticos. Quanto mais próximo esse corpo se torna do ideal masculino cisgênero menor será a frequência e intensidade das violências. Pois ele vai adquirindo a chamada “passabilidade”, que funciona como uma camuflagem desse corpo normatizado diante das violências sofridas.

Lanz (2016) nos chama a atenção sobre a passabilidade, embora seja um fator que contribui com a visibilidade e proteção das pessoas trans, não é necessariamente decisivo no processo, até mesmo por não ser requerida por todas as pessoas trans. Ela declara que:

É o “olhar do outro” – ou seja, o olhar da sociedade – quem atesta o êxito ou o fracasso da pessoa transgênera em passar como membro do gênero oposto. Vem daí a verdadeira obsessão de passar – e de se tornar cada vez mais passável –, mote repetido à exaustão ao longo da vida da maioria das pessoas transgêneras. (LANZ, 2016, p.211)

Os participantes dessa pesquisa consideram que a passabilidade lhes resguarda a integridade física e psicológica, evitando situações de constrangimento e violência, além de permitir que se identifiquem enquanto trans caso achem necessário. Como conta Cauã: “*Eu me considero hoje uma pessoa passável, e acredito que isso me coloca em situações de conforto, em locais públicos, por exemplo*”. Importante ressaltar, entretanto, que a passabilidade não ocorre da mesma forma entre homens e mulheres trans, — muito menos entre os próprios homens trans, — devido aos demais marcadores da diferença e discursos de poder que fazem parte dessa dinâmica.

Por outro lado, a passabilidade não é almejada por todos, mesmo com seus benefícios, muitos renunciam às modificações como forma de resistência à cisnormatividade. E afrontam a masculinidade hegemônica cisgênera, que tem por princípio o falocentrismo. Assim, reivindicam sua masculinidade em corpos que são determinados através de características socialmente determinadas como femininos.

O ativista João Nery, ícone do movimento transmasculino, em um dos seus trabalhos afirma que, “Para a maioria dos transhomens, o corpo parece ser um obstáculo ao invés de um instrumento para a sedução, aumentando o sofrimento” (NERY; MARANHÃO FILHO, 2017, p. 296). Em sua obra “Viagem Solitária - memórias de um transexual trinta anos depois” (2011), ele relata as dificuldades enfrentadas diante de seu corpo lido socialmente como feminino, algo refletido em seu psicológico, relacionamentos, área profissional e familiar, fazendo com que se torne uma necessidade a busca por aparatos que tornassem seu corpo masculino.

Com relação a isso, os entrevistados mencionaram em suas narrativas que durante um determinado período da hormonização se encontraram em uma espécie de androginia. Em que as características femininas e masculinas estão presentes no corpo, causando momentos de confusão nas pessoas ao se direcionarem a eles. Isso lhes causa um desconforto por estarem sendo chamados e tratados pelos nomes e pronomes errados, e isso acaba se tornando um problema em lugares públicos, como os banheiros, que por si só são lugares carregados de tensão.

Dado um certo momento da transição, eu não sabia se iam me ler como um homem, não sabia se ia entrar em um banheiro feminino e todo mundo ia achar que eu era um homem, ou vice-versa. E em espaços como os banheiros, que são muito comentados pelas pessoas trans, eu acabava me privando de usar, como o da academia que passei um ano sem ir, porque eu não sabia qual banheiro eu deveria usar, na recepção eles

tinham meus dados de antes da transição, então eu não sabia se eles sabiam que eu era trans ou não (Gabriel, 26 anos).

Dessa forma, nas narrativas o tema do corpo foi muito presente, principalmente, por estar atrelado aos demais temas de alguma forma. A questão física é um dos principais pontos, sendo colocada como um ponto importante para um bem-estar e afeto, além do reconhecimento da sua identidade de gênero. Todos pontuaram a questão de atividades físicas por motivos de saúde, sobretudo, para obter um físico mais próximo do imaginário e diminuição de características entendidas como femininas.

Por essa razão, os relatos de Nery não são incomuns entre os transmasculinos, muitos compartilham de suas experiências e angústias. Grupos são formados pelas mídias sociais para compartilharem suas conquistas, dúvidas, vivências, formando uma rede de apoio e afeto. Pois existe a compreensão das dificuldades enfrentadas que, também vão variar conforme a idade, religião, raça, classe social e outros.

Então, homens como João Nery, Anderson Herzer, Alexandre Peixe, Amiel Vieira e o próprio Guilherme Almeida se tornaram figuras representativas importantes em espaços diversos, por compartilharem suas experiências e lutarem pelo movimento trans. A visibilidade dessas histórias de vida, suas experiências, também são fatores importantes na ruptura das naturalizações, e mais do que isso, são evidências de possibilidades além da norma.

De certa forma, toda essa experiência se evidencia também no corpo e suas diversidades, de altura, peso, cor, textura, com suas cicatrizes e marcas de violência, assim como de amor. Penso que, mesmo optado por realizar cirurgias, hormonização e outros procedimentos estéticos, não é um sinônimo de sucumbir às pedagogias corretivas, contanto que esteja fazendo isso como uma forma de atingir um imaginário seu e não da sociedade. Em diversos momentos nas narrativas encontramos questionamentos como “estou fazendo isso por mim ou pelos outros?”, Cauã aborda essa questão quando menciona a hormonização, assim como Gabriel diante da mastectomia.

[...] me planejo fazer uma mastectomia, mas não é algo que me tira o sono. Eu lido muito meu com os meus seios, com meu corpo de forma geral e todos os procedimentos que eu penso em fazer são só mais um passo da minha transição, mais um passo de uma transformação estética, que não necessariamente estão ligados a transição hormonal. (Gabriel, 26 anos)

Um corpo transmasculino por si só já se faz transgressor, a sua existência é incômoda socialmente, e cada qual diante da sua realidade opta por mudar ou não aquele corpo, criando as múltiplas formas de se vivenciar aquela masculinidade. Portanto, importa reconhecermos que essas diferenças vão influenciar na vida social daquela pessoa. Como por exemplo, perceber que corporificação da transmasculinidade de um transmasculino negro se dará diferente de um transmasculino branco, e não só na construção corporal, mas também na aceitação desse corpo nos espaços. E, ainda que, essas masculinidades sejam diferentes da hegemônica, existe uma tendência a se criar um ideal transmasculino hegemônico, que alguns autores vão identificar como “transsexual verdadeiro”, e este vai estar cercado de pedagogias corretivas e mais próximo do ideal masculino normativo.

Deste modo, a mastectomia, hormonização, o uso de próteses e *binders*, podem ser entendidos como uma forma de “adequação”, mas também de libertação e uma tentativa de existir. Nas entrevistas, a mastectomia não foi comentada a fundo, apenas mencionada de forma superficial. Paulo e Cauã já a realizaram e relataram estarem satisfeitos no que diz respeito aos procedimentos, não tendo interesse em realizar uma histerectomia ou faloplastia. A mastectomia também foi um ponto importante no bem-estar relacionado ao corpo. Cauã relata ter tido um problema com sua cirurgia, não ficando completamente satisfeito por ter sobrado um pouco de tecido, causando um aspecto ainda entendido por ele como feminino. Gabriel ainda não realizou a mastectomia, está se planejando para fazer, mas tem uma boa relação com seu corpo, e encara como apenas mais um passo da sua transição estética.

O procedimento mais comentado e, geralmente, o mais procurado é a hormonização, ou seja, a utilização de hormônios e bloqueadores para alterações físicas, e no caso de transmasculinos o hormônio é a testosterona. Em relação a testosterona diz Preciado (2018, p. 18): “Não tomo testosterona para me transformar em um homem, nem sequer para transexualizar meu corpo. Tomo simplesmente para frustrar o que a sociedade quis fazer de mim”. Essa frustração vem das mudanças provenientes do hormônio, o corpo se modifica fisicamente e quimicamente, alterando muitas das características apontadas como femininas. Até porque, não é o uso do hormônio que vai te fazer mais homem ou é uma regra para ser entendido como trans.

7.3 MASCULINIDADES LÍQUIDAS

O questionamento “o que é um homem? Ou o que é ser masculino?” remete-nos a padrões corporais (pênis, barba, bigode, cabelo curto, pelos no corpo), comportamentais, de linguagem, e muitos outros, vivenciados socialmente. A incorporação desses elementos para a maioria dos transmasculinos é importante e causa ansiedade. Muitos sofrem o que se costuma chamar de “disforia”, isto é, um desconforto causado pela divergência da sua identidade de gênero e seus atributos físicos e sexuais relacionados ao seu sexo de nascimento, por assimilarem um pensamento cisnormativo de estarem no “corpo errado”.

Nas narrativas percebemos que a relação com o corpo está atrelada a muitos fatores externos e internos, mesmo que o objetivo seja o mesmo como mencionado por Gabriel, ter um corpo percebido como masculino. Isso pode envolver a hormonização ou a mastectomia, exercícios físicos, e outras coisas na construção desse corpo. Mas as disforias surgem principalmente devido ao não reconhecimento do outro, por características físicas atribuídas ao feminino, como vemos na fala de Cauã: *“Me senti pressionado em fazer algo em relação a isso, seja iniciar a terapia hormonal ou correr com a questão da mastectomia, seja mudar a documentação. Porque tudo isso facilitaria a mudança no entorno que eu estava inserido”*.

Algumas pessoas tendem a acreditar nesse discurso de estarem no “corpo errado”, inclusive pessoas trans, mas também tem sido muito criticado e rebatido por transpensadoras(es) e militantes por ser um pensamento cisnormativo. Ou seja, mais uma vez essas identidades são postas no lugar de “outro”, que necessita de correção. Um corpo errado que precisa passar por pedagogias corretivas na intenção de se aproximar do corpo tido como natural.

Conforme Simone Ávila (2014, p. 163), “Um ‘corpo errado’ pressupõe a existência de um ‘corpo certo’ [...] essa ideia de ‘corpo errado’ que precisa de conserto é uma construção dos discursos biomédicos”. E esse discurso faz com que muitos sintam a necessidade de realizar mudanças para adquirir as características físicas secundárias, a mastectomia e, até mesmo, a cirurgia de redesignação sexual, ambas ofertadas pelo Sistema Único de Saúde (SUS).

Até o ano de 2019, a transexualidade era considerada um transtorno mental, categorizada como “transtorno de identidade de gênero” pela Classificação Internacional

de Doenças (CID 11). Mas após a pressão dos movimentos trans e LGBTI+, a Organização Mundial de Saúde (OMS) removeu esse capítulo do documento, em 25 de maio de 2019, adicionando a nova classificação como “incongruência de gênero”. A Coordenadora do Departamento de Saúde Reprodutiva e Pesquisa da OMS, Lale Say acredita que a reclassificação ajudará a reduzir o estigma sobre as pessoas trans e ainda garantir o “acesso às intervenções de saúde necessárias”¹². Agora no ano de 2022, foi abolido definitivamente o termo transexualismo da Classificação Internacional de Doenças (CID), sendo o prazo dado para os países se adaptarem às alterações de 2019.

O sucesso da indústria tecnocientífica contemporânea consiste em transformar nossa depressão em Prozac, nossa masculinidade em testosterona, nossa ereção, a testosterona ou a masculinidade, a pílula ou a maternidade, a triterapia ou a aids. Esse feedback performativo é um dos mecanismos do regime farmacopornográfico (PRECIADO, 2018, p.37)

No Brasil, desde 1997, são autorizados os procedimentos transgenitalizadores para mulheres trans, pelo Conselho Federal de Medicina (CFM). O Processo Transexualizador só foi implementado no Sistema Único de Saúde (SUS) em 2008, através da Portaria Nº 1.707, de 18 de agosto de 2008, incluindo serviços de hormonização, alongamento das cordas vocais e cirurgias de redesignação sexual, para mulheres trans. Em 2013, o processo foi revisado e ampliado pela Portaria Nº 2.803, de 19 de novembro de 2013, incluindo homens trans e travestis, com o oferecimento de oferecendo procedimentos já citados acima.

Apesar dos avanços relacionados no campo da saúde, esses corpos enfrentam a dificuldade de acessar o Processo Transexualizador do SUS, que apesar do seu caráter democrático, possui uma série de protocolos para a realização de procedimentos cirúrgicos, previstos na portaria. Existe ainda a dificuldade de acesso, devido a distribuição geográfica, tendo poucas unidades hospitalares e ambulatoriais habilitadas, principalmente na região Norte, Nordeste e Centro-Oeste do país.

Esses protocolos fazem parte do que Bento (2017) chama de "dispositivo da transexualidade", para explicar os acontecimentos na área médica que buscava a

¹² Uma grande vitória para os direitos dos transgêneros: agência de saúde da ONU descarta ‘transtorno de identidade de gênero’ como diagnóstico oficial. Disponível em: <https://news.un.org/en/story/2019/05/1039531>. Acesso em: 14 ago 2020.

construção do “verdadeiro transexual”. Os sujeitos são submetidos a diversos procedimentos a fim de serem atestados com “transtorno de identidade de gênero” e, somente assim, realizarem qualquer procedimento “corretivo”. Esses corpos então só podem existir se aceitarem a atuação dos dispositivos regulatórios cisnormativos sobre si, para uma higienização e adequação.

Na prática, são poucos aqueles que conseguem chegar ao final desse processo devido aos poucos procedimentos realizados pelo SUS, à escassez de recursos, aos poucos profissionais envolvidos, e a grande demora e rigidez em seus protocolos guiados por normas alusivas à inteligibilidade do gênero. (PORTO; REGO, 2019, p. 14)

Isso nos leva a questionar também o direito de acesso à saúde, seja ela pública ou privada. Uma vez que, a ação de diversos dispositivos atua antes da chegada desses indivíduos no estabelecimento. Esse direito de acesso efêmero funciona na teoria, mas na prática é calcado em cima de dificuldades e violências que envolvem, na maioria das situações, o uso do nome social, questões financeiras, realização de exames generificados, entre outros. Como vemos na fala de Paulo, muitos que dependem da utilização dos serviços públicos acabam sendo prejudicados pela precarização intencional de certos programas.

Durantes as conversas percebemos que os entrevistados optaram por fazer acompanhamento médico em algum ponto da transição. Seja ela de forma particular por não ter acesso a um convênio quando iniciada a hormonização, ou pela demora de conseguir o procedimento pelo SUS, como o caso do Gabriel: *“Tentei iniciar o processo de hormonização pelo SUS, fiquei esperando por uns 7 meses, tinha todos os exames, tudo certo, mas não conseguia marcar consulta ou quando marcava tinha que adiar”*.

No caso de Paulo, também houve o problema com o convênio, ele conta que *“[...] pedi ao meu patrão para colocar um convênio médico na empresa, assim eu não teria que arcar com esses custos. Mas ele falou que não era interessante para eles naquele momento e se eu quisesse teria que pagar”*. Todavia, não são todos que estão empregados ou possuem condições de pagar pela hormonização e consultas particulares. Além dos exames e atendimentos particulares serem de alto custo, existe o receio do profissional não estar capacitado para te atender. Inclusive, a assistência médica também é um fator importante no uso de hormônios, onde a sua ausência pode levar a automedicação e à compra de

receitas ilegais, como encontramos na narrativa de Gabriel, que se automedicou por um período.

O pensamento de Preciado evidencia a importância de se entender o corpo como um conjunto de representações sociais, políticas, econômicas, tecnológicas e de opressão nesse regime de disputa pelo poder e controle. Criando-se, assim, um discurso que não apenas aprisiona e molda esses corpos, como também cria um cunho comercial sobre eles. Isto é, a tentativa de tornar esses corpos “saudáveis” abre um mercado cada vez mais lucrativo.

A tecnociência estabeleceu sua autoridade material transformando os conceitos de psiquismo, libido, consciência, feminilidade, masculinidade, heterossexualidade, homossexualidade, intersexualidade e transexualidade em realidades tangíveis, que se manifestam em substâncias químicas e moléculas comercializáveis em corpos, em biótipos humanos, em bens tecnológicos geridos pelas multinacionais farmacêuticas. (PRECIADO, 2018, p.37)

Esse mercado cresce também em produtos voltados especialmente para essa população, como as próteses penianas e *binders*, cada vez mais sofisticados para atender mais de uma função. Os chamados *packers*, próteses penianas com múltiplas funções (urinar, sexo, masturbação e volume), são bastante conhecidos e requisitados dentro da comunidade transmasculina, assim como os *binders*, que são faixas compressoras dos seios. Ainda existem diversos produtos sendo criados para atender as pedagogias de gênero, como: semem artificial, *pump* (para aumentar o clitóris), cintas e demais itens.

Esses objetos parecem ser utilizados pelos entrevistados em algum momento da transição. Seja para esconder alguma parte do corpo ou servir de acessório para urinar em locais públicos, se sentirem mais confortáveis em atos sexuais, e principalmente, como forma de se sentir mais seguro e dentro de um corpo lido como masculino.

Tenho o packer e é algo que me possibilita um prazer momentâneo, mas que eu só utilizo nas relações sexuais, não utilizo no dia a dia porque eu não me sinto muito confortável. Não utilizo para fazer xixi, mas é algo que eu gostaria muito porque acaba sendo segurança também, para locais públicos, mas demanda treinamento, e por enquanto eu não tenho treinado. (Cauã, 25 anos)

A partir do momento de não sentir tesão no meu próprio peito, de eu não querer tocar nele, ali já estava bem claro que eu não estava confortável com aquilo. Então eu comecei a usar o colete, usei por muito tempo, tentando fazer aquele ciclo lá de 8 horas usando e depois ficar sem. (Paulo, 23 anos)

Ainda há um agravante de saúde, como pontuado por eles, o *binder* deve ser usado por até oito horas seguidas, por comprometer a respiração, além de pressionar outros órgãos. Essa recomendação é, por vezes, ignorada por não se sentirem confortáveis sem. Já o *packer* não é tão utilizado, mas pode causar infecção urinária caso não seja higienizado corretamente.

Apesar de não ter sido questionado em nenhum momento, o tema da menstruação apareceu organicamente em todas as entrevistas. Eles relataram ser uma das mudanças mais esperadas com a hormonização, uma vez que a testosterona inibe a menstruação ou ao menos diminui o fluxo menstrual, por ser algo desagradável e incômodo para eles. Cauã comenta que a menstruação ainda o remete ao feminino: “[...] *me lembrava o tempo todo que eu era uma mulher, como eu posso ser um homem sendo que eu menstruo?!*”. Com relação a isso, o autor Tiago Duque (2019, p. 97) afirma que para muitos transmasculinos:

(...) a masculinidade constitui-se a partir da efetivação de um corpo peludo, ausência de cólicas menstruais e a menstruação, odor forte e coloração escura da urina, aumento do desejo sexual e do apetite, o nascimento de espinhas e a mudança de voz.

Esses procedimentos surgem, frequentemente, para satisfazer uma necessidade do outro, para que este possa reconhecer esse indivíduo e corpo como masculinos. Ainda que, este já se reconheça como tal independente da corporificação da masculinidade, como podemos ver em Cardoso:

Este meu corpo só passou a ser um problema quando foi entendido a necessidade de mudança para que eu pudesse existir fora do meu imaginário, uma mudança que deveria ser feita para um enquadramento nos conceitos heteronormativos do que é masculino e feminino, e assim, se tornar um corpo válido (CARDOSO, 2020, p. 206).

Todavia, ainda existem discursos que invalidam essa masculinidade, ou mesmo a própria subjetividade, caso não tenha a incorporação desses atributos, logo esse indivíduo/corpo não será “homem suficiente” perante a sociedade ou círculo social, causando um grande sofrimento psíquico. Alguns transmasculinos não reivindicam essas mudanças corporais, construindo e corporificando sua transmasculinidade contestando o discurso sexo-político.

A respeito disso, esse conceito é trazido por Preciado (2018, p. 76) ao declarar: “O sexo se tornou parte tão importante dos planos de poder que o discurso sobre a masculinidade e a feminilidade e as técnicas de normatização das identidades sexuais transformaram-se em agentes de controle e padronização da vida”. Essa padronização e controle institui uma política de exclusão dos sujeitos dissidentes, causando dificuldades em acessar escolas, mercado de trabalho, assim como o sistema de saúde, deixando-os vulneráveis e dependentes do Estado. Um Estado que, por sua vez, negligencia a existência desses indivíduos, sem ter a urgência em instituir políticas públicas que assegurem minimamente os direitos humanos a eles.

A não incorporação desses procedimentos de correção dos corpos cria uma resistência social e política, diante da incongruência com o regime sexo-político. Assim, a necropolítica¹³ atua mais fortemente, tal como outros sistemas de opressão, compartilhando e permitindo discursos de poder violentos nesses indivíduos, recorrendo sempre a patologização e a religiosidade. Preciado (2018) apresenta muito fortemente essa discussão em suas obras, acerca da relação do corpo com as tecnologias de gênero, o biopoder, a indústria farmacológica e a pornografia, ou como ele utiliza, o regime farmacopornográfico.

Durante o século XX, a "invenção" da noção bioquímica do hormônio e o desenvolvimento farmacêutico de molecular sintéticas para uso comercial modificaram radicalmente as noções arraigadas de identidades sexuais tradicionais e patológicas. (PRECIADO, 2018, p.28)

Os hormônios sintéticos, assim como o silicone e as cirurgias se tornam parte da linguagem social de legitimação, decodificadores da masculinidade ou da feminilidade. A necessidade da hormonização, para muitos homens trans, acontece pelas mudanças físicas, a busca pela proximidade do ideal masculino, como forma de se sentir pertencente a esse grupo e ser reconhecido.

Nas narrativas os participantes contam que iniciaram a hormonização para obter mudanças físicas, por terem certos desconfortos com algumas características físicas. Como conta Gabriel: “Então, eu comecei a hormonização, porque queria mudança física, não estava contente com várias partes do meu corpo”. E, também, pelo reconhecimento da pessoa enquanto homem, causando assim menos constrangimento em público ou mesmo

¹³ Termo cunhado por Achille Mbembe, que significa uma política de morte. No qual, o poder soberano (seja político ou social) detém o direito de matar e/ou expor a morte determinados indivíduos.

dentro de casa. Nas falas de Paulo também encontramos a busca pelo reconhecimento através da hormonização:

Então, depois que eu comecei a me hormonizar comecei a me enxergar como pessoa, me enxergar mesmo, antes era sempre um desconforto com a confusão de ela/ele, e as pessoas nunca sabem como que vai te tratar. Não gostava de ficar no meio dessa ponte de ela/ele, preferia ser chamado pelo pronome ele, mas sempre busquei me sentir confortável apesar das dificuldades, e por isso que comecei a hormonização. (Paulo, 23 anos)

A hormonização não acarreta apenas mudanças físicas, mas também alterações emocionais. Estas, por sua vez, tendem a ser muito mais fortes nos primeiros anos até que a quantidade de hormônio crie uma estabilidade, em casos de uso contínuo. Os meninos entrevistados relatam uma maior frieza sentimental em relação à anteriormente, ou seja, passaram a ter mais dificuldade em expressar seus sentimentos, principalmente de tristeza e choro. Essa distância emocional pareceu difícil de lidar e, de certa forma, é inesperada, trazendo dificuldades de manter e criar novas relações.

Quando comecei a testosterona e comecei a ficar muito frio, passei seis meses sem derrubar uma lágrima, não conseguia chorar por nada. Quando eu ficava incomodado com alguma situação não ficava mais triste, ficava muito raivoso, e no princípio foi muito assustador, porque pensei que estava virando uma pedra, que não tinha sentimentos mais. (Gabriel, 26 anos)

Com isso, nos momentos de instabilidade ou irritação eles relatam que acabavam sendo estúpidos, rudes com as pessoas, fazendo com que se afastassem ou ficassem mais introspectivos. Isso faz com que alguns questionamentos surjam durante o processo, um dos relatados por Cauã foi se estava fazendo a hormonização por si ou pelos outros. Além de tentar entender até que ponto a insensibilidade é uma consequência química ou é devido ao estereótipo de que homem é assim. E ele afirma: *“Algo que eu ainda estou tentando descobrir é se esse processo de me tornar menos afetuoso se dá pelo hormônio ou também pelo estereótipo de homem ser assim”*.

Talvez essa resposta não seja tão simples se pensarmos a complexidade e quantidade de construções sociais e discursos que se envolvem nessa dinâmica, onde estão

acontecendo mudanças químicas naquele corpo, emocionais e ainda sociais. A influência do externo também recai sobre o nosso corpo e suas funcionalidades, podendo intensificar esses sentimentos de insensibilidade e fúria que são relatados. Digo isso, justamente, porque também já ouvi relatos contrários, de homens trans que tinham um comportamento mais rígido e agitado e acabaram se sentindo mais sensíveis com a hormonização.

Deste modo, fica evidente a importância que essas modificações corporais têm sobre o reconhecimento da identidade dos homens trans dentro da lógica cisnormativa que opera a todo instante para uma adequação desses corpos. Contudo, também possibilita uma diversidade entre as identidades, criando uma (re)apropriação de seus corpos e expressões de gênero da forma que lhe forem cabíveis.

7.4 OUTRAS POSSIBILIDADES DE SER

A nova aquarela de masculinidades, como proposto por Almeida (2019) tem trazido reinvenções da noção de ser transmasculino. Começam a surgir novas identidades que fogem a essas alterações corporais, contradizendo a ideia de estar em um corpo errado. Expressões como “boyceta”, fazendo alusão a homens de buceta, são popularizadas como forma de imergir novas discussões acerca das masculinidades.

Essa construção e desconstrução do ideal masculino é constante, principalmente para os meninos trans, tal qual me controu Cauã, em que o ideal masculino ainda é muito influenciado pela cisnorma. Por isso, se reconhece a importância de valorizar a diversidade das masculinidades, e sua contínua modificação durante toda a vida. Como um forte exemplo temos o Mister Trans Brasil 2021, espaço onde a escolha do “homem trans mais bonito do Brasil” estava cercada de candidatos brancos, magros, hormonizados e com mastectomia feita. Apesar de levantar a bandeira da diversidade transmasculina, é nítido um padrão de corpo, já que a beleza se concentra nos mesmos parâmetros cisnormativos, afirmado pelo vencedor do concurso.

Mesmo que de forma não proposital, são instrumentos como esses, que valorizam um tipo de corpo em detrimento de outros que criam uma transmasculinidade ideal. A valorização da passabilidade se torna uma ferramenta de invisibilização de outras formas de ser e expressar sua masculinidade, bem como sua subjetividade. Muito bem colocado

na de Cauã: “[...] a masculinidade é entender de fato que somos seres individuais, e que cada um tem uma masculinidade diferente. A minha masculinidade é diferente da sua, que é diferente de outros rapazes, e que todos somos homens mesmo assim”.

Nessa construção, o contato com outras pessoas é fundamental, ouvir, conhecer as histórias e se reconhecer nelas, permite refletir sobre o que gostaria ou não de ser ou adquirir. E apesar de, muitos desejarem “nascer cisgênero”, o que soa como um efeito do discurso normativo, cada vez mais surgem outros discursos que vão contra a corrente, potencializando os corpos e subjetividades da forma que são. As entrevistas proporcionaram o aparecimento de momentos de rejeição a cisgeneridade, e potencialização suas vivências enquanto homens transgêneros, tal qual menciona Cauã: “Acredito que se eu fosse [cis] não teria as perspectivas que tenho hoje, pois minhas vivências me possibilitam ser quem sou hoje. ”

A transexualidade masculina, na última década, atuou como uma estufa de possibilidades no cenário brasileiro. Naquele cenário foi possível ver emergir sujeitos que reivindicam masculinidade sem desejar ser reconhecidos como homens. Foi possível também ver homens trans não binários, homens trans orgulhosamente portadores de uma vulva refutando o paradigma psiquiátrico da aversão à própria genitália, homens trans grávidos sem abrirem mão da afirmação da paternagem, homens trans aderindo à contemporânea formulação de uma paternidade próxima, afetiva e cuidadora, homens trans feministas, homens trans que se afirmam gays ou bissexuais, homens trans trabalhadores sexuais, homens trans se relacionando afetiva e/ou sexualmente com mulheres trans e travestis, assim como homens trans heteronormativos. (ALMEIDA, 2019, p.52)

Por esse motivo, a diversidade presente dentro das transmasculinidades permite que entendamos a masculinidade e a sua vivência, além das inúmeras possibilidades de ser homem sem ter a necessidade de carregar padrões de gênero, e que podem carregar dinâmicas de opressão como o machismo e o sexismo, assim como os estereótipos comportamentais da masculinidade. Abre um leque de formas mais livres de vivenciar a masculinidade, até mesmo para homens cisgêneros.

Mesmo que aqui estejamos discutindo a masculinidade de transmasculinos, que envolve questões como a transfobia e o cissexismo, também debatemos criticamente a estrutura do patriarcado e sexismo como um todo. Questionar esses padrões e normas de gênero são formas de romper com esse aprisionamento sofrido pelos homens como um

todo, até mesmo porque a diversidade também se faz presente na cisgeneridade. A aceitação e empoderamento das transidentidades e transmasculinidades são formas de firmar um propósito de romper com sistemas binários e biologizantes.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As transmasculinidades são plurais assim como as masculinidades no geral e o entendimento desse ponto garante a individualidade de cada sujeito, e legitima as diferenças como uma potência de transformação, e não como algo negativo. As normas sociais são pautadas, geralmente, em dicotomias (bom/mau, certo/errado, normal/anormal, macho/fêmea, oprimido/opressor), porém como defendido por Collins (2015) esse pensamento é problemático quando aplicado a opressões, porque cria uma hierarquização dos atravessamentos e dos sujeitos. Apesar da indissociabilidade dos marcadores de diferença não podemos entender como uma somatória de opressões ou privilégios sobre determinado sujeito, a autora defende que cada um de nós carrega uma parcela de opressão e privilégio dependendo de onde e com quem estamos.

Assim sendo, devemos primeiramente buscar compreender como são formadas as dinâmicas entre essas diferenças que constituem o sujeito e suas práticas, considerando suas vivências como forma de conhecimento também. E posteriormente, buscar novas formas de desconstruir uma masculinidade hegemônica opressora, tanto para as mulheres quanto para os homens. E construir novas formas de masculinidades, que respeitem os limites do sujeito, leve em consideração sua cultura, corpo, diferenças e identidade.

Por isso, as marcas simbólicas ou físicas dos corpos para além do reconhecimento ou exclusão do sujeito em espaços sociais, carregam a resistência e empoderamento, desobedecendo o discurso hegemônico da masculinidade. A transmasculinidade já surge como uma nova forma de *ser homem* que tenta se desconectar do falocentrismo, mas ainda negligência muitos outros marcadores como raça, idade, região e classe. É urgente atentarmos as necessidades dos homens trans negros, transmasculinos PCDs, transmasculinos idosos e periféricos que estarão diante da transfobia institucional, tanto quanto da transnecropolítica.

Também, reconhecemos que ainda há muito a ser questionado e evidenciado dentro dos estudos de masculinidades, ainda mais sob a vivência de transmasculinos. Somente uma pesquisa, de tão curta duração como o mestrado, seria incapaz de dar conta de uma imensidão de vivências e pontos a serem apontados. Anseio que essa pesquisa seja uma de muitas que virão, produzidas por pesquisadores transmasculinos, trazendo a autonomia sobre sua própria narrativa.

Os estudos que abordam as transmasculinidades e sua atuação em diversas áreas sociais, ainda estão emergindo e ganhando visibilidade dentro da academia e do movimento social. É necessário e urgente que transpesquisadora(e)s sejam reconhecidos e conhecidos como referências de seus trabalhos, para que possamos cada vez mais utilizar em nosso referencial teórico, e até mesmo materiais didáticos trabalhos produzidos por pessoas trans e travestis.

Até aqui, compreendo que as transmasculinidades, ainda que seja atravessada por diversas dinâmicas de poder, carrega um potencial de romper com padrões e discursos bioessentialistas que acometem o corpo e identidade dos sujeitos, que vão ditar o que é, quem pode ser e como deve ser um homem. Essa ruptura traz consequências a esses indivíduos que passam a ser alvos de um sistema que tenta a todo o tempo deslegitimar suas identidades de gênero e até mesmo sua humanidade.

Nas narrativas presentes percebemos uma complexidade enfrentada para apoderar-se do lugar que lhes representa, obstáculos institucionais, emocionais, físicos e econômicos estruturados na transfobia e na heterocisnorma. Essas experiências demonstram também, além dos impedimentos, o maior medo de toda a estrutura de poder: a possibilidade de (trans)gredir. Essa possibilidade pode abarcar todas as identidades de gênero, orientações sexuais, idades, etnias, classes sociais, e outros marcadores que estarão ali agindo em cada sujeito e modificando sua forma de vivenciar sua masculinidade.

Serve como uma esperança de ressignificar nossa autopercepção, e como gostaríamos de performar nossa masculinidade livremente. Isso ainda é um pensamento utópico, mas que se demonstra cada vez mais possível nos diferentes corpos e histórias que vão surgindo junto a esses transhomens.

9. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERTI, Verena. **Manual de história oral** / Verena Alberti. – 3. ed. – Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013.

ALMEIDA, G. 'Homens trans': novos matizes na aquarela das masculinidades? **Rev. Estud. Fem.** 2012, vol. 20, n. 2, p. 513-523. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104026X2012000200012&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 10 mar 2020

ALMEIDA, Guilherme. Revisitando a aquarela das masculinidades. **Revista CULT**, Edição Kindle, n.242, p. 48-54, fevereiro 2019.

AMADO, J; FERREIRA, M.M. (org). **Usos & abusos da história oral**. - 8. ed. - Rio de Janeiro: Editora FGV. 2006. 304p.

ARILHA, Margareth; UNBEHAUM, Sandra; MEDRADO, Benedito (Orgs.). **Homens e masculinidades: outras palavras**. São Paulo: ECOS/Ed. 34, 1998.

ÁVILA, S. **Transmasculinidades: A emergência de novas identidades políticas e sociais**. Ed. Multifoco. Rio de Janeiro, 2014.

BENTO, B. Nome social para pessoas trans: cidadania precária e gambiarra legal. **Contemporânea**. v. 4, n. 1 p. 165-182, jan.–jun. 2014.

BENTO, Berenice. **A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual**. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

BERTRAND, Catherine; BORDEAU, Laurent. Research Interviews by Skype: A New Data Collection Method. In: ESTEVES, José (org.). Proceedings from the 9th European Conference on Research Methods. Spain: IE Business School, 2010. p. 70-79.

BESSA, Telma et al. ENTREVISTA COM ALESSANDRO PORTELLI. **Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, [S.l.], v. 41, ago. 2011.

BOLA, J.J. **Seja homem: a masculinidade desmascarada**. Tradução Rafael Spuldar. Dublinense, 132 pp. Edição Kindle. 2020.

BOURDIEU, P. **A dominação Masculina**. Tradução Maria Helena Kuhner. 15 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2019.

BUTLER, J. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do "sexo". In: Louro, G.L. (Org). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva. 4ed.;1. reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019

BUTLER, J. **Quadros de guerra: Quando a vida é passível de luto?** Tradução de Sérgio Tadeu de Niemeyer Lamarão e Arnaldo Marques da Cunha; revisão de tradução de Marina Vargas; revisão técnica de Carla Rodrigues. -5 ed.- Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

BUTLER, Judith. *Bodies that matter. On the Discursive Limits of "Sex"*. New York: Routledge, 1993

CARDOSO, T. V. B. Quem enxerga a criança trans? Memórias de um menino transgressor. **Revista Brasileira de Estudos da Homocultura**, 2020. v. 3, n.9, 204-212.

CARDOSO, T.V.B. O limiar entre o pesquisador e objeto de pesquisa. In: NOGUEIRA, S.; TESSER, Ti Ochôa ; PEREIRA, M. F.R. A docência lgbti+ e a narrativa da escrita acadêmica em tempos de pandemia. 1ª Edição. Edição do Autor. 2021. 38 p.[online]

COLLINS, Patricia Hill. Se perdeu na tradução? Feminismo negro, interseccionalidade e política emancipatória. **Parágrafo**, [S.l.], v. 5, n. 1, p. 6-17, jun. 2017. ISSN 2317-4919. Disponível em:
<http://revistaseletronicas.fiamfaam.br/index.php/recicofi/article/view/559>. Acesso em: 29 Jul. 2020.

COLLINS, Patricia Hills. “Em direção a uma nova visão: raça, classe e gênero como categorias de análise e conexão”. MORENO, R. (org.) **Reflexões e Práticas de Transformação Feminista**, São Paulo: SOF, 2015, p.13-42.

CONNEL, R; PEARSE, R. **Gênero: uma perspectiva global**. Tradução e revisão técnica Marília Moschkovich. São Paulo: nVersos, 2015.

CONNELL, R. Políticas da Masculinidade. **Educação Realidade**, Porto Alegre. Vol.20, n.2, 1995, p.185 - 206.

CONNELL, Robert W.; MESSERSCHMIDT, James W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 21, n. 1, p. 241282, maio 2013. ISSN 1806-9584. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2013000100014>. Acesso em 21 mai de 2020.

CONNELL, Robert W.; MESSERSCHMIDT, James W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 21, n. 1, p. 241282, 2013.

CRENSHAW, K. Interdisciplinaridade: qual o sentido? In: Dossiê da III Conferência Mundial contra o Racismo (Durban, 2001), publicado pela **Revista Estudos Feministas**, n.1, 2002.

DEAKIN, Hannah; WAKEFIELD, Kelly. Skype Interviewing: Reflections of Two PhD Researchers. *Qualitative Research*, v. 14, n. 5, p. 603-16, 2014.

DUQUE, T. **Gêneros incríveis: um estudo sócio-antropológico sobre as experiências de (não) passar por homem e/ou mulher**. 2ª ed. Salvador-BA. Editora Devires, 2019.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade I: A vontade de saber**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 7ª ed. Rio de Janeiro? São Paulo, Paz e Terra,2018.

FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. Tradução de Raquel Ramallete. 42.ed. Petrópolis, RJ: Vozes,2014.

FREITAS, Sônia Maria de. **História oral: possibilidades e procedimentos**. São Paulo: Humanitas / FFLCH / USP; Imprensa Oficial do Estado, 2002. 115p.

GESSNER, Ricardo. TRANSCRIÇÃO, TRANSCONCEITUAÇÃO E POESIA. **Cadernos de Tradução** [online]. 2016, v. 36, n. 2 [Acessado 6 Outubro 2021] , pp. 142162. Disponível em: <https://doi.org/10.5007/2175-7968.2016v36n2p142>. ISSN 21757968. <https://doi.org/10.5007/2175-7968.2016v36n2p142>. Acesso em 21 mai de 2020.

GROSSI, M. Masculinidades: uma revisão teórica. In: **Antropologia em primeira mão / Programa de Pós Graduação em Antropologia Social**, Universidade Federal de Santa Catarina , n.1 (1995). Florianópolis : UFSC / Programa de Pós Graduação em Antropologia Social, 1995.

JOUTARD, P. DESAFIOS À HISTÓRIA ORAL DO SÉCULO XX. In: **História oral: desafios para o século XXI** [online]. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2000. 204p.

LANZ, Letícia. Porque tenho medo de lhe dizer quem eu sou. In: **Corpo, gênero e sexualidade: resistência e ocupa (ações) nos espaços de educação.**/ Organizadoras Paula Regina Costa Ribeiro et al.- Rio Grande: Ed. Da FURG, 2018.

LANZ, L. Ser uma pessoa transgênera é ser um não-ser. **Periódicus**, Salvador, n. 5, v. 1, maio-out. 2016.

LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**/ organização Guacira Lopes Louro; Tradução Tomaz Tadeu da Silva. 4ª ed.; 1. reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho** / Guacira Lopes Louro. -- 3. rev. amp. -- Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.

LUGONES, M. Colonialidade e gênero. In: **Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais** / organização e apresentação Heloisa Buarque de Holanda; autoras Adriana Varejão ... [et al.]. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.

MEDRADO, B; LYRA, J. Em tempos de masculinidades coloniais em relevo, um intento de prefácio. In: CAETANO,M; JUNIOR,P (Org). **De guri a cabra-macho: masculinidades no Brasil**. 1 ed, Rio de Janeiro: Lamparina, 2018.

MEDRADO, Benedito; LYRA, Jorge. Por uma matriz feminista de gênero para os estudos sobre homens e masculinidades. **Revista Estudos Feministas** [online]. 2008, v. 16, n. 3, pp. 809-840.

MOTA, B, E. Eu não. In: **Antologia Trans: 30 poetas trans, travestis e não binários**. Transformação: Invisíveis Produções, 2017.

NASCIMENTO, Letícia Carolina Pereira do. **Transfeminismo** / Letícia Carolina Pereira do Nascimento. - São Paulo: Jandaíra, 2021. 192p.

NERY, João Walter. **Viagem solitária – memórias de um transexual trinta anos depois**. São Paulo: Editora Leya, 2011.

NERY, João Walter; MARANHÃO FILHO, Eduardo Meinberg de Albuquerque. Transhomens no ciberespaço: micropolíticas das resistências. In: MARANHÃO FILHO, Eduardo Meinberg de Albuquerque (Org.). (In)Visibilidade Trans 2. **História Agora**, v.16, nº 2, p. 139-165, 2013.

NERY. J. W; MARANHÃO FILHO, E.M.A. Deslocamentos subjetivos das transmasculinidades brasileiras contemporâneas. **Periodicus**, Salvador, n.7, v.1, maioout, 2017.

OLIVEIRA, Pedro Paulo de. **A construção social da masculinidade**. Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2004.

OLIVEIRA, Pedro Paulo de. Discursos sobre a Masculinidade. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 6, n. 1, p. 91, jan. 1998. ISSN 1806-9584. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/12036>. Acesso em: 28 mai 2020.

OYĚWÙMÍ, Oyèrónké. Conceituando o gênero: os fundamentos eurocêntricos dos conceitos feministas e o desafio das epistemologias africanas. CODESRIA Gender Series. V. 1, Dakar, CODESRIA, 2004, p. 1-8 por Juliana Araújo Lopes. Disponível em: https://filosofia-africana.weebly.com/uploads/1/3/2/1/13213792/oyèrónké_oyèwùmí_-_conceitualizando_o_gênero._os_fundamentos_eurocêntrico_dos_conceitos_feministas_e_o_desafio_das_epistemologias_africanas.pdf Acesso em: 18 de nov. 2020.

POLLAK, M. **Memória e identidade social. Estudos Históricos.** Rio de Janeiro, v.5, n. 10, 1992, p. 200-212

PORTELLI, A. Um trabalho de relação: observações sobre a história oral. **Revista Trilhas da História.** Três Lagoas, v.7, no13 jul-dez, 2017. p.182-195

PRECIADO, P. B. **TESTO JUNKIE: Sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica.** Tradução Maria Paula Gurgel Ribeiro. N-1 edições, 2018.

RUBIN, Gayle. Políticas do sexo (Coleção Argonautas). Tradução Jamille Pinheiro Dias. Ubu Editora. Edição do Kindle. 2017

SANTHIAGO, R; MAGALHÃES, V, B. Rompendo o isolamento: reflexões sobre história oral e entrevistas à distância. Revista Anos 90, Porto Alegre, v. 27, 2020, p.1-18. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/anos90/article/view/102266>. Acesso em 30 set 2021.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil para análise histórica. In: Hollanda, H. B. (org). **Pensamento feminista** - conceitos fundamentais, Rio de Janeiro, Bazar do tempo, 2019. p.4980.

SILVA JUNIOR, P, M; CAETANO, M. Roda de homens negros: masculinidades, mulheres e religião. In: SILVA JUNIOR, P, M; CAETANO, M.(org.). **De guri a cabramacho: masculinidades no Brasil.**1º ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2018.

10. ANEXOS A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO
(MODELO)

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E BIOLÓGICAS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO INTERDISCIPLINAR EM ESTUDOS DA
CONDIÇÃO HUMANA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

(Resolução 466/2012 do CNS)

Eu, Thomas Victor Barreto Cardoso, estudante do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos da Condição Humana da Universidade Federal de São Carlos – UFSCar (Sorocaba) o(a) convido a participar, de forma voluntária e anônima ao conceder-me uma entrevista, da pesquisa “Construção das transmasculinidades: memórias e narrativas”, orientada pela Prof^a Dr^a Kelen Christina Leite. O objetivo da pesquisa é analisar o processo de construção das transmasculinidades, por meio da narrativa de memórias de homens transgêneros e transmasculinos.

Você foi selecionado(a) por ser homem trans/transmasculino, a responder uma entrevista pouco estruturada com alguns tópicos sobre aspectos que envolvem o tema da pesquisa. A entrevista será individual e realizada no local que preferir. As perguntas não serão invasivas à intimidade, entretanto, caso a participação gere estresse e desconforto como resultado da exposição de opiniões pessoais em responder perguntas que envolvem as próprias ações, os participantes terão garantidas pausas, liberdade de não responder alguma pergunta e podem interromper a entrevista a qualquer momento.

Sua participação auxiliará na obtenção de dados que poderão ser utilizados para fins científicos, proporcionando maiores informações e discussões que poderão trazer benefícios para a área das ciências humanas, com construção de novos conhecimentos e identificação de novas alternativas e possibilidades para estudos das masculinidades.

Sua participação é **voluntária** e a qualquer momento o (a) senhor (a) pode desistir e retirar seu consentimento. Sua recusa ou desistência não lhe trará nenhum prejuízo

profissional, seja em sua relação ao pesquisador, à Instituição em que trabalha ou à Universidade Federal de São Carlos.

Todas as informações obtidas através da pesquisa serão confidenciais, sendo assegurado o **sigilo sobre sua participação em todas as etapas do estudo**. Caso haja menção a nomes, a eles serão atribuídas letras, com garantia de **anonimato** nos resultados e publicações, impossibilitando sua identificação. Ainda, solicito sua autorização para gravação em áudio das entrevistas. As gravações realizadas durante a entrevista serão transcritas e utilizadas apenas para fins científicos.

Você receberá uma via deste termo, a ser assinado por você, pela pesquisadora e orientadora, onde constam os contatos das pesquisadoras. Se você tiver qualquer problema ou dúvida durante a sua participação na pesquisa poderá comunicar-se por qualquer um dos contatos abaixo a qualquer momento.

Thomas Victor Barreto Cardoso – Mestrando do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos da Condição Humana
Universidade Federal de São Carlos (UFSCar/Sorocaba) / Telefone: (11)98428-5261 E-mail: thomascardoso@estudante.ufscar.br

Profa. Dra. Kelen Christina Leite (Orientadora)
Departamento de Ciências Humanas e Educação/Universidade Federal de São Carlos (UFSCar/Sorocaba) / Telefone: (15) 98126-5799 / E-mail: kelen@ufscar.br

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar.

Sorocaba/SP _____, _____ de _____.

Nome do(a) Participante Assinatura do(a) Participante